



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
HISTÓRIA (PPGHIS)**

ENTRE ESPELHOS E MIRAGENS:

**O JORNAL *PALÁDIO* E O PROJETO DE MODERNIDADE NA CIDADE DE
ITACOATIARA – AM (1908 – 1911)**

GABRIEL CRUZ CARNEIRO

Foz do Iguaçu
2023

INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
(PPGHIS)

ENTRE ESPELHOS E MIRAGENS:
O JORNAL *PALÁDIO* E O PROJETO DE MODERNIDADE NA CIDADE DE ITACOATIARA –
AM (1908 – 1911)

GABRIEL CRUZ CARNEIRO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito à obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Renato da Silva

Foz do Iguaçu
2023

GABRIEL CRUZ CARNEIRO

ENTRE ESPELHOS E MIRAGENS:

O JORNAL *PALÁDIO* E O PROJETO DE MODERNIDADE NA CIDADE DE ITACOATIARA –
AM (1908 – 1911)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito à obtenção do título de Mestre em História.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Paulo Renato da Silva
(UNILA)

Prof. Dr. Pedro Afonso Cristóvão dos Santos
(UNILA)

Prof. Dr. Luís Balkar Sá Peixoto Pinheiro
(UFAM)

Foz do Iguaçu, _____ de _____ de _____.

Catálogo elaborado pelo Setor de Tratamento da Informação
Catálogo de Publicação na Fonte. UNILA - BIBLIOTECA LATINO-AMERICANA - PTI

C289

Carneiro, Gabriel Cruz.

Entre espelhos e miragens: o jornal Paládio e o projeto de modernidade na cidade de Itacoatiara-AM (1908-1911) / Gabriel Cruz Carneiro. - Foz do Iguaçu, 2023.
140f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História. Pós-Graduação em História. Foz do Iguaçu-PR, 2023.
Orientador: Paulo Renato da Silva.

1. Imprensa. 2. Amazonas. 3. Paládio. 4. Modernidade. 5. Progresso. 6. Periodismo. I. Silva, Paulo Renato da. II. Título.

CDU 654.195(091)(811.3)

Dedico este trabalho aos espelhos, que sendo universos em si mesmo, refletiram o meu delírio. E à minha mãe, que sempre esteve comigo.

AGRADECIMENTOS

Chegar neste momento do trabalho é sem dúvida motivo de alegria e satisfação, porém não é possível esquecer o contexto de luta e tristeza causado pela crise Covid-19 e os últimos anos de governos que ignoraram os anseios do povo. Esses agradecimentos partem do sentimento de que sem o apoio das pessoas aqui citadas, seria impossível ter forças para finalizar esta pesquisa. Apesar dos dilemas e questões, é gratificante a sensação de conclusão que o final do mestrado proporciona.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela disponibilidade da bolsa de recursos financeiros. Os caminhos desta pesquisa se iniciaram nos projetos de PIBIC, mas somente chegaram a esse momento graças a esses recursos investidos. Reitero a gratidão e reafirmo a importância da continuidade na atuação dessa distinta coordenação no incentivo à produção científica.

Agradeço à Universidade Federal do Amazonas (UFAM), especialmente ao Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais, a minha primeira casa, e aos anos de graduação em História ali empregados que me ofereceram os recursos para a formação de Historiador.

Agradeço também à Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), a minha nova casa. Uma universidade receptiva e acolhedora, que promove a criação de relações inestimáveis, haja vista que somente uma fronteira tão complexa e única como a de Foz do Iguaçu, permitiria. Nesse cenário, aproveito e agradeço a todos os professores e servidores do Instituto Latino-americano de Arte, Cultura e História desta universidade.

Ao meu orientador, professor Dr. Paulo Renato da Silva, que desde a entrevista de ingresso no Programa dedicou afincos e paciência, não medindo esforços em me incentivar na continuidade da pesquisa. Palavras são poucas para agradecer a quem fez muito mais do que a função exige, porque me ajudou em tudo que lhe foi possível desde o primeiro momento em que pisei nesta cidade. Esse agradecimento é tanto ao orientador engajado quanto ao amigo valioso, preocupado não somente com o andamento da pesquisa, mas com meu bem-estar mental e físico, além das minhas realizações e alegrias durante esse processo. Espero um dia, quem sabe, chegar próximo do profissional de qualidade ímpar, do amigo dedicado e do militante incansável em defesa da democracia que é o senhor.

Também dedico meus agradecimentos ao Programa de Pós-Graduação em História da UNILA, sobretudo pelas possibilidades ofertadas na formação acadêmica. Apesar da vida curta do programa, estando ainda em seus primeiros anos, ele é composto por docentes de grandíssima qualidade, que promovem aulas, debates e projetos que foram

valiosos na condução desses anos de mestrado. Nesse cenário, aproveito e agradeço ao professor Dr. Alexandre Varella pelo tempo e a paciência que dedicou a mim no auxiliar em infinitas demandas, frutos da representação discente e das minhas dúvidas e dilemas.

Sigo os agradecimentos a todos os professores do programa, mas em especial à Prof. Dr^a. Endrica Geraldo, pela assinatura da minha carta de intenção no início do processo seletivo que me permitiu ingressar no mestrado. Também ao Prof. Dr. Jean Bosco Kakozi, pela sua receptividade e olhar atento aos debates desenvolvidos em sua disciplina.

À Prof. Dr^a. Rosangela De Jesus Silva pela ampliação dos meus horizontes, fruto não somente da disciplina por ela articulada, mas também pelos ensinamentos teóricos e metodológicos que apareciam em eventos, diálogos na universidade e mesmo em ‘despreocupadas’ conversas nos corredores ou passeios pela cidade.

Agradeço também aos professores que compõem as minhas bancas de qualificação e defesa, Prof. Dr. Pedro Afonso Cristóvão dos Santos, quem esteve convidado para a banca desde a sua disciplina de Metodologia, e o Prof. Dr. Luís Balkar Sá Peixoto Pinheiro. Sou grato a ambos pelas contribuições valiosas, críticas e indicações que, sem dúvida, elevaram a qualidade deste trabalho.

Reforço meu agradecimento ao Prof. Dr. Luís Balkar não somente pela participação na banca, mas pela amizade inestimável desde os primeiros anos de graduação, sobretudo com os passos iniciais do que veio a ser este trabalho. Além disso, o convite para participar do Laboratório de História e Imprensa no Amazonas (LHIA), permitiu o meu crescimento como pesquisador do periodismo, também os auxílios, de computadores à livros, ou simplesmente um café no meio da tarde, que contribuíram na minha caminhada como historiador e ser humano.

Também dedico meus agradecimentos à Prof. Dr^a. Maria Luiza Ugarte Pinheiro, da UFAM, pela oferta das bases que estruturaram minhas pesquisas com os jornais desde a graduação e, sem dúvida, fazem-se presentes neste texto de dissertação. Espero fazer jus a seus importantes trabalhos.

Agradeço a todos os trabalhadores do Centro Cultural dos Povos da Amazônia, ao Governo do Estado do Amazonas, e à Secretaria de Cultura e Economia Criativa. Em especial ao Samuel Souza, que me abriu as portas do Centro de Documentação e Memória da Amazônia, permitindo o acesso à totalidade dos jornais digitalizados. Também à Canoa do Tempo – Revista Discente do Departamento de História – pelos meus anos fazendo parte do corpo editorial.

Aos integrantes e colegas atuantes do LHIA, em especial Dhyene Vieira pelas boas

trocas naquele espaço de pesquisa através da Imprensa.

À poetisa Nívea Chagas, que em um encontro inesperado pelas ruas do centro da cidade de Manaus, alegrou-me com a oferta do livro de poesias *Blocos de Vidro*, brindando-me com a inspiração do vidro e dos espelhos que se quebram em universos infinitos.

Por estarem presentes durante toda a minha vida, agradeço minhas duas avós, Maria Cristina Cruz e Raimunda Portela Carneiro. Trabalhadoras incessantes, avós cuidadosas que me ensinaram valores da vida e me incentivaram a seguir no labutar dos estudos. Estarei sempre procurando retribuir esses esforços, com carinho, conforto e amor da minha parte. Vocês duas são as pessoas que mais valiosas que guardo no coração.

Agradeço à minha mãe, Thereza Christina Cruz, quem mais me incentivou na vida, que todo dia me diz que tudo ficará bem. Foi minha mãe quem mais apoiou minha viagem para o Paraná e vinda ao mestrado. Sair do meu Amazonas foi doloroso, mas minha mãe sempre me fez ver que valia à pena. Espero um dia poder ser a pessoa que ela já diz que eu sou, e lhe dar todo o conforto e carinho que ganhei por tantos anos.

Também à minha madrastra, Vanessa Pereira Lopes, que ainda jovem caiu nas malhas do casamento e ganhou um enteado de brinde, e nunca deixou de dedicar esforços para me criar e me fazer crescer.

Sou grato aos meus irmãos, Thayná, Isabelly, Adam, Isaque, Circe e Ian, os quais amo do fundo do coração. Todos os seis representam momentos únicos da minha vida, e eu sei o quanto são pessoas valiosas.

Sou eternamente grato à Ana, psicóloga e confidente que aceitou me atender aqui em Foz do Iguaçu. Sem as palavras de conforto que ela me ofereceu, eu não teria conseguido dar um único passo neste trabalho e na vida.

Agradeço às minhas amigas leais e queridas, Jandira Magalhães e Girlane Santos. Estar aqui seria impossível sem elas, por todo o apoio emocional e financeiro que elas me deram. Mas, somente isso seria reduzir sua importância, sou grato por cada abraço afetuoso, cada crítica cuidadosa, as duas me abriram as portas de suas casas e me deram todo o carinho que eu poderia receber. Obrigado pela paciência, amor e cuidado, por todo o incentivo e respeito, leituras dos meus trabalhos, idas a eventos, bares e restaurantes. Meu maior agradecimento é por estarem sempre ao meu lado, nunca me deixando olhar para baixo, e espero passar a vida retribuindo todos esses sentimentos.

Igualmente aos meus queridos companheiros Michel Ribeiro e Alexandre Santos. Michel é um amigo de todas as horas, desde conversas despreocupadas sobre filmes, até questões sérias da vida, sou grato a ele e à Elisa – de quem tenho muita saudade – por

todos os bons momentos me proporcionaram ao abrir sua casa e me convidarem para estar com eles.

Ao Alexandre, grande crítico e incentivador dos meus trabalhos, sou grato não só pelas infindáveis leituras dos meus textos, que contribuíram em muito por toda a trajetória que tenho na academia, mas por sua amizade sincera, que sempre esteve me apoiando e me oferecendo caminhos para o crescimento, pessoal e profissional. Além da sua valiosa contribuição na degustação de bons vinhos.

Ao meu querido amigo Miguel Rebelo, que por tantas vezes esteve ao meu lado. Estendo meus agradecimentos a toda família do Miguel, Seu Salazar e Dona Targlane, João Pedro e sua filha Helena. Não poderia ser mais gratificante ter estado entre eles, dividindo alegrias e dilemas, mas sempre estando uns pelos outros. Sou grato por terem me aberto as portas de sua casa e me recebido como filho e irmão, me oferecendo sabedoria e carinho. Quero sempre viver à altura do que vocês representam!

Igualmente agradeço à Isabel Saboia. Encontrei Isabel no LHIA e ali construímos uma amizade que se estendeu para a vida. Isabel representa uma pessoa em que me espelho, com tantas qualidades quanto uma pessoa pode ter, esteve sempre comigo me dando palavras de carinho e conforto, como também me incentivando a continuar na vida acadêmica. Meu agradecimento é por não me deixar desistir, mas principalmente por estar ao meu lado.

À Amanda, Gabriela, Andria, Larissa, Nadyne, Michelle, Stephanny, Iracy e Yasmin. Ao Lucas, Matias, Cesar, Jean, Rafael, Daniel, Vinicius e Kaio. O apoio e respeito de vocês representam as forças que aqui me mantêm. Tenham certeza de que meu carinho por vocês não tem fim.

Enfim, agradeço a qualquer um que leia este trabalho, foi fruto de grandes esforços. Espero estar à altura das importantes obras referenciadas e discutidas neste texto, que é um singelo esforço para contribuir à História do periodismo Amazonense.

É fascinante ler a história do Brasil através dos jornais. Em cada páginas nos deparamos com aspectos significativos da vida de nossos antecessores, que permitem recuperar suas lutas, ideais, compromissos e interesses. (...) A Imprensa registra, comenta e participa da história. Através dela se trava uma constante batalha pela conquista dos corações e mentes. Maria Helena Capelato

RESUMO

A presente dissertação procura acompanhar a periodicidade do jornal *Paládio* (1908–1911), que circulou na cidade de Itacoatiara, interior do estado do Amazonas, no período conhecido como a Belle Époque da borracha, na esteira de debates como os de Luís Balkar Sá Peixoto Pinheiro (2017) e Maria Luiza Ugarte Pinheiro (2015), que destacam a circulação de jornais no Amazonas em localidades para além da capital, Manaus. Volta-se também aos sertões interioranos que, gradativamente, viam-se alcançados pela expansão capitalista. O cenário do jornalismo, tanto no Amazonas quanto no Brasil, na virada do século XIX para o XX, é de uma expansão na produção de jornais inédita até então. O país experimentou um processo de urbanização e crescimento econômico, e o Amazonas, em específico, passou por esse processo de boom econômico e urbanístico, fruto da exploração da borracha e do aumento populacional causado por ondas imigratórias. A proposta se dá, portanto, a partir da relação com os debates historiográficos acerca de cultura letrada e modernidade, problematizando as narrativas e os projetos do periódico, quando este se coloca como um arauto do progresso e guia de valores, além de ser um veículo de comunicação que supera os limites da municipalidade.

Palavras-chave: Imprensa. Amazonas. Paládio. Modernidade. Progresso. Periodismo.

ABSTRACT

The present dissertation seeks to follow the periodicity of the Paládio journal (1908-1911), which circulated in the municipality of Itacoatiara, in the interior of the state of Amazonas, in the period known as the Belle Époque of the Brazilian rubber, in the wake of debates such as of Luís Balkar Sá Peixoto Pinheiro (2017) and Maria Luiza Ugarte Pinheiro (2015) that highlighted the circulation of journals in Amazonas in locations beyond the capital, Manaus, turning eyes to the interior backlands that gradually saw themselves being reached by capitalist expansion. The journalism scene, both in Amazonas and in Brazil, at the turn of the XIX century to the XX is of an expansion in the production of journals never seen before, when the country is experienced a process of urbanization and economic growth, and Amazonas, specifically, went through a process of economic and urbanistic boom fruit of the exploration of rubber and the populational growth caused by migratory waves. The proposal is, thus, based on the relationship with the historiographical debates about culture and modernity, in problematizing narratives and projects of the periodical when it is placed as a herald of progress and a guide of values, as well as a vehicle of communication that surpasses the limits of the municipality.

Key words: Press. Amazonas. Paládio. Modernity. Progress. Journalism.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 – Primeira edição do <i>Paládio</i>	14
Figura 2 – Mapa do Amazonas e seus tributários	15
Figura 3 – O <i>Avança</i> e o <i>Paládio</i>	78
Figura 4 – Fotografia do Coronel João Pereira Barbosa	99

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2 ENTRE A IMPRENSA E A HISTÓRIA.....	21
2.1 ASPECTOS METODOLÓGICOS DO USO DA IMPRENSA	21
2.2. História e Historiografia da Imprensa no Brasil	30
2.3. História e Historiografia da Imprensa no Amazonas	41
2.4. Entre Cultura Letrada e Modernidade: algumas considerações teóricas..	49
3. O ESPELHO E A MIRAGEM: O JORNAL PALÁDIO COMO A LUZ NO CAMINHO DO PROGRESSO	59
3.1. DO MURMURO DA MOCIDADE NASCE UM JORNAL	59
3.2. Um jornal “apartidário” como porta-voz de um grupo político	90
3.3. Os paladinos do progresso: os projetos de alevantamento moral e material ...	100
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	127
5. REFERÊNCIAS.....	130

1 INTRODUÇÃO

As reflexões sobre as quais se debruçam este trabalho seguem a trajetória do jornal *Paládio*, órgão do Clube Recreativo Itacoatiarense, que circulou na cidade de Itacoatiara, no interior do Estado do Amazonas, entre os anos de 1908 e 1911, contando com 108 números publicados¹.

No decorrer desta dissertação, iremos demonstrar como esse periódico se articulava e intervinha nas relações, dinâmicas e conflitos da Itacoatiara do início do século XX, contexto em que a cidade, como um dos principais espaços alcançados pela expansão da economia da borracha, reconfigurou-se em um significativo desenvolvimento urbano.

Nesse sentido, os números do jornal *Paládio* permitem a construção de um olhar privilegiado sobre um dos expoentes do jornalismo no interior do Amazonas, no contexto do chamado "boom" dos periódicos, que percorre as duas últimas décadas do século XIX e as duas primeiras do século XX. Isto possibilita não somente uma reflexão sobre o próprio jornal enquanto objeto, apropriando-se de suas ideias, debates e projetos, mas também sobre ele enquanto fonte para uma historiografia do jornalismo nos sertões amazônicos.

O que se pretende discutir, portanto, é como o jornal, apresentado como um elemento de intervenção urbana, constrói-se e se articula, adotando de forma consciente um discurso em defesa do progresso e da modernidade, balizados pela consolidação do discurso do capitalismo em expansão. A partir disso, busca-se compreender como o semanário desenvolve esse projeto em suas páginas, colocando-se como detentor da "grandiosa missão" em civilizar seus leitores e sua população.

Entre 9 de Setembro de 1908 e 23 de julho de 1911, período em que foram respectivamente publicadas a sua primeira e a última edição, o *Paládio*, sucessor do efêmero *Avança* (1907) – produto do mesmo grupo responsável pelo periódico que é objeto deste estudo –, circulou pela cidade de Itacoatiara apresentando-se como órgão defensor dos interesses daquela população, apelando a um discurso de "moral" e "honra", e reivindicando um progresso que a cidade pretensamente mereceria em troca dos esforços incansáveis dos batalhadores, os "paladinos do progresso", que viviam naquela terra.

Na esteira de construir uma discussão que procura acompanhar a trajetória do *Paládio*, pondo em foco seus projetos de modernidade e consolidação de uma cultura letrada na cidade de Itacoatiara, o subtítulo desta dissertação procura sintetizar e dar a

¹ O jornal faz parte do acervo de periódicos do Centro Cultural dos Povos da Amazônia, contando com as edições microfilmadas e digitalizadas. Faltam os números 2, 14, 39-40, 53, 77-78, 82, 87 e 106.

direção do debate. Nesse bojo, a expressão “entre espelhos e miragens” não surgiu ao acaso, mas foi apropriada do debate de Marcos Morel e Mariana Barros em seu livro *Palavra, Imagem e Poder*, e serve como uma forma de elucidar a relação entre redatores e público na atividade jornalística².

Na perspectiva de Morel e Barros, o espelho diz respeito a como esses redatores percebem e propõem suas posições e identidades, a partir de suas próprias referências, enquanto a miragem seria uma imagem idealizada, por vezes em vão, de um público ou uma opinião que apenas existe nos projetos de quem escreve.

Apesar de seu layout pequeno e até simples, se comparada aos grandes jornais das principais cidade do país, o *Paládio* se comportava como um arauto do progresso, procurando tecer redes de comunicação com grandes centros, para além da capital do Estado, Manaus, e buscando se relacionar com as dinâmicas que aconteciam no Rio de Janeiro, então capital do país, e em São Paulo, dois dos principais centros urbanos do Brasil, além de veicular e opinar sobre questões do exterior, especialmente da Europa, mas também repercutindo as tensões políticas na América Latina.

² A metáfora dos espelhos e miragens não é incomum na historiografia da imprensa. Luís Balkar Sá Peixoto Pinheiro, em 2000, publicou o texto *Entre o espelho e a miragem: o programa oficial “Brasil 500 Anos”: Folha da História*.



Figura 1 – Primeira edição do *Paládio*³⁴

Crescendo à beira do rio Amazonas, a cidade de Itacoatiara se estabeleceu no contexto da exploração da borracha como um relevante espaço de relação entre as navegações, e, de acordo com Luís Munaro, “pode ser considerada a maior cidade da periferia do Estado do Amazonas no início do século XX”⁵.

³ Primeira página do número inaugural do *Paládio*. As marcas referentes a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro dão indícios do local onde o jornal foi digitalizado.

⁴ *Paládio*, nº1, Itacoatiara – AM, 9 de setembro de 1908. Disponível no acervo do Centro Cultural dos Povos da Amazônia.

⁵ MUNARO, Francisco Luís. *Imprensa periférica no Amazonas: Os jornais de Itacoatiara e a formação de elites locais. Cidades das letras: saberes e memórias*. GECA-UFPA 2015, p. 3.

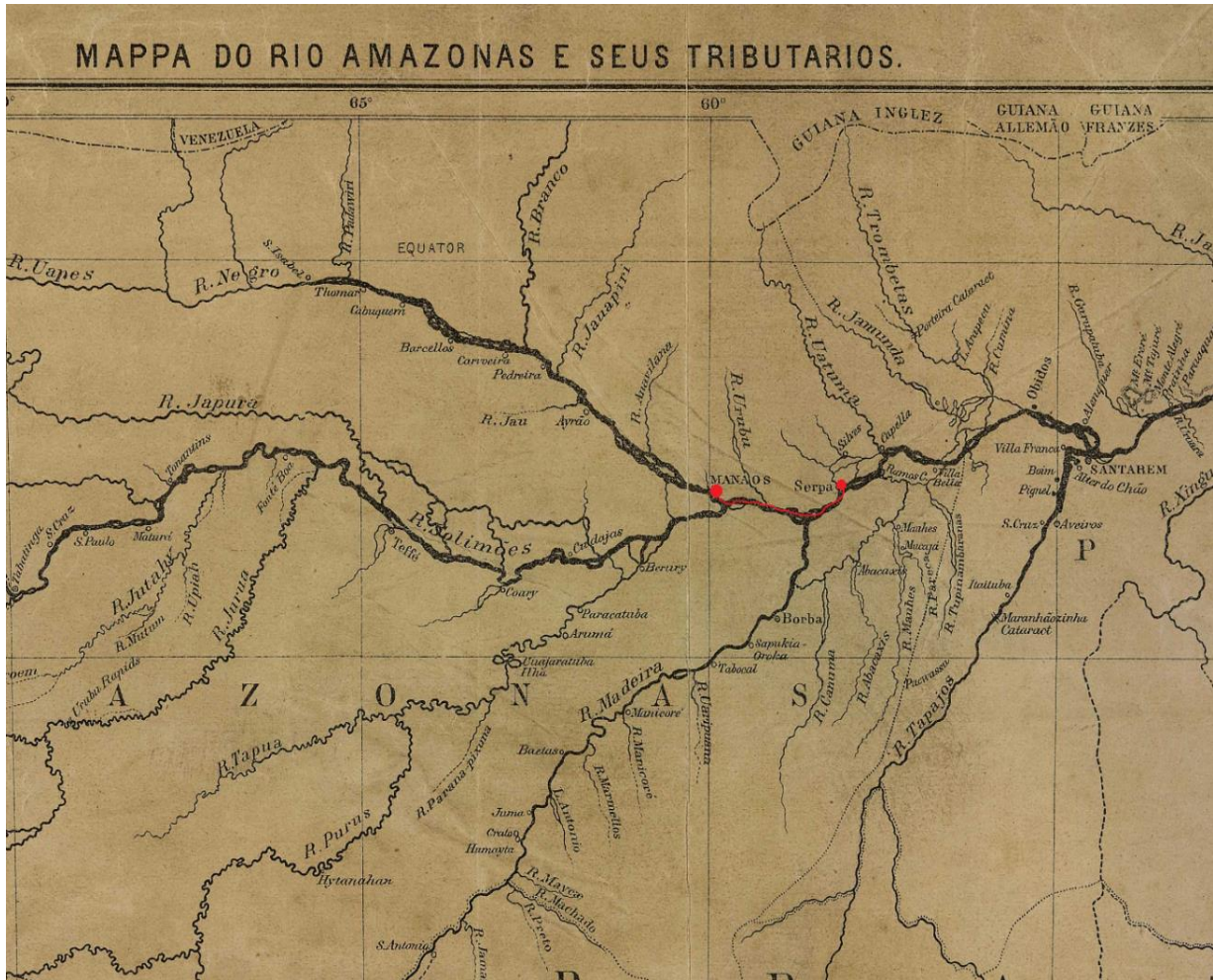


Figura 2 – Mapa do Amazonas e seus tributários⁶

Na introdução da obra organizado por José Ribamar Bessa Freire, *Cem anos de Imprensa no Amazonas (1851 – 1950)*, evoca-se o argumento de que a imprensa, como elemento da História do Brasil, não havia sido suficientemente estudada até aquele ponto⁷⁸. Partindo dessa indagação, os organizadores afirmam que “(...) a imprensa participou ativamente das transformações da sociedade brasileira, desde a luta pela Independência até a campanha pela anistia”⁹, passando também por diversos outros momentos, como as “Diretas Já”, as disputas em prol da Abolição da escravatura e a Proclamação da República.

Na perspectiva dos organizadores, essa atuação em que a imprensa se vê

⁶ Mapa do Rio Amazonas e seus tributários [Cartográfico]. Fonte: Arquivo Nacional.

⁷ FREIRE, José Ribamar Bessa (Org.). *Cem Anos de Imprensa no Amazonas (1851 - 1950)*. 2. revisada. ed. Manaus - AM: Editora Umberto Calderado, 1990., p. 11.

⁸ O século XXI tem trazido um novo fôlego para as produções historiográficas dedicadas à Imprensa Amazonense, especialmente com o surgimento do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas e o desenvolvimento de relevantes dissertações e teses que têm usado do periodismo como fonte e objeto.

⁹ FREIRE, 1990, p. 11.

permeada, intervindo ativamente e objeto direto de intervenção, ocorre “(...) porque a imprensa, inevitavelmente, reflete as contradições da sociedade onde ela está inserida”¹⁰.

A esse respeito, Nelson Werneck Sodré em *História da Imprensa no Brasil*, com primeira edição lançada em 1966, propõe que as forças que controlavam a imprensa a partir da segunda metade do século XIX eram o Estado e o capital comercial. Os jornais, ou os grandes jornais, foram tornando-se empresas capitalistas, inseridos e manipulados no conjunto de elementos que eram apropriados pelas forças controladoras, Estado e Capital.

Nesse cenário, o jornal e a tipografia são objetos que antecedem a República, e passam por esse processo de transformação atrelados a dinâmica econômica que influenciou na construção dos jornais-empresas que Sodré destaca. Dessa nova configuração, a Imprensa encontrou sua expansão e consolidação.

Apesar desse cenário de transformações que percorre a transição do século XIX ao XX, com a consolidação da grande imprensa e seu caráter empresarial, Sodré¹¹ também ressalta – e é nessa esteira que caminha este trabalho – que ainda resiste, especialmente nos interiores, nas pequenas cidades, a imprensa de caráter artesanal, representada pelas folhas semanais produzidas em tipografias simples, envoltas pelos processos mais rudimentares de produção e, muitas vezes, ligadas às lutas locais, geralmente vinculadas aos pequenos grupos de elite política que disputavam o poder naqueles espaços.

É importante problematizar essa perspectiva levantada por Sodré – pondo-a como uma caracterização geral –, haja vista que autores como Luís Balkar Sá Peixoto Pinheiro e Luís Francisco Munaro¹², ao se voltarem à imprensa interiorana no Amazonas, perceberam esse cenário do periodismo ligado às lutas locais e envolto pelos interesses das elites políticas. Mas, para além dessas questões, os autores também acusam nesse periodismo um caráter que procura superar os limites da localidade. O próprio *Paládio* é expressão desse movimento, quando, apresentando-se como “defensor dos interesses locais”, procurava não somente refletir as contradições daquela localidade, mas também intervir em questões a nível internacional e difundir na região uma identidade progressista, adotando uma postura que visava “conquistar a palma da vitória ao lado dos paladinos do progresso desta formosa Itacoatiara”¹³.

Nesse sentido, esta pesquisa tem como proposta uma expansão do olhar da

¹⁰ Ibidem, p. 11.

¹¹ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*, 1999, p. 275.

¹² PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto (Org.). *Imprensa e Sociedade na Amazônia 1870 – 1930*. Manaus – AM: Editora CRV. 2017; MUNARO, 2015; 2018.

¹³ ITCOATIARENSE, *Paládio*, nº1, Itacoatiara – AM, 9 set 1908.

historiografia do periodismo, enfatizando a Imprensa Amazonense em um recorte que se desenha entre fins do século XIX e início do XX.

Para além dos estudos que se concentram na capital do Estado, Manaus, durante a *Belle Époque* Amazônica, o que se pretende é uma reflexão acerca das relações de imprensa construídas nos interiores do Amazonas, buscando perceber as relações entre o *Paládio* e aquela sociedade itacoatiarense que experimentava dinâmicas próprias de construção de identidades, à medida em que era alcançada pelos tentáculos da expansão capitalista¹⁴ crescente no país e no próprio Amazonas, em muito alavancada pela exportação gomífera¹⁵.

A partir dessas reflexões norteadoras, duas questões teóricas balizam os debates que se propõem neste trabalho, o processo de consolidação da cultura letrada, atrelado aos elementos ligados à produção e manutenção do periódico, procurando aproximar e perceber as relações do jornal com o contexto social que o circunda, e a questão da reivindicação da modernidade presente no discurso do *Paládio*, procurando observar como o jornal apresenta em suas páginas uma narrativa de progresso atrelado ao desenvolvimento urbano, civilidade moral e uma recusa do passado, tido como atrasado.

Quem desenvolve esse conceito de cultura letrada, no cenário amazonense, é Maria Luiza Ugarte Pinheiro. A historiadora percebe a imprensa periódica para além das alcunhas engessadas de “oficiaisca” e monólfica em seu discurso, ou seja, em direção a uma apropriação do discurso jornalístico, percebendo-o como possibilidade para a “percepção das tensões e conflitos que permeiam a própria sociedade”¹⁶.

Essa proposta de uma historiografia mais aproximada aos processos urbanos e às relações sociais desenvolvidas no espaço da cidade, caminha em relação a uma fuga, assinalada por Luís Pinheiro, da História “Arquitetônica”, quando a cidade, especialmente Manaus, era referenciada por historiadores¹⁷ a partir desse olhar voltado aos monumentos, às grandes construções ou mesmo às grandes figuras ligadas ao poder público.

Em paralelo a isso configurou-se o “estigma do seringal”, que reduziu a imagem do Amazonas ao contexto da produção gomífera. Foi um período de intensa produção

¹⁴ HABERMAS, Jürgen. *Mudança Estrutural da Esfera Pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995, p. 29.

¹⁵ A expressão diz respeito ao período, comumente recortado entre 1880 e 1920, em que a região Amazônica experimentava o movimento expansivo do comércio do látex.

¹⁶ PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *Folhas do Norte: Letramento e Periodismo no Amazonas (1880 - 1920)*. 3 ed. ed. Manaus - AM: Edua, 2015. 348, p. 20.

¹⁷ Entre os principais memorialistas e historiadores amazonenses estão nomes como Agnello Bittencourt (1985), Anísio Jobim (1996) e Arthur Cezar Ferreira Reis (1933; 1939).

periódica que abarcou todo o país, e o Amazonas não foi exceção.

A segunda questão a ser debatida no decorrer deste trabalho é a modernidade nas páginas do jornal. Maria Luiza Pinheiro afirma que uma das principais narrativas que percorriam as páginas daquelas folhas no recorte deste trabalho era a busca pelo progresso e a reivindicação da modernidade, sobretudo como projeto de presente e de futuro para as comunidades que circundavam esses títulos, mas também ao país de forma mais abrangente.

Nas páginas do *Paládio* não são poucos os textos que repercutem as práticas e criam demandas em esfera municipal, estadual e nacional, ou debates a respeito de posturas legisladoras de hábitos e costumes relacionados ao progresso, a exemplo do editorial do terceiro número do semanário que, sob a manchete “O Paládio”, dizia:

Quando empreendemos a nossa jornada alimentava-nos ao lado de nosso esforço decidido pelo progresso desta terra o patrocínio franco e sincero de nossa educada população pressurosa a attender o apello que lhe fizemos em prol da realização do nosso ideal¹⁸.

Na continuidade desse texto se percebe uma constante “batalha pelo progresso moral e material” daquela terra, que seria a cidade de Itacoatiara, um elemento que aparece com frequência nas páginas do periódico, e pode servir para uma percepção não só dessa reivindicação da folha, como também para perceber como esse discurso era empregado, quais projetos, debates e intervenções vinham juntos do discurso, quais elementos eram demandados como expressão dos avanços morais e materiais tão caros ao discurso do *Paládio*.

Como Maria de Nazaré Sarges¹⁹ aponta, esse momento da alta da produção da borracha, expansão urbana e conseqüente efervescência da circulação de jornais, convencionou-se a ser tratado como a *Belle Époque* da Modernidade Amazônica, e o próprio periodismo, como destaca Maria Luiza Pinheiro é, ou apresenta-se como um emblema dessa modernidade que não somente se percebia nos avanços de impressão e tipografia, mas também nos discursos e nas mentes dos seus idealizadores²⁰.

Diante dessas observações, pensar a Imprensa perpassa por construir um imaginário da cidade. Como esclarece Beatriz Sarlo acerca de Buenos Aires, na virada do

¹⁸ O PALÁDIO, Paládio, nº 3, Itacoatiara – AM, 17 de setembro de 1908.

¹⁹ SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: riquezas produzindo a Belle Époque*, 2010.

²⁰ PINHEIRO, 2015, p. 29.

século XIX ao XX, acabou por ser cada vez mais questionado o imaginário de uma cidade homogênea, devido às radicais mudanças que foram introduzidas pelo crescimento urbano. Longe de equiparar o caso da capital argentina à cidade de Itacoatiara, o que se pretende a partir de Sarlo é essa percepção de uma cidade em transformação, onde essas mudanças acabam por serem percebidas no público²¹.

Essa ruptura com o passado, um passado visto como negativo e digno apenas do esquecimento, aparece no jornal *Paládio* como uma manifestação de recusa a um estado de “barbárie” e selvageria representados tanto pela vida na floresta, quanto por hábitos, costumes e mesmo uma arquitetura ultrapassados, sobretudo quando observados relacionados com a demanda do progresso como um futuro grandioso.

A partir dessa reivindicação, o periódico procurou se aproximar de uma civilização idealizada pautada pelo progresso. O jornal posicionou-se como detentor de um “verniz civilizatório”, para usar a dimensão proposta por Emília Viotti²², o que lhe daria o papel de promover o progresso da cidade. Nesse contexto, o *Paládio* se vale da emanção de uma retórica dotada de uma tradição que permitiria os seus membros legislar sobre a sociedade.

Partindo dessas colocações, este trabalho será dividido em dois capítulos, com o primeiro “Entre Imprensa e História” se direcionando a uma discussão acerca da História e Historiografia da Imprensa. A proposta é destacar o contexto em que está inserido o *Paládio* na história do periodismo, o dito “boom” dos jornais que aconteceu entre as duas últimas décadas do século XIX e as duas primeiras do século XX.

Em outras palavras, o que se pretende é destacar importantes debates no campo da historiografia da imprensa no Brasil, privilegiando as principais interferências e perspectivas teóricas debatidas nas últimas décadas; já no caso amazonense: recortar o escopo em relação aos autores e projetos que circundam a historiografia local.

O segundo capítulo, “O Espelho e a Miragem: o jornal *Paládio* como a luz no caminho do progresso”, caminhará em relação aos usos do conceito de cultura letrada aqui apresentados nas páginas do *Paládio*, procurando perceber no periódico como o jornal se colocava como porta-voz de um projeto político e cultural para a cidade de Itacoatiara, destacando suas relações com a política e as elites locais.

Ainda nesse capítulo, parte-se da premissa de que a noção de modernidade não

²¹ SARLO, Beatriz. *Una modernidad periférica: Buenos Aires 1920 y 1930*. 3. ed. Buenos Aires: Nueva Visión, 1999, p. 19.

²² COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República: Momentos Decisivos*. 6. ed. São Paulo: Fundação da Editora da UNESP, 1999, p. 243.

está dissociada da construção de uma cultura letrada, cabe se debruçar sobre a reivindicação do moderno e o anseio ao progresso que pautam a ideologia do jornal, procurando construir uma análise desse discurso frente a um cenário de expansão econômica e conseqüente crescimento urbano, sobretudo aquele pautado pela alta da economia gomífera. Contudo, esse processo também acompanhou um cenário de entusiasmo que ditava o ritmo das grandes cidades do Brasil, como a urbanização e o crescimento industrial, elementos centrais que marcaram as páginas do *Paládio* quando ele se valia de uma ruptura com um passado considerado atrasado.

O que se procura neste trabalho é a construção de uma análise que privilegie os discursos e projetos de um jornal que surge imerso aos conflitos e disputas na cidade de Itacoatiara, que experimentava um avanço urbanístico e adensamento populacional em meio ao frenesi dos últimos anos de alta da economia da borracha.

Enfim, este trabalho é apenas um fragmento no rico campo da imprensa amazonense que tem voltado seus olhares aos sertões amazônicos, procurando abraçar com maior ímpeto os processos urbanos²³.

²³ PINHEIRO, 2017, p. 21.

2 ENTRE IMPRENSA E HISTÓRIA

Um primeiro exercício deste capítulo se dá em apresentar alguns aspectos teórico-metodológicos acerca dos usos da Imprensa enquanto fonte e objeto. Junto dessas indicações metodológicas, cabe uma aproximação à História e Historiografia, apresentando um cenário nacional do periodismo e privilegiando os debates circunscritos ao cenário do Amazonas, apresentando as linhas de reflexão que surgiram na historiografia local.

Por fim, ainda se faz necessário o apontamento das bases teóricas que norteiam os debates a serem desenvolvidos no capítulo seguinte, dedicando-se às reflexões que enfocam as noções de cultura letrada e modernidade.

2.1 ASPECTOS METODOLÓGICOS DO USO DA IMPRENSA

Jacques Le Goff procura definir que a ciência histórica passou, na segunda metade do século XX, por um processo de *revolução documental*²⁴, quando as percepções do que seriam os documentos de uso dos historiadores foram ampliadas de forma sem precedentes, em um afastamento da objetividade histórica oriunda da Escola Positivista.

O historiador que se baseia exclusivamente em documentos tratados como oficiais, seguindo uma abordagem positivista, frequentemente se depara com limitações diante de uma ampla gama de contextos e sujeitos que essas fontes acabam por negligenciar, resultando em uma representação histórica que reflete uma "História vista de cima". Essa abordagem marginaliza e menospreza uma variedade de sujeitos diversos que compõem as diferentes facetas das sociedades. A partir da segunda metade do século XX, houve uma expansão além dos textos oficiais, incluindo outros tipos de escritos, como cartas, fábulas, contos e jornais, bem como fontes de naturezas diversas, como imagens, relatos orais, pinturas e produtos audiovisuais, entre outros.

Por fim, percebe-se nesse movimento historiográfico apontado por Le Goff uma crítica ao positivismo histórico, que estabelecia o documento como produto de uma verdade, como fundamento do fato histórico revestido de uma noção de prova.

Le Goff, aponta ainda os documentos enquanto *monumentos*²⁵, como heranças do passado, definidos por sua condição de elemento da memória, atrelado a uma busca de

²⁴ LE GOFF, Jacques. *História e Memória: Memória*, 1982, p. 541.

²⁵ Segundo Le Goff (1982, p. 535), "monumento" vem do latim *monumentum*, e remete também a uma raiz indo-europeia com o termo *men*, que exprimem funções do espírito e da memória. De forma objetiva, monumento ou *monumentum*, é aquilo que pode evocar o passado.

perpetuação do que o circunda, ou seja, na manutenção da identidade das sociedades históricas que elaboram e procuram, a partir desses objetos, um caráter coletivo.

Valendo-se dessa ampliação historiográfica a partir da segunda metade do século XX que destaca Le Goff, é importante à discussão deste trabalho uma aproximação com os usos e métodos que norteiam a Imprensa como documento histórico.

A esse respeito, Tânia Regina de Luca considera que nos anos 1930, os *Annales*, banhados pelas ideias de seus fundadores, Marc Bloch e Lucien Febvre já se dedicavam a uma crítica à historiografia de cunho positivista. Na esteira dessa percepção dos documentos destacada por Tânia Regina, ocorreu uma hierarquização das suas funcionalidades, em privilégio daqueles que supostamente dariam ao ofício do historiador um caráter imparcial e “verdadeiro” na construção histórica.

Aos jornais, nessa hierarquia dos documentos, atribuiu-se uma posição inferiorizada, porque “pareciam pouco adequados para a recuperação de um passado, uma vez que essas “enciclopédias do cotidiano” continham registros fragmentários do presente”²⁶. Além disso, haveria uma nociva subjetividade nas folhas dos periódicos, já que seriam ferramentas de interesses, paixões e projetos dos grupos que lhes produziam e, por isso, não poderiam ser postos à prova pela “função virtuosa” do historiador em busca da verdade.

Os *Annales* e a historiografia de forma mais geral foram se transformando no decorrer do século XX, como já anunciavam Jacques Le Goff e Pierre Nora, em *História: Novos Problemas*²⁷. O que aparece é a necessidade de uma “tomada de consciência” por parte dos historiadores em relação ao “relativismo de sua ciência”²⁸, sobretudo quando a História deixou de ser um absoluto de estudos do passado ancorada no positivismo científico, para ser refletida a partir de questões do presente, transformando o caráter dessa ciência.

Com efeito, o objeto da história se abrange e se entrelaça simultaneamente entre uma história vivenciada e uma história construída, o que obriga os historiadores a lidarem com novas questões no âmbito historiográfico. Como destaca Rafael Saraiva Lapuente, a *revolução documental* foi acompanhada por uma série de transformações na forma como os historiadores concebem e abordam a escrita da história, ou seja, a “(...) concepção de uma história-problema, embasada a problemáticas e hipóteses no início da pesquisa”²⁹.

²⁶ LUCA, Tânia Regina de. *História dos, nos e por meio dos periódicos*, 2008, p. 112.

²⁷ LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História: Novos Problemas*, 1995., p. 12.

²⁸ Ibidem, p. 12.

²⁹ LAPUENTE, Rafael Saraiva. *A Imprensa Como Fonte: Apontamentos Teórico-Metodológicos Iniciais Acerca Da Utilização Do Periódico Impresso Na Pesquisa Histórica*, 2016, p. 16.

Enfim, o movimento dos *Annales*, por si só, representou uma inversão em relação ao modelo positivista, no qual as concepções antecederiam a consulta aos documentos. Essa mudança implicou que a pesquisa documental não fosse apenas uma confirmação das problemáticas pré-estabelecidas pelos historiadores. Dentro das "novidades metodológicas" propostas pelos *Annales*, conforme apontado por Lapuente, emergiu uma demanda por interdisciplinaridade, visando eliminar o isolamento da História.

A adoção da interdisciplinaridade ampliou a visão dos historiadores em relação às fontes e aos objetos de estudo, tornando-os mais abrangentes e suscetíveis a diferentes interpretações. Esse processo consolidou a superação das bases positivistas da historiografia, sobretudo na busca de uma abordagem centrada em problemas históricos.

Tânia Regina de Luca lembra, com foco no caso brasileiro, que pelo menos até a década de 1970³⁰ os estudos históricos que se valiam de usos de jornais ou revistas como fontes eram pouquíssimos, frente ao universo de periódicos que circularam no país em alta demanda pelo menos desde o final do século XIX.

Esse massivo volume de produção, junto da ampliação do olhar dos historiadores, fez com que não pudessem mais serem escanteados pelos pesquisadores, caminhando para um reconhecimento da "importância de tais impressos"³¹. Mais do que uma História através da imprensa, a qual sem dúvida se tornou uma demanda, houve uma preocupação com uma História da Imprensa propriamente, pondo-a cada vez mais no caráter de objeto e não apenas de fonte da Historiografia.

Este trabalho é também uma expressão desse movimento, quando o *Paládio* aparece não somente como uma fonte para a construção de um estudo acerca da cidade de Itacoatiara ou mesmo sobre o jornalismo nos interiores, mas torna-se objeto quando suas colunas, projetos e narrativas surgem como o foco do debate, onde se procura compreender como o periódico se insere no projeto de modernidade que perpassa o imaginário dos grupos letrados no início do século XX.

Além disso, convém esclarecer que o próprio lugar do historiador se tornou um elemento que compõe a pesquisa. A importância aparece como uma questão norteadora da transformação da imprensa enquanto documento histórico. Como afirmam Heloísa de Faria e Cruz e Maria do Rosário da Cunha Peixoto, *Na Oficina do Historiador*, "a importância crucial dos meios de comunicação na atualidade faz da reflexão sobre a comunicação social

³⁰ LUCA, 2008, p. 118.

³¹ LUCA, 2008, p. 112.

um campo interdisciplinar estratégico para compreensão da vida contemporânea”³², estando, o historiador e a própria sociedade que o circunda e da qual ele faz parte, submersos em um sistema pautado em alto grau pelas tecnologias da informação, ainda mais do que componentes, haja vista que se impõem como forças ativas no tecido social.

Ainda nesse olhar de uma nova história, o *Uma História Social da Mídia: de Gutemberg à Internet*, de Asa Briggs e Peter Burke, é quase um manifesto aos trabalhadores da comunicação e aos historiadores para que os primeiros considerem a História e os segundos levem “em conta seriamente a teoria e a tecnologia da informação”³³.

John Thompson, em *Ideologia e Cultura Moderna*, explica de forma contundente que em todas as sociedades “a produção e a troca de formas simbólicas e expressões linguísticas, gestos, ações, obras de arte etc., é, e sempre tem sido, uma característica onipresente da vida social”³⁴, desde a invenção da Imprensa, ou mais propriamente da máquina de impressão por Gutemberg em 1493.

Nesse sentido, jornais, panfletos, folhetos e livros acabaram por serem produzidos em cada vez maior escala desde o século XVII. Os meios de comunicação, desde o século XIX, atingiram rapidamente o desenvolvimento no século seguinte, e têm sobre si uma importância crucial, como assinalam Cruz e Peixoto:

Sistemas de satélites e cabos, novas tecnologias e redes de informação, a comunicação sem fio e digital, televisão aberta e a cabo, rádio, computador, celular, jornais, revistas, sites blogs, e-mails, chats, torpedos, sinalizam o grande emaranhado de tecnologias, artefatos e mensagens que invadem nosso cotidiano configurando as redes de comunicação e informação que se organizam na atualidade e que se impõem para a reflexão nas diferentes áreas de pesquisa e ensino.³⁵

A Imprensa é e tem sido cada vez mais apropriada pela historiografia como fonte e objeto histórico, sobretudo a partir de uma perda da inocência³⁶. Retornando à compreensão de Le Goff, segundo o qual todo documento é fruto de uma monumentalidade que o permeia, e, portanto, remete ao campo da subjetividade, o próprio historiador dos

³² CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. *Na Oficina Do Historiador: Conversas Sobre História e Imprensa*, 2007, p. 254.

³³ BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *Uma História Social da Mídia: De Gutemberg à Internet*, 2006., p. 12.

³⁴ THOMPSON, John B. *Ideologia e Cultura Moderna: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*, 2011., p. 9.

³⁵ CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 254.

³⁶ *Ibidem*, p. 254.

Annales ressalta a necessidade de uma fuga da simples constatação da *revolução documental*, tratando-a como um fim em si mesma, devendo o historiador submeter o documento “a uma crítica mais radical”³⁷.

Além disso, a partir de Michel Foucault, Jacques Le Goff ressalta que o documento não é um mero elemento que se encontra por conta das buscas ao passado, mas “(...) é um produto da sociedade que o fabricou, segundo as relações de forças que aí detinham o poder”³⁸.

No cenário brasileiro, Tânia Regina de Luca destaca certo pioneirismo de alguns trabalhos, a partir do citado deslocamento no estatuto da imprensa em 1970, quando “o próprio jornal se tornou objeto da pesquisa”³⁹. Luca aponta trabalhos produzidos no bojo desse deslocamento de sentidos, destacando a tese de doutoramento de Arnaldo Contier, de título *Imprensa e Ideologia em São Paulo*, publicada em 1973, e teve como objeto um estudo do “(...) vocabulário político-social presente num conjunto de jornais publicados entre o fim do Primeiro Reinado e início da regência”⁴⁰.

Contier teve como caminho o estudo do vocabulário político-social, valendo-se do uso da Linguística e Semântica, em jornais no recorte do Primeiro Reinado e na Regência, procurando apreender bases ideológicas no complexo campo político do país recém-independente.

Além da tese de Contier, outro trabalho citado por Tânia Regina é livro fruto da reunião das dissertações de Maria Helena Capelato e Maria Ligia Prado, *O Bravo Matutino*, lançado em 1980, no qual as historiadoras voltaram seus olhares para a publicação de um relevante jornal republicano, *O Estado de S. Paulo*, como fonte e objeto de estudo, procurando perceber a imprensa como instrumento ativo de manipulação e intervenção social.

Procurando destacar a trajetória de *O Estado de S. Paulo*, Capelato e Prado acompanham a trajetória do jornal percebendo-o como um “defensor” de posturas liberais, observando a reiterada postura do periódico como um “órgão modelador da opinião pública” em um cenário onde o jornal atuava politicamente de forma efetiva no contexto de transição da República liberal para o momento pós-revolução de 1930.

³⁷ LE GOFF, 1982, 468.

³⁸ Idem, p. 471.

³⁹ LUCA, 2008, p. 118.

⁴⁰ Ibidem, p. 118.

Também é importante destacar o pioneiro trabalho de Gilberto Freyre ao fazer uso da imprensa, em: *O Escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*, pronunciado primeiro em forma de conferência em 1934 e publicado somente em 1963 como livro. Observando títulos como o *Jornal do Comércio* e o *Diário de Pernambuco*, Freyre apresenta um quadro complexo da sociedade brasileira, destacando especialmente como os escravos eram descritos nesses impressos.

A partir desses anúncios, Freyre apresenta um significativo quadro da sociedade brasileira do século XIX, observando que os escravos aparecem nas páginas dos impressos referidos com base em características de origem étnica, idade, forma do corpo, sexo; além de forma de andar, vícios, comportamentos e trajas.

Trata-se de um elemento indicativo dessa complexidade apreendida por Freyre o aparecimento nos anúncios de descrições que destacam capacidades linguísticas dos escravos, como domínio da fala e da leitura. Questões essas que indicam um cenário complexo da sociedade brasileira do século XIX, no qual escravos, mesmo em um contexto de altas taxas de analfabetismo, estavam imersos em relações que superavam o ambiente doméstico, indo aos espaços urbanos e em contato com grupos capazes de ler e escrever.

Nesse cenário, compreende-se que os periódicos, como documentos da História, têm sido cada vez mais tratados como importantes fontes para a compreensão do cotidiano das sociedades e demais processos históricos. Em outras palavras, os jornais fornecem uma percepção a partir de olhares múltiplos, frutos de diversas camadas sociais que dizem respeito a plurais interesses sociais e políticos acerca das diversas temáticas estudadas.

Recordando a demanda de Le Goff acerca da necessária crítica às fontes por parte do historiador, uma ressalva e crítica aberta feita por Cruz e Peixoto é a de um cenário de poucas discussões acerca de um repertório de procedimentos metodológicos, afirmando que, “quando esses materiais são utilizados como fontes em nossas pesquisas, atividades de pesquisa e ensino, na maioria das vezes, a sensação que fica é a de aparecem como objetos mortos, deslocados das tramas históricas nas quais se constituem”⁴¹.

Além disso, complementam que, via de regra, o que prevalece é uma pesquisa sobre o assunto em pauta, “no qual o artigo e seções identificados são imediatamente deslocados dos veículos e integrados, sem quaisquer mediações de análise, ao contexto macro da pesquisa”⁴².

⁴¹ CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 256.

⁴² Ibidem, p. 256.

Demanda-se, portanto, a partir de um olhar metodológico da imprensa como objeto histórico, uma superação da perspectiva linear⁴³ que se atribui à Imprensa, por vezes tratando a História da Imprensa como mero derivativo de uma História Política ou Social. A partir dessas questões, tem-se como necessidade aos estudos que usam dos periódicos, como este se propõe fazer, para uma reflexão sobre a própria historicidade da Imprensa, “problematizando suas articulações ao movimento geral, mas também a cada uma das conjunturas específicas do longo processo de constituição, de construção”⁴⁴ de projetos de poder nas sociedades modernas.

Uma questão cara a esta pesquisa é a percepção do *Paládio* não como uma mera expressão do cenário de transformações que se desenrolava na cidade de Itacoatiara, e no Amazonas de forma mais ampla no início do século XX. O que se pretende no decorrer deste trabalho é compreender os projetos de um jornal no bojo dessas transformações que pautavam as realidades às quais o periódico estava inserido, observando como o periódico sofre interferências e intervém de forma ativa socialmente. Mais do que registros de acontecimentos, pretende-se perceber o jornal como ingrediente dos processos que debate, intervém e sofre influência.

Nesse sentido, os apontamentos de Darnton nos ajuda para uma discussão que, dividida com alguns relatos da própria experiência do autor de seus tempos de ofício no campo da comunicação, apresenta-nos um interessante panorama em relação à estrutura de funcionamento de um jornal, descrevendo de forma detalhada como se articulavam as disputas dentro da oficina e quais os elementos que definiam a hierarquização dos temas e dos personagens a serem abordados ou rechaçados⁴⁵.

Essa percepção de Darnton se constitui como um elemento importante na análise do *Paládio*. Mais do que descrever seus principais idealizadores e projetos, cabe situar em que espaços sociais e políticos esses elementos se articulavam e observar como essas disputas se desenrolavam nas páginas do periódico.

Nesse cenário, o jornal, a partir das ideias propostas por Darnton surge como um campo de disputas e paixões. Atrelado a uma administração municipal que dominava o cenário do periodismo na segunda metade da década de 1910 em Itacoatiara. Nesse bojo, o *Paládio* elenca críticas, elogios, demandas e projetos calcados nas relações sociais nas quais seus organizadores estão imersos.

⁴³ Ibidem, p. 256.

⁴⁴ Ibidem, p. 257.

⁴⁵ DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette*, 1990, p. 8.

A esse respeito, René Barata Zicman, em *História Através da Imprensa – Algumas considerações metodológicas*, a partir da fórmula de Pierre Albert, propõe uma leitura dos jornais que observe atrás, dentro e em frente a eles⁴⁶, sendo atrás, os elementos que servem à sua realização e controle, “proprietário, empresa editora e corpo de redatores e jornalistas”⁴⁷; ou seja, todo o universo social e de interesses que compõe a equipe editorial, desde os “donos” ou “mecenas” até os trabalhadores manuais, de um lado.

Por outro lado, "dentro" do jornal diz respeito à materialidade do periódico, dando destaque, além das características da publicação, a questões como publicidade, aspectos técnicos (como disposição dos temas e organização das páginas), temas recorrentes e as tendências privilegiadas pelas publicações. E, por fim, a "frente" do jornal diz respeito aos elementos externos, como a relação do periódico com o público, audiência e repercussão - elementos que não serão foco deste trabalho.

Junto dessa discussão de Zicman, cabe um retorno à Cruz e Peixoto em sua tentativa de “desconstrução” de mitos em torno da imprensa. Elas lembram aos historiadores que os jornais e diversas outras fontes “não existem para que os historiadores e cientistas sociais façam pesquisas”⁴⁸, e o próprio ato de transformar o periódico em fonte histórica é um elemento próprio da intencionalidade do historiador, demandando então uma constituição de um corpo teórico-metodológico que discuta o trato da fonte no transcorrer da pesquisa.

A primeira questão que as historiadoras apontam é a impossibilidade do uso dos jornais, mesmo que de fragmentos deles, como notas, imagens, colunas ou notícias, sem uma necessária aproximação e mesmo contextualização em relação ao projeto editorial ao qual aquele recorte está submerso. Assim, “nossas perguntas iniciais e centrais são relativas a como determinada publicação se constitui como força histórica ativa naquele momento”⁴⁹. Isto é, dada a necessidade de se apropriar do jornal como um todo, e não apenas de seus fragmentos, haja vista que o primeiro passo a ser dado diz respeito aos aspectos formais e materiais do jornal, que Zicman destaca.

Como assinalam Cruz e Peixoto, cabe ao historiador o desenvolvimento de uma “sensibilidade de leitura” frente à materialidade dos jornais sobre os quais se debruça procurando extrair, nesse processo de identificação, desde elementos como título e

⁴⁶ ZICMAN, René Barata. *História a través da imprensa – algumas considerações metodológicas*, 1985, p. 92.

⁴⁷ *Ibidem*, p. 92.

⁴⁸ CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 260.

⁴⁹ *Ibidem*, p. 260.

subtítulo da publicação, como também as datas limites de sua circulação, sua periodicidade, e mesmo as questões ligadas à sua conservação, como classificação de acesso nas instituições que preservam essas fontes, e propriamente o acervo em que se faz a pesquisa⁵⁰.

Para dar apenas alguns exemplos da importância dos títulos, em jornais que circularam no Amazonas, como o *Jornal do Comércio* (1904), o *Liberal do Amazonas* (1873-1874) e a *Pátria Portuguesa* (1920), é possível apreender, sobretudo, aspectos iniciais da história dessas publicações, como a área de circulação e os grupos sociais para os quais se destinavam os periódicos.

Mesmo o *Paládio* pode ser pensado a partir do simbolismo presente em seu título, quando, acompanhando a tendência de seu companheiro de publicação em Itacoatiara, o *Arauto* (1906 - 1911), o *Paládio* tira seu nome dos “paladinos”, valendo-se desse idealismo de “valor e honra”⁵¹, para caminhar em seu projeto de progresso para a cidade de Itacoatiara.

Por meio dessas alcunhas, “paladino” e “arauto” podem indicar o lugar que esses periódicos ocupavam. Enquanto “arauto” faz referência aos oficiais medievais responsáveis por anúncios de batalhas e defensores de grandes ideias, o jornal surge em 1906, muito próximo do coronel João Pereira Barbosa, o “paladino”, que remete aos cavaleiros medievais que buscavam, em suas façanhas, demonstrar valores e defender os oprimidos. Surge em 1908, muito ligado ao *Arauto* e à superintendência recém-estabelecida de Barbosa.

Ainda dentro dos aspectos formais⁵², tem-se a importância do olhar acerca do projeto editorial e gráfico dos jornais, cabendo uma atenção à composição desses elementos. Destacam Cruz e Peixoto: “A análise do projeto gráfico volta-se para a organização e distribuição de conteúdo nas diversas partes e seções no interior do periódico”⁵³, e dentro dessa observação, os dados a serem levantados e analisados dizem respeito às capas e principais páginas, que funcionam como a vitrine e primeira referência nos periódicos, proporcionando uma percepção acerca dos temas tratados pela editoração como mais relevantes, também as partes e cadernos, porque permitem uma compreensão da

⁵⁰ Em relação as fontes desta pesquisa, o jornal *Paládio* foi acessado pelo acervo de periódicos microfilmados do Centro Cultural dos Povos da Amazônia, na cidade de Manaus. O arquivo conta com 96 das 108 edições da folha digitalizadas e em bom estado de conservação. O Acervo do Centro Cultural conta com jornais da região Amazônica desde 1821 até 1990.

⁵¹ O PALÁDIO, *Paládio*, nº55, Itacoatiara – AM, 19 de abril de 1910.

⁵² ZICMAN, 1985, p. 93.

⁵³ CRUZ. PEIXOTO, 2007, p. 262.

hierarquização dos conteúdos nas folhas, além de edições comemorativas, seções diversas, colunas fixas assinadas, manchetes, colagens e legendas, iconografia e os principais anunciantes e publicidades.

Outro aspecto que aponta Zicman diz respeito às questões econômicas e da clientela dos jornais, propriamente as condições técnicas, tiragem, circulação e distribuição dos títulos. Apesar da importância desses elementos para a compreensão do perfil de um periódico, Cruz e Peixoto apontam que há um campo de pressões recíprocas entre publicação e leitores, onde “no mesmo movimento, a imprensa busca confirmar e, em aparente contradição, perscrutar interesses e perspectivas do público leitor”⁵⁴.

Essas questões acerca da construção histórica do documento e da imprensa como objeto deste trabalho surgem a partir da necessidade de evitar análises do periodismo que o considerem como um mero reflexo de uma realidade externa, sem qualquer interferência própria. É importante reconhecer que a imprensa não se limita a ser apenas um reflexo de si, mas funciona “como um espaço privilegiado de poder e mobilização”⁵⁵, e por isso demanda uma reflexão mais detida sobre os processos que permeiam sua produção e publicidade.

2.2 História e Historiografia da Imprensa no Brasil

Após surgirem questões pertinentes acerca das transformações na historiografia em relação às noções de documentos, à utilização da imprensa como fonte e objeto histórico, bem como às principais questões que norteiam a metodologia, o próximo passo deste capítulo consiste em propor uma análise abrangente da historiografia por meio e através da Imprensa, baseando-se nos debates de Tânia Regina de Luca. O objetivo deste subcapítulo é destacar algumas das discussões que envolvem o jornalismo no contexto brasileiro, além de considerar o recorte específico do Amazonas.

No contexto brasileiro, Marcos Morel destaca que somente em 1808, com a chegada da família real e o estabelecimento da Imprensa Régia, houve a instalação de equipamentos tipográficos no país, com o aval do Estado. Contudo, impressos já circulavam antes da colônia, oficial ou clandestinamente⁵⁶.

O *Correio Braziliense* é tratado por alguns pensadores como o primeiro jornal

⁵⁴ Ibidem, p. 264.

⁵⁵ Ibidem, p. 264.

⁵⁶ MOREL, Marcos. *Os primeiros passos da palavra impressa*. São Paulo: Editora Contexto, 2012, p. 17.

brasileiro, sendo fundado em 1808, editado por Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça. Fora produzido em Londres e circulava em terras brasileiras trazido nos navios. Após a Imprensa Régia, Morel e Barros atribuem a Hipólito um papel relevante pondo-o como um dos “expoentes” do que viria a ser tratado como “Reino da Opinião”, uma “instituição abstrata, sem fronteiras territoriais demarcadas, mas se materializava em folhas de papel impresso e obtinha força política considerável nas sociedades”⁵⁷.

Talvez, o primeiro grande jornal produzido pela Imprensa Régia e durante os seus anos passou pela direção de figuras e identidades diversas. Em outras palavras, é a *Gazeta do Rio de Janeiro*, lançada em setembro de 1808, na capital da América Portuguesa, dirigida em seus primeiros anos pelo frei Tibúrcio da Rocha e D. Rodrigo de Sousa Coutinho, até a morte deste, passando para o comando de Manuel de Araújo Guimarães até 1821⁵⁸.

Torna-se interessante também destacar esse conceito evocado por Morel, referenciando como “Reino da Opinião”, que surge a partir do desenvolvimento da noção de opinião pública junto com o crescimento da imprensa régia nas suas primeiras décadas. A própria ideia de opinião pública, em Morel, aparece esquivando-se de uma literalidade ou de uma interpretação que a coloque como um elemento de vontade própria.

O historiador procura se aproximar de uma questão até mais relacionada à semântica para construir sua percepção do termo. A expressão é primeiramente polissêmica, além de polêmica, o que possibilita uma interpretação, a partir dos contextos observados, dos fundamentos da política moderna pós-absolutista. Portanto, agora de forma mais objetiva, a opinião pública, nessa imprensa característica do século XIX sobre a qual detinha seu reino, “era um recurso para legitimar posições políticas e um instrumento simbólico que visava transformar algumas demandas setoriais numa vontade geral”⁵⁹.

Ainda dentro desse primeiro momento do periodismo do Brasil, destacando o recorte proposto por Juarez Bahia, a imprensa ainda apresentava um caráter eminentemente voltado às causas políticas⁶⁰, funcionando em boa medida como recursos informativos de órgãos oficiais, dentro de uma dinâmica de prestação de serviços⁶¹. Na esteira do

⁵⁷ MOREL; BARROS, 2003, p. 17.

⁵⁸ Figura atuante no periodismo do contexto, atuou também em títulos como *O Patriota* (1813) e *O Espelho* (1822), jornais que circularam na cidade do Rio de Janeiro.

⁵⁹ MOREL, 2012, p. 24.

⁶⁰ BAHIA, Benedito Juarez. *História, Jornal e Técnica: História da Imprensa Brasileira*, 2009. v. 1.

⁶¹ Um exemplo desse tipo de imprensa pode ser o primeiro jornal do Amazonas, *Cinco de Setembro* (1851), que surge como órgão associado ao governo de Tenreiro Aranha e se dedica à publicação de atos oficiais da administração pública.

encerramento do período regencial e ascensão de Pedro II ao posto de imperador, a palavra impressa foi ganhando outro espaço sobre suas funções.

Como destaca Ana Luiza Martins, “a palavra e a imagem impressa ganharam força e expressão, com escritos de toda ordem que se propagaram por múltiplas experiências periódicas, produzidas por agentes sociais diversos, que atuaram em favor do desejado cenário civilizatório do Império”⁶².

Nesse sentido, Martins argumenta que, imerso em um contexto de significativo crescimento atrelado à Monarquia, o periodismo no Brasil se viu inserido dentro de um projeto de fortalecimento de uma cultura ocidental, inspirada por certa preocupação frente às quedas de várias monarquias europeias.

As figuras centrais no campo político que começaram a ditar os movimentos da imprensa no Brasil que, em grande medida, mantinham estreitas relações com o Império. Martins aponta que:

Política e imprensa se conjugam, a serviço dos partidos – Conservador ou Liberal – atrelados a grupos familiares, condicionados a seus interesses econômicos e afinidades intelectuais. Em geral, os partidos e respectivas famílias se fazem representar por meio de um jornal, demarcador de suas posições, ambições e lutas.⁶³

Ana Luiza Martins procura afirmar que o cenário do periodismo no Império estaria longe da homogeneidade e de um caráter conciliatório⁶⁴. Os processos de ruptura, tais como a Revolução Liberal de 1842, que envolveu ações armadas em São Paulo e Minas Gerais, e os eventos de guerra causados pela Revolta Farroupilha no Sul do país, além das tensões comerciais com a Inglaterra, contribuíram para que suas disputas se tornassem evidentes nas páginas dos veículos de imprensa. Nesse período, a maioria desses veículos

⁶² MARTINS, Ana Luiza. *Imprensa em Tempos de Império*, 2012, p. 32.

⁶³ MARTINS, 2012, p. 32.

⁶⁴ Dentre as figuras destacadas por Martins, está o paulista Justiniano José da Rocha, formado em Direito e diretor de títulos como *O Brazil* (1852) e o panfletário *Ação, Reação e Transação*, que circulava nos primeiros anos do reinado de Pedro II, Francisco Lisboa, que dirigiu no Maranhão folhas como *O Brasileiro* e *Farol Maranhense*, seria outro exemplo dessa imprensa crítica e combativa no cenário político.

tinha um caráter incisivamente político-partidário⁶⁵⁶⁶.

O periodismo amplia os temas debatidos em suas páginas, muito pela abertura comercial aos espaços internacionais e consequente efervescência das relações sociais que decorrem deste processo⁶⁷. Na segunda metade do século XIX, especialmente a partir da década de 1870, a imprensa tornou-se um espaço amplo para diversos movimentos contra a Monarquia.

A partir dos elementos destacados por Ana Luiza Martins, os acirrados temas da crise entre a Igreja e o Estado, a insatisfação dos militares e a campanha pela Abolição foram fortemente trabalhados pelos jornais do contexto, fossem defensores da Monarquia, da manutenção do sistema escravista ou que se posicionavam em direção ao rompimento com essas instituições.

Nelson Werneck Sodré, em *História da Imprensa no Brasil*, reforça o debate em relação ao cenário da segunda metade do século XIX do país. O governo de Pedro II via-se em um estado de complexas relações e as consequências da guerra contra o Paraguai as tornaram ainda mais atribuladas. Com o fim do conflito, o Brasil se encontrava em uma nova fase, em um contexto em que as reformas já demandadas começaram a ter suas vozes cada vez mais difíceis de serem abafadas, juntamente com um cenário em que as lutas políticas também se acirraram. A imprensa, em seu caráter de interventor da opinião pública, teve sobre si um protagonismo significativo nesse momento.

Martins destaca que o "ideal republicano" já estava presente, em certa medida, no Brasil desde o século XVIII, sendo expresso pelos jornalistas e se manifestando por meio de uma imprensa organizada como um programa de partido. Ele destaca que apesar de alcançar poucos correligionários, essa imprensa atuava de forma efervescente, e desse movimento surgiram títulos como a *Gazeta de Campinas* (1869), um "ninho de republicanos"⁶⁸ e *A Província de São Paulo* (1875) que, apesar de colocar-se como

⁶⁵Durante a passagem da Regência para o reinado de Pedro II, o cenário político da corte se via marcadamente dividido entre os partidos Liberal e Conservador. Nesse contexto, com a dissolução dos votos da Eleição do Cacete e a consequente perda de poder dos liberais, fruto de ações dos conservadores membros do Conselho de Ministros, o Movimento Liberal surge em 1842 fruto das inquietações e contestações em relação ao fortalecimento dos poderes dos conservadores.

⁶⁶ A Farroupilha, tratada como uma das revoltas mais duradouras do Império brasileiro indo de 1835 até 1845, foi caracterizada pela mobilização de proprietários de terras do Rio Grande do Sul que insatisfeitos com as cobranças do poder central, demandaram a separação da província.

⁶⁷ Fonteles (1985) aponta que voltar o olhar para imprensa do século XIX demanda uma percepção de um segmento constantemente engajado em lutas por um "regime mais democrático", quando a imprensa nesse contexto participou de forma ativa nos movimentos por Independência, Abolição e os conflitos pela instauração da República.

⁶⁸ MARTINS, 2012, p. 50.

apartidário, divulgava atos do PRP.

Além disso, no último quartel do século XIX, apareceu atrelado a uma atuação partidária nas imprensas periódicas da corte, e contava com parcelas influentes de diversos setores da população, como: “militares liberais, jovens oficiais, cafeicultores do Sudeste e os quadros do Partido Republicano Paulista (PRP)”⁶⁹. Em suma, os grupos que usaram da instrumentalidade proporcionada pelos jornais, sobretudo como porta-vozes de suas reivindicações e projetos.

Sodré serve de complemento nessa questão ao lembrar que, apenas entre os anos de 1870 e 1872, surgiram no país mais de 20 jornais republicanos – no Amazonas também se percebe uma expressão desse momento, com o surgimento de títulos como o *Amazonas* (1871) e *Commercio do Amazonas* (1871). Embora, a um olhar contemporâneo do século XXI, esse número possa parecer pouco expressivo, no século XIX ele representava uma significativa propagação dos discursos republicanos.

Nessa Imprensa republicana, como Juarez Bahia destaca, surgem periódicos como o relevante *A Reforma*, órgão do Partido Liberal, que em 1869 lançou um manifesto com os dizeres “A reforma ou revolução”, mostrando uma divisão e mesmo conflito “entre o papel moderador, conciliador, de D. Pedro II e a pressão da sociedade, catalisada por liberais e republicanos que pregam o abolicionismo e o federalismo”⁷⁰.

Retornando aos recortes propostos por Juarez Bahia, os anos que se seguiram a partir de 1880 até as primeiras décadas do século XX dizem respeito à segunda fase da imprensa no Brasil. A primeira fase foi definida pelos anos que compreenderam a instalação da Imprensa Régia até o fim da Monarquia no país.

Essa segunda fase corresponderia aos *Tempos Eufóricos*, que Ana Luiza Martins e Tânia Regina de Luca anunciam em seu livro *Imprensa e Cidade*, correspondentes ao surgimento da dita Imprensa Profissionalizada⁷¹.

A esse respeito, Nelson Werneck Sodré faz questão de evitar as ilusões de uma interpretação que coloque a mudança de regime como um momento de ruptura brutal, ponderando que o próprio periodismo nos primeiros anos da República não teve significativas transformações em suas estruturas, não tendo identificado também o surgimento de grandes jornais nesse primeiro movimento. Com efeito, permaneciam os grandes títulos ainda de tempos monárquicos, talvez com maior alcance, e um discurso

⁶⁹ MARTINS, 2012, 50.

⁷⁰ BAHIA, 2009, p. 118.

⁷¹ MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de. *Imprensa e Cidade*, 2006, p. 35.

mais efusivo contra ideias monarquistas.

Dentro dessa percepção de mudanças pouco significativas na segunda metade do século XIX, Emília Viotti da Costa, em *Da Monarquia à República*, explica que movimentos como a abolição da escravatura, o desenvolvimento das ferrovias, o relativo crescimento do mercado interno e uma ainda tímida industrialização não transformaram profundamente os padrões urbanos já definidos nos anos da colônia e que ainda guardavam bases no fim do Império. Porém, a própria Emília Viotti faz essa ressalva: esses fenômenos citados, apesar de não representarem rupturas radicais, precisam ser percebidos como movimentos importantes na composição da transformação da estrutura econômica e social do país, contribuindo em escala crescente no desenvolvimento em relação ao seu mercado interno e proporcionando os incentivos à urbanização⁷².

Nelson Werneck Sodré destaca que os anos de governo de Deodoro da Fonseca e os que sucederam seu mandato foram de lutas políticas e de grande incerteza⁷³. Sodré aponta para um contexto de manutenção de velhas contradições ainda presentes na sociedade brasileira e que se aprofundam na cisão dentro dos grupos de poder. Havia aqueles que buscavam a ampliação das reformas reivindicadas desde antes da mudança de regime e aqueles que se mostravam refratários a esses movimentos. Apesar de seu caráter gradual e distante de ser imediato, a virada do século XIX para o XX representa um momento de grande e intenso fluxo de mudanças na sociedade brasileira.

A esse respeito, Nicolau Sevcenko na introdução do terceiro volume de *História da Vida Privada no Brasil*,

Estimuladas sobretudo por um novo dinamismo no contexto da economia internacional, essas mudanças irão afetar desde a ordem e as hierarquias sociais até noções de tempo e espaço das pessoas, seus modos de perceber os objetos ao seu redor, de reagir aos estímulos luminosos, a maneira de organizar suas afeições e de sentir a proximidade ou o alheamento de outros seres humanos.⁷⁴

Além disso, Sevcenko aponta um cenário que, além do Brasil, surge como uma tendência no Ocidente. A economia global, neste momento, estaria enfrentando um processo de integração sob o jugo do modelo capitalista, fortemente impactado pela chamada Segunda Revolução Industrial, na segunda metade do século XIX. Sevcenko

⁷² COSTA, 1999, p. 233.

⁷³ SODRÉ, 1999, p. 259.

⁷⁴ SEVCENKO, Nicolau *et al.* *História da Vida Privada no Brasil: República: da Belle Époque à Era do Rádio*, 1998, p. 7.

baseia essa percepção nos debates de Eric Hobsbawm em *Era dos Extremos*, no qual apresenta um cenário da economia do final daquele século em que o capital se pretendia liberal mundial. Essa característica global, citando o historiador inglês, "acentuou-se continuamente ao longo do século XIX, à medida que estendia suas operações a partes cada vez mais remotas do planeta e transformava todas as regiões"⁷⁵.

A imprensa também se diversificava⁷⁶. Robert Levine em *O Sertão Prometido*, discorre sobre o cenário do massacre de Canudos e dá o tom sobre a atividade periódica no país:

No Brasil do século XIX, as taxas de alfabetização eram baixas, mas a atividade jornalística era intensa. Cada facção política disseminava suas ideias através de pelo menos um periódico. Em 1897, o ano da última campanha contra Canudos, 27 jornais foram criados na capital federal.⁷⁷

Ainda recorrendo a Levine, para apresentar uma dimensão do periodismo no século XIX, o autor destaca que "quase 700 jornais foram publicados na Bahia no transcorrer do século, e até a aldeola de Curralzinho teve nove"⁷⁸.

Luís Balkar Sá Peixoto Pinheiro, no *Imprensa e Sociedade na Amazônia*, destaca o relevante número de pelo menos 600 jornais que circularam por todo o Estado entre 1851 e 1950, em um percentual de 18% entre os 120 títulos editados nos interiores.

Procurando um recorte um pouco mais detido, a coletânea de João Batista de Faria e Souza, de título *A Imprensa no Amazonas*⁷⁹, procura inventariar os jornais publicados entre os anos de 1851 e 1908. Apresenta um número de 371 impressos que circularam no estado entre capital – com maior incidência nela – e os interiores.

O jornalismo experimentou, já na Primeira República, um processo de modernização na forma e conteúdo. Se na Monarquia a política era o grande foco do periodismo, nesse novo momento ela não deixa de ter seu relevante espaço; mas, como destaca Maria de Lourdes Eleutério: "(...) o crescimento urbano propiciava o ímpeto de reportar novos focos de notícia"⁸⁰.

⁷⁵ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*, 1995., p. 42.

⁷⁶ SODRÉ, 1999.

⁷⁷ LEVINE, Robert. *O Sertão Prometido: o massacre de Canudos no Nordeste brasileiro 1893*, 1995., p. 54.

⁷⁸ Ibidem, p. 54.

⁷⁹ FARIA E SOUZA, João Batista de. *A Imprensa no Amazonas (1851-1908)*. Manaus: Tipografia da Imprensa Oficial, 1908.

⁸⁰ ELEUTÉRIO, 2012, p. 57.

Em suma, diferentes grupos sociais, heterogêneos recortes populacionais, gradativamente foram fazendo da imprensa um espaço não só de circulação de informações, mas de debates, defesas e lutas. Dentre os novos focos estão os espaços para segmentos como uma imprensa focada na mulher ou dedicada à infância, além de títulos que destacam a literatura⁸¹.

O desenvolvimento tecnológico se viu de forma especial nesse contexto, com melhoramentos relevantes nos materiais de impressão que compunham os espaços das tipografias.

No livro póstumo *Memórias* de Humberto de Campos, no qual são contadas as vivências do proeminente jornalista, político e membro da Academia Brasileira de Letras, há um relato acerca de sua experiência como jornalista no Maranhão na passagem do século XIX ao XX:

O mês de dezembro de 1899 decorreu, na verdade, na esfera em que eu passava a exercer a minha atividade, festivo e animado, os telegramas do Rio de Janeiro, que os jornais maranhenses publicavam, anunciavam grandes demonstrações de regozijo por toda parte. O “Século das Luzes” ia apagar-se, legando ao que lhe vinha suceder uma infinidade de conquistas que o anterior jamais imaginara. Que espantos, que prodígios traria no seu mistério o século que ia surgir? Que nome se lhe devia dar, no nascedouro? Tudo era alegria e esperança, no coração da humanidade alvoreçada.⁸²

Para além do entusiasmo com o fim do século e todo o sentimento de nervosismo e ansiedade que permeiam sua narrativa, um elemento que pode ser destacado nesse fragmento é o telégrafo. Apesar de ter sido criado na primeira metade do século XIX, somente no final dessa centúria começou a ser utilizado como elemento nos veículos de imprensa no Brasil, o que dinamizou de forma nunca antes vista a circulação de informações entre os principais centros urbanos do país, chegando também aos Estados do Amazonas e Pará.

A esse respeito, Marialva Barbosa, em *História Cultural da Imprensa*, esclarece que

⁸¹ Essa *Belle Époque* da imprensa apontada por Eleutério diz respeito especialmente às revistas, com títulos como a *Kosmos* (1904 – 1909), dirigida por Mário Behring e contando com nomes influentes como Olavo Bilac, Artur Azevedo e Capistrano de Abreu. A revista serve como exemplo desse espaço de manifesto em suas narrativas em favor de um progresso material e civilizatório. Títulos como *Tico-Tico* (1905) e *Dom Quixote* (1895-1903) servem de exemplo dos primeiros movimentos de uma imprensa dedicada ao público infantil, apresentando quadrinhos, caricaturas e pequenos jogos. Permeadas por uma linguagem coloquial e pela publicação de crônicas, revistas como a *Klaxon* (1922-1923) e a *Revista de Antropofagia* (1928-1929) serviam de espaço de debate dos movimentos modernistas que guiavam a literatura do período.

⁸² CAMPOS, Humberto de. *Memórias e Memórias inacabadas*, 2009., p. 252.

nesse cenário houve a introdução dessas tecnologias no periodismo, ou seja, de forma pioneira nos grandes jornais do Rio de Janeiro no ano de 1874. O telégrafo, segundo Barbosa, “é apenas um dos artefatos do progresso que se disseminam no país e com mais intensidade na capital da República”⁸³.

No caso específico de Itacoatiara, segundo publicação do jornal manauara *A Federação*, do dia 4 de novembro de 1900, foi instaurada no dia anterior a linha telegráfica entre a capital do Amazonas e a cidade, empreendimento do governo do Estado junto da empresa *Telegraph Company, Limited*.

Além disso, mecanismos como o cinematógrafo, o fonógrafo e a linotipo⁸⁴ também foram tecnologias que deram o ar de sua imposição no cenário urbano do periodismo e, conseqüentemente, permearam o imaginário social a partir desse recorte, possibilitando de forma acentuada o movimento de expansão na produção de jornais em circulação⁸⁵. Com efeito, a imprensa se inovou, não somente em conteúdo, mas em sua forma.

Nelson Werneck Sodré esclarece esse processo de introdução às tipografias de novos mecanismos e aparatos tecnológicos. A exemplo do prelo *Darriey*, que serviria para a impressão de 5000 exemplares por hora⁸⁶, também os jornais, ainda segundo Sodré, se tornaram cada vez mais uma espécie de linha de produção.

Dessas novas ferramentas, o uso da ilustração aparece como a mais atraente aos olhos, quando as charges, caricaturas e fotografias tiveram seus custos subtraídos e a sua qualidade melhorada graças às inovações técnicas. Eleutério também menciona o avanço do campo gráfico com um alargamento dos mercados consumidores e uma conseqüente maior produção interna de papel para comportar esse “boom” dos impressos⁸⁷.

Evidentemente, essas inovações não chegaram ao mesmo tempo em todos os espaços que faziam uso da imprensa no Brasil, especialmente em relação aos interiores, o *Paládio* como fruto de um contexto mais acanhado frente aos grandes centros urbanos do

⁸³ BARBOSA, Marialva. *História Cultura da Imprensa: Brasil (1900-2000)*, 2007., p. 21.

⁸⁴ O fonógrafo é um aparelho inventado por Thomas Edison em 1877, tendo sido o primeiro aparelho que gravava e reproduzia sons através de um cilindro. A linotipo, máquina desenvolvida por Ottmar Mergenthaler em 1884 é uma ferramenta que funde em blocos as linhas de caracteres tipográficos, composta por um teclado.

⁸⁵ Segundo Alice Dubina Trusz (2011, p. 16-17), essa aproximação com o cinematógrafo e o fonógrafo se deu nas primeiras décadas do século XX, sobretudo associada à proliferação das revistas ilustradas, pautadas por uma diversidade temática fruto de expectativas cosmopolitas de camadas letradas da sociedade. Nesse contexto, as revistas teriam caminhado no incremento da atuação de repórteres e fotógrafos como forma de dinamizar as notícias, indo de debates sobre as sociabilidades públicas nos cafés, cinemas e tabernas, até a construção de visões da modernidade urbana.

⁸⁶ SODRÉ, 1999, p. 28

⁸⁷ ELEUTÉRIO, 2012, p. 57.

início do século XX, haja vista que apresentava uma estrutura bem mais simples, com a sua produção constantemente interrompida pela falta de materiais tipográficos e contando com pouquíssimas imagens em suas páginas.

Os principais veículos de imprensa que começam a ganhar influência e uma maior circulação nas grandes cidades são, na maior parte das vezes, os títulos que absorvem esses novos aparatos tecnológicos para a otimização da sua produção. Exemplo disso são os jornais mais vendidos do Rio de Janeiro, nos primeiros anos da República, como *A Gazeta do Rio*, *Correio da Tarde* e *Jornal do Comércio*⁸⁸.

Com efeito, os jornais ganharam proporções maiores, até mesmo alcançando uma periodicidade diária, o que era um dos maiores anseios das publicações. A imprensa se apresenta, assim, permeada por um caráter vocacional que via nas grandes cidades, ou, ao menos nas elites, um estado favorável aos que trabalham em suas fileiras.

Maria Helena Capelato afirma que “todos os jornais procuram atrair o público e conquistar seus corações e mentes”⁸⁹. Esses periódicos, desde sua idealização, fundação, diagramação, publicação e manutenção, tem como norteador um projeto, uma causa ou simplesmente uma ideia, seja econômica ou política, e usam, os seus idealizadores, das ferramentas as quais tem alcance para expor e defender esses posicionamentos. A imprensa, e mais propriamente a grande imprensa, é um espaço em que esses interesses políticos e econômicos estão intimamente relacionados.

A imprensa se consolida, nesse alvorecer do século XX, e mais do que isso, nas grandes cidades começa a assumir um caráter essencialmente industrial, constituindo um processo de transição do periodismo, da pequena ou artesanal, para a grande empresa, quando o jornal cada vez mais assume a configuração de uma estrutura comercial que transformava a informação em um produto.

Logo, o periodismo assume de forma clara os moldes capitalistas que, gradativamente, ditavam os caminhos nos cenários urbanos. Isto é, acompanhando o mercado, um elemento que aparece como alavanca desse salto à grande empresa são as receitas de publicidade, incluindo verbas oficiais dos Estados e da União dedicadas a esse fim, reforçando a relação próxima entre jornais e espaços políticos.

Apesar desse uso da imprensa pelo Estado, Juarez Bahia caminha no apontamento de uma tendência que se expande na estrutura principalmente dos grandes jornais, nos quais “à proporção que partidos e políticos se afastam da organização da imprensa e cedem

⁸⁸ SODRÉ, op. cit, p. 285-286.

⁸⁹ CAPELATO, 1988, p. 15.

seus lugares a empresários e a jornalistas, a economia do setor se estabiliza e prospera”⁹⁰.

Dentro desse debate, cabe uma aproximação com a discussão de Ana Luiza Martins e Tânia Regina de Luca quando as autoras afirmam que:

A imprensa mais profissionalizada passou a figurar como segmento econômico polivalente, de influência na melhoria dos demais, visto que informações, propaganda e publicidade nela estampadas influenciavam outros circuitos, dependentes do impresso em suas várias formas.⁹¹

Acerca da publicidade como um traço importante do periodismo, Nelson Werneck Sodré comenta,

O anúncio evolu ra bastante também. Nos jornais antigos, proclamavam as virtudes dos barbeiros que aplicavam bichas, escravos   venda ou fugidos, g neros alimentícios, navios que chegavam ou que partiam, remédios milagrosos. Na segunda metade do século XIX, eram já elaborados; para os fins do século, contam com a qualidade literária emprestada por alguns escritores. Bilac receberia mil réis por uma quadrinha proclamando a qualidade de determinada marca de fósforos.⁹²

Nesse momento de consolida o, a imprensa serve, para além do político,   potencializa o do consumo, seguindo os interesses de diferentes campos que se convertiam em fins econ micos. O jornal se torna empresa, sem cair na separa o maniqueísta entre uma “imprensa moderna” e outra “romântica”. O que se pretende   destacar essa rela o indissociável da imprensa assumindo um caráter empresarial, sobretudo em acompanhamento do desenvolvimento capitalista das sociedades urbanas do país.

Apesar dessas mudanças, Nelson Werneck Sodré confirma a complexidade de conjunturas que se embricavam na imprensa nesse contexto, desde o aparecimento de jornais de franca e violenta oposi o aos periódicos situacionistas, até as campanhas sucessórias que tornavam os impressos verdadeiros campos de guerra em confronto com seus opositores.

Em outras palavras, o fato político   o que importa, e não se encontra em qualquer esquina,   restrito, limitado a certos círculos e espaços sociais, tornando o interesse muito mais focalizado nas pessoas, sobretudo a partir dos interesses que circundavam a

⁹⁰ BAHIA, 2009, p. 177.

⁹¹ MARTINS, LUCA, 2006, p. 38.

⁹² SODRÉ, 1999, p. 281.

produção dos periódicos, as figuras a serem exaltadas, criticadas ou meramente citadas.

A opinião, portanto, é o eixo central enquanto formadora de uma visão que se pretendia publicizar, o que torna a compra de opinião um mecanismo recorrente nos jornais, mas também a repressão e a censura.

A esse respeito, Maria de Lourdes Eleutério discute acerca dessa sanha repressora que caracterizou especialmente os primeiros anos da República, apontando o conto *À sombra do Romariz*, em que Lima Barreto repercute a morte de um revisor do jornal monarquista, do *A Tribuna*, depois do empastelamento⁹³ do título pelo governo, o que teria sido motivado pelas críticas publicadas pelo redator-chefe, Eduardo Prado, à figura de Ruy Barbosa, que no contexto era ministro.

Nesse cenário de rigoroso controle da palavra impressa pelo governo, abatia-se sobre os jornais um constante sentimento de repressão, marcada inclusive por ataques às tipografias e quebra de materiais tipográficos. Mas, a imprensa era também cortejada, preterida pelo governo em larga medida e associada aos interesses de classe. Como destaca Eleutério, “Campos Salles, por exemplo, seria lembrado, entre outros aspectos de seu governo, por dispor de verba governamental secreta, destinada a comprar a opinião de jornais e jornalistas”⁹⁴. Portanto, é importante se ter em mente que a relação entre o periodismo e o cenário urbano que o circunda é simbiótica.

O uso do conceito de periodismo por Heloisa de Faria e Cruz tem como objetivo “pensar a imprensa como prática social constitutiva e instituinte dos modos de viver e pensar a cidade”⁹⁵. Trata-se a imprensa como uma experiência, e mesmo prática social de grupos e sujeitos, a partir de motivações e lugares sociais diversos e em disputas que usavam dos jornais como ferramentas.

A imprensa reconfigurava-se em grande empresa e o periodismo se via associado, como já dito, a um cenário de expansão e desenvolvimento tecnológico muito característico dos grandes centros urbanos, mas também à existência de um público que se diversificava.

2.3. História e Historiografia da Imprensa Amazonense

A Imprensa que surge no Amazonas é fruto de uma reconfiguração do cenário político, comparável à introdução da Imprensa Régia no Império. Em 1850, o Amazonas

⁹³ Em um contexto em que o controle da palavra impressa era feito de forma rígida pelo Estado, a prática de empastelamento, que diz respeito ao fechamento, por vezes violento, de jornais, era uma prática constante.

⁹⁴ ELEUTÉRIO, 2012, p. 59.

⁹⁵ CRUZ, 2013, p. 11.

passa por uma relevante mudança ao ser elevado à categoria de Província, tornando-se independente do Grão-Pará. Nesse contexto, o governador Tenreiro Aranha estabelece uma tipografia em Manaus, de onde surge o *Cinco de Setembro*, em 1851⁹⁶. Isto é, assim como ocorreu com a imprensa no Brasil, as atividades de imprensa representaram, no Estado do Amazonas, um espaço amplo de debates e disputas entre as elites locais, além de servirem como forma de resistência das classes populares.

Conforme ressaltado por Luís Pinheiro, um marco inicial dos estudos sobre o periodismo pode ser atribuído ao empreendimento do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), em 1908, ano do centenário da imprensa no Brasil. O objetivo desse empreendimento consistiu em inventariar os títulos publicados no país e contou com a parceria dos institutos regionais. A apresentação geral da proposta foi realizada pelo engenheiro pernambucano Alfredo de Carvalho.

Álvaro Daniel Costa, em dissertação que discute esse empreendimento do IHGB, apresenta números relevantes em relação a Estados de Norte e Nordeste do país:

Da listagem, o estado que mais se destaca é Pernambuco, com 1622 publicações, seguido de Ceará com 947, já o Pará apresenta 697 periódicos. Dos outros locais, Alagoas somou 471 jornais; no Amazonas, o número foi de 347; Maranhão, 308; Rio Grande do Norte, 255; Sergipe, 226; Piauí, 219; e Paraíba, 185. Do número aproximado de jornais publicados no país, levando em consideração as regiões Norte e Nordeste, temos que 35, 18% do total dos periódicos publicados no país foram dessa região.⁹⁷

O relevante percentual de 35,18% de títulos circulando pelas regiões Norte e Nordeste também reforça uma necessária ruptura com o imaginário acerca de uma falta de letramento nessas áreas do país, haja vista que “a maioria dos jornais não sobreviveu muito tempo, mas para cada um que fechava, outro aparecia”⁹⁸.

A publicação do IHGB foi organizada em tomos e o primeiro volume começa pelo Estado do Amazonas, sendo João Baptista de Faria e Souza, junto de Alcides Bahia e Antônio Monteiro de Souza, os responsáveis pela produção do inventário, o que resultou na obra *A Imprensa no Amazonas*, publicada em 1908. No prefácio afirmara-se que o livro

⁹⁶ O proeminente intelectual e político paraense Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha publicou uma pequena crônica nas páginas do *Jornal do Commercio* de Manaus, em 1908, intitulada “A gazeta <Cinco de Setembro>”, argumentando que a folha, tratada como o primeiro jornal da província, não teria passado de uma idealização, atribuindo ao *Estrella do Amazonas* o título de primeiro jornal. (*Jornal do Commercio*, nº1434, Manaus – AM, 22 de março de 1908)

⁹⁷ COSTA, Álvaro Daniel. *A Comemoração do Centenário da Imprensa Periódica Brasileira no IHGB: uma memória do jornalismo nacional* (1908). 2017, p. 20.

⁹⁸ LEVINE, 1995, p. 54;

seria “destinado a auxiliar o espírito de quantos quizerem examinar as colleções de jornaes que o Estado do Amazonas envia ao certame do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro”⁹⁹. Esse empreendimento representou uma importante contribuição para a historiografia, porque apresenta um relevante quantitativo de informações de um recorte de pouco mais de cinquenta anos das atividades de imprensa no Amazonas.

Na obra encabeçada por Faria e Souza, junto de comissão instituída pelo governo do Amazonas, o 5 de setembro é definido como “a mais cara das aspirações dos habitantes do Amazonas, com a promulgação da lei que constituiu este território em Província do Império”¹⁰⁰. O autor também faz questão de esclarecer o principal nome desse processo, o “maior batalhador” desse movimento, João Baptista Figueiredo Tenreiro Aranha.

Anísio Jobim, um dos mais importantes historiadores e memorialistas do Amazonas, aqui trazido como complemento a essa exposição de Faria e Souza, destaca a promulgação da Lei nº 582, no dia 5 de setembro de 1850, e da Lei nº 586, promulgada no dia seguinte, 6 de setembro¹⁰¹.

A Província foi estabelecida através de duas leis importantes. A primeira delas definiu a vila da Barra do Rio Negro, que mais tarde se tornaria a cidade de Manaus¹⁰², como sua capital. A segunda lei, por sua vez, proporcionou a navegação do Rio Amazonas, conferindo relativa independência à região, ao mesmo tempo em que promoveu a integração econômica. Essa legislação criou incentivos para a navegação à vapor nas águas do Pará e do Amazonas, além de serviços como correios e transportes.

A inauguração oficial da Província ocorreu no início de 1852, especificamente em 1º de janeiro, com a posse de João Batista de Tenreiro Aranha como presidente. Assim como Faria e Souza, Jobim considera Tenreiro Aranha como um dos principais responsáveis por essa conquista, sendo escolhido para o cargo pelo Império, como também pelo “conhecimento que tinha do território e de suas riquezas, e das necessidades sentidas”¹⁰³.

Pode-se atribuir a Tenreiro Aranha também, como faz Faria e Souza, um importante papel na instituição do periodismo no Amazonas, quando, em sua saída de Belém para a posse da presidência da província, convidou figuras proeminentes do seu círculo para acompanhá-lo na administração da região. Dentre os nomes, está o de Manoel da Silva

⁹⁹ FARIA E SOUZA, et al, 1908, p. 10.

¹⁰⁰ Ibidem, p. 5

¹⁰¹ JOBIM, Anísio. *O Amazonas, sua história: ensaio antropogeográfico e político*, 1957, p. 165.

¹⁰² A mudança de denominação e de predicativo (de vila à cidade), é de 1848, anterior à criação da Província do Amazonas.

¹⁰³ JOBIM, 1957, p. 173.

Ramos, tipógrafo na oficina de Honório José dos Santos, em Belém, que foi para a vila da Barra.

Na obra encabeçada por Faria e Souza, é destacado que, com a chegada de Silva Ramos à região, aquele logo instalou uma tipografia e imprimiu o primeiro jornal a ser publicado no Amazonas, *Cinco de Setembro*, em 3 de maio de 1851. O jornal foi transformado no *Estrella do Amazonas* no ano seguinte, 1852, e surgiu como uma reconfiguração da folha em homenagem à efetiva posse de Tenreiro Aranha no cargo de presidente de Província.

O importante trabalho de João Batista de Faria e Souza, como o inventário que se propõe a ser, apresenta um catálogo dos números de jornais que circularam entre 1851 até 1908, discorrendo pequenas descrições e as localidades em que esses títulos circularam. Esses dados são representativos para os estudos do periodismo amazonense por proporcionar uma percepção de títulos que aparecem por treze localidades do Estado, sendo a capital, pequenas vilas e cidades que se desenvolviam nos interiores.

Apesar da massiva concentração de 328 títulos em Manaus, enquanto regiões como Coari, Manacapuru e Tefé também aparecem, com apenas um veículo impresso, há um indicativo do espraiamento desses periódicos em espaços para além da capital, em contextos urbanos ainda acanhados, mas que se colocavam imersos no desenvolvimento de uma cultura letrada.

Entre 1851 e meados da década de 1880, anualmente pouquíssimos números circulavam na Província, chegando a apenas um impresso por ano em alguns casos, como os anos entre 1852 e 1859 em que apenas o *Estrella do Amazonas* circulava¹⁰⁴. O pico foram os nove títulos simultâneos que circularam em 1882. Seguindo os dados levantados por Faria e Souza, esse cenário começou a sofrer uma visível mudança já na segunda metade da década de 1880, especialmente entre os anos de 1888 e 1889, com a circulação simultânea de quinze e dezessete títulos respectivamente, enquanto, dentro desse contexto de gradativa expansão, o ápice dos números são os vinte e seis impressos que circularam em 1901.

Na obra organizada por Faria e Souza, os autores estruturam uma divisão de três momentos da imprensa amazonense nesse recorte entre 1851 e 1889. Sobre o primeiro, definido entre 1851 e 1870, Faria e Souza comenta que “os outros periódicos que se seguiram ao *Cinco de Setembro* tinham todos o mesmo cunho primitivo, refletindo as

¹⁰⁴ FARIA E SOUZA, 1908, p. 15-16.

condições da época em que surgiram”¹⁰⁵. Eram pequenas folhas, “anti-esthéticas” como o autor as definia, de conteúdo “caracteristicamente pouco interessante”, mas conseguiram vencer os problemas que lhes cercavam e manter a publicidade.

No segundo recorte, depois de 1870, Faria e Souza aponta uma acentuação das inclinações partidárias nestes jornais, quando “uns e outros inclinavam-se a este ou aquele partido político e apareciam quase sempre cheios de escriptos pertinentes à agremiações partidárias”¹⁰⁶.

Já o terceiro momento do periodismo seria entre os anos de 1880 e 1889, contexto de um relevante incremento tecnológico, com o autor apresentando o surgimento de grandes títulos como o *Amazonas*, *Commércio do Amazonas* e *Jornal do Amazonas*.

Ocorre que os dados de Faria e Souza totalizam um inventário de 371 títulos registrados, dos quais, 349 eram impressos e 22 eram manuscritos. Apesar desse trabalho pioneiro de Faria e Souza lançado em 1908, o século XX, quase em sua totalidade¹⁰⁷, é marcado por um eco silencioso acerca dos estudos historiográficos da e pela imprensa. Esse silêncio apenas se interrompe na década de 1990, com o surgimento de uma nova leva de trabalhos que se valem do periodismo.

A obra que inaugura esse novo momento da historiografia da imprensa no Amazonas é o inventário organizado por pesquisadores e historiadores locais¹⁰⁸, que atentos ao potencial dos periódicos, produziram o trabalho que foi lançado em 1990, chamado: *Cem anos da Imprensa Amazonense (1851 – 1950)*. Na apresentação dele pode-se perceber o cenário em que a elaboração do catálogo se deu, sobretudo como uma tentativa de contribuição ao Plano Nacional de Microfilmagem de Periódicos Brasileiros (PNMPB), proposto pela Biblioteca Nacional, a partir de 1978¹⁰⁹.

Apesar da influência do inventário de Faria e Souza, o catálogo organizado por Freire procura superá-lo, pois, o texto de 1908 priorizaria “informações exclusivamente cronológicas relativas à duração dos jornais”¹¹⁰, enquanto esse projeto organizado por

¹⁰⁵ FARIA E SOUZA, 1908, p. 6.

¹⁰⁶ Ibidem, p. 6.

¹⁰⁷ Esse vácuo na Historiografia amazonense acerca da Imprensa teria sido interrompido de modo expressivo por apenas duas obras, Pinheiro (2017, p. 19.) destaca o trabalho de Paulo Eleutério acerca da Imprensa Ginásiana a partir do *Ginásio Amazonense Pedro II* (1893), publicado em 1925. Além disso, destaca o trabalho de Raul Azevedo, intelectual e jornalista, sobre a imprensa amazonense no contexto da borracha, o qual foi publicado no jornal *A Tarde* em 1939.

¹⁰⁸ A obra conta com nomes importantes da historiografia amazonense, tais como José Ribamar Bessa Freire (org.), Francisco Jorge dos Santos, Geraldo Sá Peixoto Pinheiro, Luiz Bitton Telles da Rocha, Patrícia Maria Mello Sampaio e Vânia Maria Tereza Novoa Tados.

¹⁰⁹ FREIRE, 1990, p. 7.

¹¹⁰ FREIRE, 1990, p. 8.

Bessa Freire propõe apresentar um maior volume de dados acerca dos títulos descritos, como nomes de seus organizadores, descrições de projetos além de dados acerca de tiragens e layout.

Somente uma década depois dessa importante contribuição representada pelo catálogo organizado por Freire, surgiu uma tese de Maria Luiza Ugarte Pinheiro que se tornou uma das mais importantes contribuições para a Historiografia da Imprensa no Amazonas. A tese foi publicada em 2001 e posteriormente lançada em formato de livro em 2015, com o título *Folhas do Norte: Letramento e Periodismo no Amazonas (1880 – 1920)*.

No trabalho, a autora discute o papel desempenhado pelas pequenas folhas no contexto do Amazonas e realiza um inventário da produção periódica do Estado. Vale ressaltar que Pinheiro já havia trabalhado com os periódicos em sua dissertação anterior, intitulada: *A Cidade Sobre os Ombros: trabalho e conflito no porto de Manaus (1889-1925)*, publicada em 1996. Nessa obra, a autora faz críticas às limitações apresentadas pelas fontes oficiais, que pouco ou nada refletiam sobre as vivências dos segmentos populares.

Pinheiro, ao destacar o papel dos trabalhadores do porto da cidade de Manaus no contexto das efervescentes relações econômicas geradas pela comercialização do látex, busca ampliar o entendimento e valorizar as perspectivas dos grupos populares envolvidos nesse cenário. Em suma, buscou “a recuperação do papel ativo que uma dada categoria de trabalhadores – os estivadores – exerceu na configuração assumida pela cidade de Manaus”¹¹¹, e partindo dos limites das fontes “oficiais” abordou as próprias vivências dos trabalhadores no espaço urbano da cidade.

A dissertação de Maria Luiza procura recuperar o papel dos trabalhadores do porto de Manaus, os estivadores, propondo observar as experiências desses sujeitos em relação à cidade, sobretudo no contexto do período expansivo da borracha. Caminhando no campo da História Social, Pinheiro acompanha os problemas e questões dos trabalhadores frente a uma cidade idealizada pelas elites políticas como harmoniosa e direcionada ao progresso.

Já em sua tese, Pinheiro parte do interesse de “investigar o papel desempenhado pelo periodismo no processo de consolidação da “cultura letrada” no Amazonas e as pressões por ela exercida no seio de uma sociedade fortemente aparada numa tradição de oralidade”¹¹², valendo-se da investigação dos processos de produção e funcionamento destes títulos, para perceber os processos de lutas e disputas no universo que os circunda.

¹¹¹ PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *A cidade sobre os ombros: Trabalho e conflito no porto de Manaus (1899-1925)*, 1998, p. 221.

¹¹² PINHEIRO, 2017, p. 21.

O pioneirismo de Pinheiro está em sua proposta de tanto discutir o desenvolvimento do letramento e a relação das elites letradas com as atividades de imprensa, quanto se aproximar dos pequenos jornais, abordando o papel da mulher no periodismo, discutindo as contradições da imprensa operária, além de observar as ambiguidades do humor no periodismo, atentando para as suas “feições e feiuras”.

Na contemporaneidade do século XXI, seguindo amplamente as propostas do debate de Maria Luiza Ugarte Pinheiro e fortalecendo a Historiografia local por meio do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Amazonas, surgiram diversas dissertações de mestrado que utilizaram a imprensa como fonte e objeto de pesquisa histórica. Um exemplo notável é o trabalho de Luciano Everton Costa Teles, intitulado *Imprensa e mundos do trabalho: a Vida operária em Manaus (1920)*, defendido em 2008. Nesse contexto de renovação da historiografia regional, o autor se propõe a explorar o campo da História Operária no Amazonas, buscando “compreender o universo do trabalho e, em especial, as dimensões da fala, organização e luta operária em Manaus, no início da década de 1920, filtradas pelas páginas do *Vida Operária*, um dos mais importantes jornais operários surgidos no Amazonas”¹¹³.

Já em sua tese de 2018, intitulada: *Construindo redes sociais, projetos de identidade e espaços políticos: a imprensa operária no Amazonas (1891-1928)*, Costa Teles analisa os jornais operários como forma de fazer “circular projetos de identidade operária que, de forma imbricada, tinham como finalidade a criação de espaços políticos legítimos de mudança social”¹¹⁴. Outras dissertações¹¹⁵ apareceram nesses últimos anos de consolidação da historiografia local no Amazonas.

Fazendo um balanço das contribuições historiográficas acerca do periodismo amazonense, Luís Balkar Sá Peixoto Pinheiro aponta a existência de um incômodo silêncio sobre os “contextos urbanos mais acanhados e em formação dispersos ao longo do sertão amazônico”¹¹⁶. Pinheiro propõe que a História da Imprensa pode contribuir para o clareamento acerca do passado das vilas e cidades amazônicas.

A partir de dados sobre o periodismo levantados nas obras de Faria e Souza e Bessa Freire, Luís Pinheiro aponta que “é possível perceber que aproximadamente 18% dos

¹¹³ TELES, Luciano Everton Costa. *A Vida Operária em Manaus: Imprensa e Mundos do Trabalho (1920)*, 2008, p. 8.

¹¹⁴ TELES, Luciano Everton Costa. *Construindo redes sociais, projetos de identidade e espaços políticos: a imprensa operária no Amazonas (1890-1928)*, 2018, p. 9.

¹¹⁵ CAMPOS, 2010. FERREIRA, 2015. MENDONÇA, 2015. SANTOS, 2020.

¹¹⁶ PINHEIRO, 2017, p. 21.

jornais editados no Amazonas (...) circularam fora da capital”. A partir dessas questões Pinheiro aponta que, na maioria dos casos, esses jornais tiveram sua publicidade nas cidades e vilas mais importantes economicamente do Estado, dentre elas a cidade de Itacoatiara.

Tanto o inventário de Faria e Souza, quanto o catálogo de Bessa Freire, fornecem números que destacam a relevância do caso de Itacoatiara na produção periódica amazonense. Além disso, Luís Francisco Munaro se vale desses dados e destaca que nesse cenário de virada do século XIX ao XX, “Itacoatiara conheceu ao menos vinte jornais, expressão dos grupos e clubs que rapidamente se alternaram no poder político, requisitando, de forma crescente, mecanismos para fixar sua presença na malha urbana em crescimento”¹¹⁷

Nesse contexto, as atividades periódicas em Itacoatiara acompanharam o cenário de transformações no espaço urbano observados no país com a Imprensa Régia e Amazonas, sobretudo com a subida à categoria de Província.

No caso da cidade, em abril 1874, de acordo com Francisco Gomes da Silva¹¹⁸, é promulgada a lei – projeto do deputado Damaso de Souza Barriga – que eleva a então vila da Serpa à categoria de cidade. No mês seguinte, surgiu o primeiro número do jornal *O Itacoatiara*, propriedade do capitão Felisardo Joaquim da Silva Moraes.

De acordo com Silva:

[...] a tipografia instalada de “O Itacoatiara”, instalada em 4.03.1874 na administração do presidente da Câmara Damaso de Souza Barriga, além da edição do veículo informativo, passou a publicar, mediante contrato, o expediente da oficial e os talões de receita e despesa da Municipalidade.¹¹⁹

Apesar de o número de jornais circulantes na cidade parecer pequeno - apenas vinte títulos, enquanto a capital contava com centenas de periódicos - o periodismo em Itacoatiara está principalmente ligado ao movimento jornalístico do Brasil republicano. Nesses impressos, são perceptíveis conceitos como civilização, modernidade e progresso, os quais também refletem contradições e disputas dos grupos de poder que se alternavam na administração local.

Como destacam Luís Pinheiro e Munaro, o periodismo nos interiores do Amazonas

¹¹⁷ MUNARO, 2015, p.1.

¹¹⁸ SILVA, Francisco Gomes da. *Cronografia de Itacoatiara*, 1997, p. 152.

¹¹⁹ *Ibidem*, p. 156.

acompanhou as mudanças ocasionadas pela expansão da borracha. Itacoatiara é uma expressão desse processo, localizando-se na rede do rio Amazonas, adiante de Manaus e em direção a Belém¹²⁰, tornando-se um relevante espaço de contato com o rio e as navegações. Elementos que levaram Munaro a considerar Itacoatiara como “a maior cidade da periferia do Estado do Amazonas no início do século XX”¹²¹.

2.4 Entre Cultura Letrada e Modernidade – algumas questões teóricas

No debate sobre a cidade como um símbolo de modernidade e progresso contínuo, René Remond¹²² destaca que, embora a ideia de "cidade" não seja nova no mundo contemporâneo, foi a partir do século XIX, com a construção desses espaços urbanos, que essa concepção passou a estar associada à percepção de civilização. Nesse novo contexto, houve uma transformação na própria função das cidades, impulsionada pelo crescimento massivo da população e pela expansão dos espaços urbanos, o que resultou no surgimento de problemas relacionados à administração, circulação, ordem pública e até mesmo à subsistência. Diante dessas demandas, tornou-se imprescindível que os governos apresentassem soluções adequadas.

Em outras palavras, essa busca por uma cidade moderna se constitui como um papel do imaginário, como uma construção de narrativas de representação do espaço urbano. O impacto visual causado por esses discursos e imagens se veem impregnados de significados, “representam não só a difusão de uma administração ou os atrativos de uma cidade, mas a propaganda do progresso”¹²³.

Heloisa de Faria Cruz e Maria do Rosário da Cunha Peixoto lembram que a imprensa, em seu desenvolvimento, constitui-se como uma instituição central da vida moderna. Isto é, algo que ligado à imprensa encontram em um momento de transição entre os séculos XIX e XX, ou seja, um estado de viva euforia, o que vai ao encontro com a leitura desse momento por Hobsbawm. Em suma, segundo o autor, “a orquestra econômica mundial tocou no tom maior da prosperidade”¹²⁴. Para o historiador inglês, esse período “constituía o pano de fundo do que ainda é conhecido no continente europeu “a bela época”

¹²⁰ MUNARO, 2015., p. 3.

¹²¹ Ibidem, p. 3.

¹²² RÉMOND, René. *O Século XIX: 1815-1914*, 8ª ed., São Paulo: Cultrix, 2002, p. 109.

¹²³ MESQUITA, Otoni Moreira de. *La Belle Vitrine: O mito do progresso na refundação da cidade de Manaus (1890 - 1900)*, 2005, p. 13.

¹²⁴ HOBBSAWM, 1988, p. 47

(*belle époque*)”¹²⁵.

Bárbara Weinstein, em *A Borracha na Amazônia*, aponta o início dos anos de 1870 como o momento em que a expansão econômica impulsionada pela extração gomífera deu seus primeiros passos, mas o conseqüente aumento do contingente populacional somente se sentiu de forma mais clara a partir de 1890.

No Amazonas, esse crescimento no período representou uma quebra com a estagnação dos anos anteriores e ofereceu “uma compensação parcial aos membros das elites não diretamente envolvidos no setor extrativo”¹²⁶, através de uma maior produtividade de setores como comércio, exportações de outros gêneros além da borracha e aumento das obras públicas nos espaços urbanos.

Segundo Pinheiro, “essa expansão tendeu a projetar nas elites locais um fascínio pela “modernidade” e pelo “progresso” que, de resto, elas entendiam ser portadoras”¹²⁷. É do trabalho de Maria Luiza Ugarte Pinheiro que emergem os dois principais elementos conceituais que permeiam os olhares sobre o *Paládio*.

O primeiro dos elementos é o movimento de consolidação da cultura letrada, apoiando-se no argumento da autora de que, em meio a uma sociedade ainda marcada pela oralidade, cabe investigar o “papel desempenhado pelo periodismo no processo de consolidação da “cultura letrada”¹²⁸, sobretudo a partir da investigação de elementos de produção e funcionamento dos jornais como forma de atentar suas possibilidades de penetração e aceitação no universo que os circunda e do qual eles fazem parte.

A esse respeito, Luís Balkar Sá Peixoto Pinheiro, apoiado em Emília Viotti, observa que a imprensa que chega aos interiores do Amazonas para além de um caráter eminentemente informativo sobre o mundo ao seu redor, haja vista que caminha e atua numa dinâmica em que ela é “percebida, demandada e revestida dessa dimensão de “verniz civilizatório”, mostrando-se capaz de fazer avançar as distantes localidades em direção ao progresso sempre esperado”¹²⁹.

Antes de propriamente pensar esses mecanismos de inserção da cultura letrada a partir de aparatos teóricos, é interessante analisar alguns caminhos em relação ao que seria “cultura” dentro do debate que se desenrola no decorrer deste trabalho. Essa questão é motivada pelo olhar de Maria Luiza Pinheiro acerca da proposta de investigar o

¹²⁵ HOBBSAWM, 1988, p. 47.

¹²⁶ WEINSTEIN, 1993, p. 90.

¹²⁷ PINHEIRO, 2017, p. 27

¹²⁸ *Ibidem*, p. 21.

¹²⁹ *Ibidem*, p. 25.

periodismo como prática e ação cultural, propondo uma prática de pesquisa que se distancie de uma separação do periódico “do contexto social do qual é parte indissociável”¹³⁰.

Com efeito, Pinheiro propõe uma compreensão que passe por recuperar o conceito de cultura trabalhada dentro da Nova História Social – e seguirá essa visão este texto. Cultura, como lembra Raymond Williams, “em si mesmo, através da variação e complicação, incorpora não só as questões, mas também as contradições através das quais se desenvolveu”¹³¹.

Williams aponta que, no século XVIII, consolidou-se o conceito de cultura junto dos de sociedade e economia, quando se percebeu que esses elementos somente poderiam ser pensados de forma plena com o uso do conceito, àquela altura moderno, de civilização. Essa noção de “civilizar” não era necessariamente uma novidade, sendo em muito tratada como um contraste à barbárie, mas foi atribuído pela racionalidade histórica do Iluminismo um novo sentido, sendo a “civilização” “um estado realizado de desenvolvimento, que implicava processo histórico e progresso”.¹³²

A Ilustração, portanto, trata desses conceitos de Cultura e Civilização como relacionais, não necessariamente convergentes. Nesse sentido, Marilena Chauí explica o olhar de pensadores como Rousseau, que pensam esses dois elementos como antitéticos, tratando Civilização como um artifício que impõe limites à barbárie, de um lado. De outro, a Cultura é posta como uma vida espontânea pautada por uma bondade natural.

Em contraparte, a exemplo de Williams, Chauí explica ainda que cultura e civilização passam a representar “o mesmo processo de aperfeiçoamento moral e racional” e completa “Cultura torna-se *medida* de uma Civilização, meio para avaliar seu grau de desenvolvimento e progresso.”¹³³

Nessa percepção, aponta Chauí que cultura seria uma especificidade da natureza humana, “isto é, o desenvolvimento autônomo da Razão na compreensão dos homens, da Natureza e da sociedade para criar uma ordem superior”¹³⁴, ordem essa que, por ser superior, seria civilizada, contrapondo-se à ignorância e tornando-se uma espécie de reino dos valores e dos fins.

Logo, o conceito de Cultura tem sido repensado e discutido dentro da historiografia.

¹³⁰ PINHEIRO, 2017, p. 21.

¹³¹ WILLIAMS, 1979, p. 16.

¹³² Ibidem, p. 19.

¹³³ CHAÚÍ, 1993, p. 12.

¹³⁴ CHAÚÍ, 1993, p. 13.

Peter Burke, falando especialmente sobre a noção de “cultura popular”, aponta a existência de contribuições valiosas sobre o debate, apesar de destacar apenas o cenário de produções na Europa¹³⁵. Conforme esclarece Burke, “seguindo o exemplo dos antropólogos, os historiadores e outros usam o termo “cultura” muito mais amplamente, para referir-se a quase tudo que pode ser apreendido em uma dada sociedade”¹³⁶.

Nesse sentido, o cotidiano, o “senso comum”, práticas como beber, comer e andar, passaram então a serem percebidos como elementos imersos em uma construção e não como um elemento estático, demandando sobre si explicações e interpretações sociais e históricas.

Na esteira desse debate é necessária a compreensão de que as “tradições” não estão soltas no ar existindo em si mesma e a cultura não surge ao acaso, é o que destaca João Fábio Bertonha em concordância com Raymond Williams, afirmando que não se deve compreender cultura como um produto acabado, “mas como um contínuo processo de acomodação e luta, de resistência e transformação”¹³⁷.

Junto do conceito de cultura, a linguagem também aparece como um elemento a ser discutido, como aponta Maria Luiza Pinheiro, quando recorrendo a Raymond Williams, afirma que esse conceito também não pode ser separado da sociedade, “sendo antes uma linguagem social ativa”¹³⁸. Indo a Williams, o autor aponta que “uma definição de língua, ou linguagem, é sempre, implícita ou explicitamente, uma definição dos seres humanos no mundo”¹³⁹.

Com bases nessas estruturas teóricas, o *Paládio* surge como um projeto de um pequeno grupo letrado na cidade de Itacoatiara imbuído dessa identidade de “civilização”, como Williams orienta, ou seja, como um estado de desenvolvimento que implica em progresso.

Em outras palavras, essa perspectiva se aproxima também do conceito de cultura que Chauí defende, haja vista ser possível perceber nas páginas do jornal um discurso associado a essa noção de civilizar como um processo de “aperfeiçoamento moral e racional” ou no discurso do periódico, “alevantamento moral e material”¹⁴⁰.

Observando o jornal a partir do seu discurso de “um dever patriótico” é perceptível

¹³⁵ Burke (1995) destaca os trabalhos de William Christian, Jaime Contreras, Jean-Pierre Dedieu e Ricardo García Corcel.

¹³⁶ BURKE, 1995, p. 25.

¹³⁷ BERTONHA, 1985, p. 46.

¹³⁸ PINHEIRO, 2015, p. 24.

¹³⁹ WILLIAMS, 1979, p. 27.

¹⁴⁰ PALÁDIO, nº31, Itacoatiara – AM, 6 de maio de 1909.

no *Paládio* essa relação entre civilidade, cultura e progresso, sobretudo quando o jornal justifica sua existência e intervenções como contribuições labutares para o progresso indiscutível que a cidade de Itacoatiara mereceria e estaria alcançando.

Segundo Maria Luiza Pinheiro, independente de números de tiragem ou longevidade, “a existência de um determinado jornal significa, antes de tudo que, em torno dele, gravitam interesses específicos, sedimentados no corpo de uma dada sociedade”¹⁴¹. Todos os processos, desde sua emergência, título e até o que irá ou não ser publicado, têm sobre si interesses que se expressam e intervêm.

A análise de um periódico requer compreensão do seu contexto histórico, considerando também o seu papel como elemento social na construção de um discurso coletivo, mesmo que ocorra em espaços limitados.

Nesse bojo, os interesses e questões abordados no *Paládio*, que serão explorados no próximo capítulo, possuem como objetivo compreender os interesses que gravitam em torno da trajetória do *Paládio*, investigando os projetos de construção de narrativas que almejam ser públicas e são permeadas pelos interesses de um grupo específico dentro do contexto de consolidação da cultura letrada em Itacoatiara.

A esse respeito, Sandra Pesavento explora o contexto em que a cidade, na passagem do século XIX para o XX, apresenta-se como um desafio, tornando-se objeto de reflexão e um campo de estudo possível sobre o imaginário social. Em suma, a expansão da imprensa possibilita a construção e reconstrução dessa realidade, sendo um processo que requer reflexão “como um sistema de ideias e imagens de representação coletiva, [que] teria a capacidade de criar o real”¹⁴².

Cabe também recorrer às reflexões do sociólogo John Thompson acerca da relação entre mídia e modernidade, sobretudo quando o autor procura perceber os elementos presentes no que classifica como “organização social do poder simbólico”, procurando correlacionar o desenvolvimento dos meios de comunicação ao surgimento das sociedades modernas. Com efeito, a principal contribuição de Thompson se dá em sua recusa de um entendimento do desenvolvimento das redes de comunicação que se valha da noção de que esses meios “servem para transmitir informação e conteúdo simbólico a indivíduos cujas relações com os outros permanecem fundamentalmente inalteradas”¹⁴³.

Ao invés de partir dessa percepção, Thompson propõe que o uso dos veículos de

¹⁴¹ PINHEIRO, 2015, p. 26.

¹⁴² PESAVENTO, 2002, p.8.

¹⁴³ THOMPSON, 1998, p. 13.

comunicação tem como necessária implicação a criação de novas formas de ação e interação dentro do mundo social, destacando que, “quando os indivíduos usam os meios de comunicação, eles entram em formas de interação que diferem dos tipos de interação face a face”¹⁴⁴.

Nesse contexto, a antiga vila da Serpa¹⁴⁵, lugar onde circulava o *Paládio*, desenvolvia seus espaços urbanos de forma antes não vistas, graças à exportação da borracha, e procura se inserir no contexto de desenvolvimento das relações iniciadas no final do século XIX, com a consolidação do modelo republicano junto da urbanização e do crescimento da indústria. Trata-se de uma ideologia de progresso e modernidade que se constrói de maneira muito efervescente na mentalidade das classes letradas, o que resvala nos jornais. Como os exemplos que Luís Balkar Sá Peixoto Pinheiro apresenta, até pela escolha dos títulos, pode-se ter um indicativo dos projetos desse “progresso sempre merecido”, como *O Progresso* que circulou na cidade de Manacapuru, e o objeto desta dissertação; no caso, o *Paládio*, como já mencionado, refere-se aos paladinos, esses “heróis cavaleirescos errantes” e de “moral inabalável”.

Considerando ainda a relação do desenvolvimento da imprensa amazonense e o crescimento da economia gomífera, Maria Luiza Ugarte Pinheiro destaca o surgimento de uma relevante classe de intelectuais fruto dessas elites políticas e econômicas que se formaram nas cidades. Pinheiro argumenta que “foi nas páginas da imprensa local que a intelectualidade amazonense da virada do século XIX para o XX ganhou visibilidade no interior da sociedade local”¹⁴⁶. A partir dessa afirmação, Pinheiro caminha – com base em debates de autores como Anísio Jobim, Djalma Batista e Alfred Wallace – em direção à percepção de que a constituição de pequenos grupos letrados de intelectuais se constitui como um triunfo da modernidade. Desse modo, esses “homens das letras” se colocavam como emissores de uma “missão civilizadora” dedicada a superar a “barbárie” e o “atraso” em direção a um progresso material e espiritual.

Após apresentar algumas considerações sobre a noção de “cultura letrada”, é pertinente agora examinar o segundo elemento proposto por Pinheiro, que está relacionado ao uso dos jornais como uma forma de compreender suas atuações dentro de uma sociedade imersa no particular momento proporcionado pela expansão econômica.

¹⁴⁴ Ibidem, p. 14.

¹⁴⁵ Fruto da Lei n 283 de 25 de abril de 1874, projeto do deputado Damaso de Souza Barriga, a vila da Serpa foi elevada à categoria de cidade, com denominação de Itacoatiara, firmada pelo presidente de Província Domingos Monteiro Peixoto.

¹⁴⁶ PINHEIRO, 2015, p. 125.

É importante esclarecer que a distinção entre grande e pequena imprensa é mais ambígua nos contextos regionais do que Nelson Werneck Sodré apontava. Não se pode negar que as novas tecnologias introduzidas pelos grandes jornais-empresas que cresciam nas grandes cidades tivessem um caráter menos presente nas regiões internas. No entanto, mesmo nos projetos relacionados às elites locais, essa narrativa de "modernidade" e "progresso" também se manifestava como uma reivindicação constante nessas pequenas cidades do interior. Apesar das limitações impostas pelos materiais tipográficos, esses jornais, incluindo o *Paládio* neste recorte, não se restringiam apenas a discutir questões locais, mas também a promover a construção da cultura letrada mencionada anteriormente, alinhada à ideologia do progresso e do moderno sempre almejados.

A economia gomífera, a produção da goma elástica, como bem esclarece Paulo Moreira dos Santos Junior, serviu como semente na reconfiguração dos signos daquele período, “signos esses filtrados pelas elites e idealizadores para a reestruturação da cidade, sob referenciais, em boa medida, europeus”¹⁴⁷. Com efeito, a cidade se remodelou a partir desses elementos de expansão populacional e do crescimento econômico. Nesse cenário, as elites, dentro desse período de remodelação, reivindicaram o poder sobre essa redefinição das representações. Em suma, a *Belle Époque* amazônica, como pontua Santos Junior, “passou a ser representada por segmentos da sociedade local como moderna e civilizada”¹⁴⁸.

O projeto de modernização amazônico buscou moldar-se aos padrões das intervenções do barão Georges-Eugène Haussmann (1853-1870), prefeito da cidade de Paris que passou, após seus projetos, a ser referenciado como o modelador dela em uma metrópole moderna e emblemática. Aponta Sandra Pesavento que “o alcance dessas intervenções foi tão grande – para Paris e para o mundo – que o fenômeno se prestou a múltiplas considerações”¹⁴⁹.

Pesavento se põe a uma importante reflexão acerca dos limites do personalismo na figura de Haussmann. A questão pensada pela autora é influenciada pelas percepções do urbanista Marcel Roncayolo, na reflexão de que as intervenções propostas pelo barão, ou em alguma medida por ele viabilizadas, não se desenvolveram ao acaso ou a partir da vontade unilateral de seu idealizador, mas a partir de pressões diversas que agitavam o

¹⁴⁷ SANTOS ÚNIOR, Paulo Marreiro dos. *Manaus da Belle Époque: tensões entre culturas, ideais e espaços sociais*, 2013., p. 1.

¹⁴⁸ *Ibidem*, p. 1.

¹⁴⁹ PESAVENTO, 2002, p. 89.

cenário urbano.

Isto é, Paris se via em uma expansão demográfica pautada pelo crescimento econômico, e Haussmann, apesar de símbolo da modernidade¹⁵⁰, mais do que um interventor visionário, procurou responder a problemas que demandavam resoluções.

Em seus próprios limites, a cidade viveu uma velocidade sem precedentes. Não se tem condições de equiparar os problemas e os projetos modernistas da cidade de Itacoatiara, no interior do Amazonas, nem mesmo a própria capital, Manaus, com o contexto da Paris do Barão de Haussmann, mas a *Belle Époque* ali se faz presente, ou melhor, idealiza-se.

Além disso, a cidade cresceu e se reconfigurou, e as elites letradas se propuseram a legislar sobre essas transformações, imbuídas da “missão civilizadora” que tornasse homogênea a identidade daquela comunidade.

Voltada a discutir esse processo de reconfiguração urbana, a respeito da cidade moderna que era Buenos Aires nas décadas de 1920 e 1930, Beatriz Sarlo aponta a construção de uma paisagem fraturada, sobreposta por formas geométricas, caricaturas e simbolismos proposta pelo artista Xul Solar¹⁵¹, e argumenta:

Uma paisagem urbana ordena seus edifícios retangulares em dois grandes blocos, três edifícios tem olhos e nariz; de outro quatro saem bandeiras não identificáveis exceto o que leva as cores da Espanha. Na parte inferior, um réptil geométrico e metálico, com quatro pés e cabeça humana, leva sobre seu crânio um homúnculo de várias pernas. A cauda expele círculos negros em direção a um retângulo verde, onde apoia uma cabeça vermelha.¹⁵²

Na perspectiva de Sarlo, Xul imprime em suas obras um simbolismo que relaciona uma intenção esotérica e sua liberdade estética a uma paixão hierárquica e geomórfica, construindo uma Buenos Aires dos primeiros anos do século XX como um espaço de fantasias astrais e uma cultura de mesclas.

Esse fragmento do texto de Sarlo, que a um primeiro olhar pode parecer desconexo, até confuso em alguma medida, descreve a paisagem que a autora quer apresentar: um lugar onde voam modernas quimeras. A autora se debruça sobre uma Buenos Aires que se desenvolve de maneira inédita nos primeiros vinte anos do século XX, de forma que alguém de não muita idade, na casa dos 25 anos, ainda poderia olhar duas décadas ao passado e

¹⁵⁰ PESAVENTO, 2002, p. 89.

¹⁵¹ Xul Solar é o nome artístico de Oscar Augustin Alejandro Shulz Solar, um dos grandes nomes das artes plásticas da Argentina no século XX.

¹⁵² SARLO, 1999, p. 13.

ver aquele centro urbano de uma maneira totalmente diferente da “cidade moderna” da sua contemporaneidade.

Sarlo discorre sobre uma cidade que em um espaço muito curto, um quarto de século, duplica em sua população e sofre radicais transformações que foram introduzidas por esse crescimento, resultando na quebra da imagem de uma cidade homogênea. Compreende-se que não há dúvida de que a cidade de Itacoatiara que cresce à beira do rio Amazonas se desenvolve de forma diferente.

A esse respeito, Francisco Gomes da Silva aponta que, nos últimos anos do século XIX, a cidade teria em torno de 12 mil habitantes¹⁵³, já em 1910, a edição 67 do *Almanak Laemmert*¹⁵⁴ apresentou o dado de que Itacoatiara contava com uma população de 13 mil habitantes¹⁵⁵. Apesar de não se equiparar ao crescimento de Buenos Aires, a cidade de Itacoatiara também sofreu transformações no alvorecer do século XX, impulsionadas pelas dinâmicas propostas pela extração da borracha e refletidas, em grande medida, na imprensa local.

Na virada do século XIX ao XX uma quantidade tão massiva de pessoas foi envolvida em um processo intenso de transformações e hábitos cotidianos. A esse respeito, Sevcenko comenta que a “ideia das novas elites era promover uma industrialização imediata e a modernização do país “a todo custo”¹⁵⁶. Diante dessa observação, pode-se perceber, seguindo a percepção de Sevcenko, que “no afã do esforço modernizador, as novas elites se empenharam em reduzir a complexa realidade social brasileira”¹⁵⁷, haja vista que se procurava subtrair e escantear todo o processo de mazelas sociais constituídas pela colonização e o escravismo, sobretudo em privilégio dessa modernidade pautada pelos exemplos europeus e norte-americano.

Após discutir a noção de “cultura letrada”, é relevante examinar o segundo elemento proposto por Maria Luiza Ugarte Pinheiro, que contribui para este estudo. Esse elemento baseia-se no uso dos jornais como ferramenta para compreender suas atuações em uma sociedade imersa em um contexto específico, impulsionado pela expansão econômica.

A expansão das relações e o crescimento de um público letrado, juntamente com a influência das culturas europeias e norte-americanas nas quais as elites se interessavam,

¹⁵³ SILVA, 1998, p. 21.

¹⁵⁴ Considerado o primeiro almanaque do Brasil, o *Laemmert* foi fundado em 1844 por Eduardo Von Laemmert, sendo um anuário de dados administrativos, agrícolas, profissionais, mercantis e industriais.

¹⁵⁵ *Almanak Laemmert*, nº67, Rio de Janeiro - RJ, 1910.

¹⁵⁶ SVECENKO, 1998, p. 15.

¹⁵⁷ SVECENKO, 1998, p. 27.

bem como um urbanismo que almejava ser científico e vinculado à formação de uma opinião pública esclarecida, e a crença no infalível e merecido progresso, foram elementos que impulsionaram a imprensa a assumir esse papel dinâmico e moderno¹⁵⁸ de consolidar uma cultura que se pretendia homogênea e coletiva – processo que nas páginas do *Paládio* aparece relacionado a uma narrativa de iluminar o caminho a ser trabalhado em direção do progresso.

No texto “Progresso!” do oitavo número do periódico, está explícito este projeto:

Quando fundados o nosso Club não tivemos em mira somente a diversão vulgar; mas concorrer de todo modo possível para que a terra em que vivemos progrida e proporcione mais dias menos dias a todo nós ou ainda mesmo aos vindouros, o conforto que constitue a felicidade da vida. É senão trabalhando incessantemente, não esquecendo cada um dos seus deveres, que poderemos atingir a esse devideratum.¹⁵⁹

Como define Sarlo, esse fragmento é um exemplo de como “os meios de comunicação escritos de caráter massivo se agregam a trama cultural de uma cidade”¹⁶⁰, procurando penetrar no imaginário coletivo na dupla função de ruptura com esse passado a ser esquecido e em construção de uma tradição coletiva que promovesse ou buscasse promover, uma identidade homogênea na cidade, a partir dos impressos.

Além disso, ainda que o *Paládio* não tivesse propriamente um caráter massivo – sendo consumido por um pequeno segmento da sociedade local –, esse passado a ser abandonado se reflete em aspectos materiais e morais, sobretudo no jornal pautado por esse discurso civilizador, haja vista que ele projeta uma recusa a elementos tidos como “selvagens”, como o ócio ou o alcoolismo, e mesmo a vida na floresta, além de exaltar a construção de uma modernidade arquitetônica que apagasse um “modelo colonial” e um símbolo do passado.

¹⁵⁸ SARLO, 1999, p. 22.

¹⁵⁹ PROGRESSO. *Paládio*, nº8, Itacoatiara – AM, 22 de outubro de 1908.

¹⁶⁰ SARLO, 1999, p. 21.

3. O ESPELHO E A MIRAGEM: O JORNAL *PALÁDIO* COMO A LUZ NO CAMINHO DO PROGRESSO

Disse a poetisa Nívea Chagas, “O espelho é um universo dentro de um outro universo, como uma bolinha de gude, olho e tateio uma superfície de caos”¹⁶¹

Morel e Barros afirmam que “a relação entre redatores e leitores encontra-se invariavelmente marcada por um jogo de imagens: espelho e miragem”, e completam acerca do espelho, que seria “onde se projetam e se definem posições e identidades a partir das próprias referências”¹⁶².

Este capítulo caminha propriamente sobre esse espelho. Longe de cair na interpretação há muito superada pela historiografia de tratar a imprensa como um templo dos fatos, um “espelho da sociedade”, o que se propõe é refletir a atuação do jornal quando ele se apresenta como esse reflexo do social que se desenvolvia na cidade de Itacoatiara, reivindicando para si o papel de expor e defender os projetos daquela comunidade em desenvolvimento no interior do Estado do Amazonas.

Dadas as reflexões que pavimentaram o debate no primeiro capítulo, especialmente em relação à necessidade da compreensão do jornal como força ativa do contexto social ao que se vê inserido, cabe analisar as conjunturas e a própria historicidade do *Paládio*, levando em conta a necessidade de reconfigurar a monumentalidade da fonte despindo-a em um documento de uso histórico¹⁶³.

Em outras palavras, trata-se da configuração dos jornais como artefatos da modernidade que têm em sua composição a assimilação e articulação de projetos e interesses à proposta de discussão, que é dissecar a fonte, procurando perceber o seu lugar na sociedade itacoatiarense.

O *Paládio*, em suas páginas, expressa suas aspirações e projetos por meio de um discurso civilizador. Esse discurso defende a imprensa como um produto da modernidade, cuja função é nutrir na população os ideais de progresso e fortalecer a cultura letrada no imaginário coletivo.

3.1. Do murmuro da mocidade nasce um jornal

¹⁶¹ CHAGAS, Nívea. *Bloco de Vidros*. Manaus: Edição do Autor, 2021., p. 17.

¹⁶² MOREL; BARROS, 2003, p. 34.

¹⁶³ LE GOFF, 1982, p. 106.

Na edição de 9 de setembro de 1908 ressoava nas páginas do *Jornal do Comércio*¹⁶⁴, periódico de grande tiragem publicado na cidade de Manaus, uma diminuta e espremida nota sobre o surgimento de uma pequena folha jornalística na cidade de Itacoatiara, a qual dizia, “Acaba de sahir à luz da publicidade, n’aquela cidade do Baixo Amazonas, o ‘Paládio’ órgão do Club Recreativo Itacoatiarense. E’ um jornal de pequeno formato, mas feição moderna.”¹⁶⁵

Leno José Barata Souza observa, em relação ao cenário da imprensa amazonense entre 1880 e 1908, a consolidação – em especial na cidade de Manaus – de uma “boa imprensa”¹⁶⁶, referente à expansão da atividade periódica, o que resvalaria não em uma larga tiragem desses impressos, mas em uma reformulação com melhoramentos técnicos e profissionais nas oficinas.

Nessa perspectiva, o *Jornal do Comércio* se consolida no cenário local pondo-se com “ares” de empresa, nos moldes do “jornal como empreendimento”¹⁶⁷, como destaca Nelson Werneck Sodré. Desse projeto, o *Jornal do Comércio* se colocava como batalhador em defesa da grandeza do Amazonas¹⁶⁸.

O *Jornal do Comércio* adota as chamadas “práticas de civilidade” em contraste a um imaginário de barbárie que deveria ser superada. Essa perspectiva norteia a apresentação do *Paládio* de Itacoatiara como um “jornal pequeno, mas de feições modernas”. Contudo, isso não é feito sem hierarquizações. O *Jornal do Comércio*, ao se referir ao *Paládio* como um jornal “pequeno”, marca uma diferença entre ambos.

Além disso, ao se referir ao surgimento do *Paládio* “naquela cidade do Baixo Amazonas”, estabelece uma distância – física e qualitativa – entre Manaus e Itacoatiara. Entretanto, suas “feições modernas” seriam o elo comum, possivelmente representadas no layout do nascente jornal da Vila da Serpa, e nos seus projetos.

Nesse sentido, o jornal *Paládio* nasce, assim, legitimado pelo *Jornal do Comércio*,

¹⁶⁴ A partir do inventário de José Ribamar Bessa Freire (1990) é possível levantar algumas questões sobre o *Jornal do Comércio*. Fundado em 1904 por J. Rocha dos Santos, era um matutino diário que sob luz da cidade de Manaus se tornou um dos jornais de mais longa tiragem do Estado. Entre interrupções e retornos, chegou aos cem anos, tendo inclusive feito parte do conglomerado de Assis Chateaubriand, os Diários Associados, a partir de 1943.

¹⁶⁵ VARIAS NOTÍCIAS, *Jornal do Comércio*, nº1604, Manaus – AM, 09 de setembro de 1908.

¹⁶⁶ SOUZA, Leno José Barata. Cultura Imprensa no Amazonas e a Trajetória de um Jornal Centenário, 2010, p. 112.

¹⁶⁷ SODRÉ, 1999, p. 275.

¹⁶⁸ Na esteira da noção de tamanho do *Jornal do Comércio*, Leno Souza (2010) destaca que a folha, desde sua fundação, mantinha uma rede de correspondentes no interior do Amazonas, como José Libanio Bezerra em Itacoatiara, um dos principais nomes da fundação do *Paládio*, mas também chegou a ter esse serviço em Portugal. Enfim, trata-se de informações que ressaltam os alcances que o impresso se propunha.

mas colocado em uma posição “à margem” da imprensa da capital, vista como referência. Logo, a história do *Paládio* é marcada por essa tensão entre o ideal da modernidade, de princípios universais e as particularidades de Itacoatiara. O *Paládio* reitera constantemente o ideal do moderno.

Além disso, na coluna “Indiscutível Progresso”, do seu terceiro número, diz:

O opulento Brazil, esse gigante formidável ora representado na figura sympathica de um selvagem de tanga a cinta e empunhando o temível arco e a mortífera flecha de bico envenenado, esse Briareu que tanto pasmo causa ás velhas nações da culta Europa, vae em agigantados passos conquistando uma culminância considerável apesar dos não poucos óbices que surgem á sua marcha.
 (...) Um povo que consegue eliminar costumes prejudiciais e repugnantes que envenenam e dilaceram suas carnes, faz jus a um nome que o saliente entre o dos demais povos. O povo do Brazil já pertence a essa classe elevada e nobre.
 (...) Um povo que assim procede, é adiantado, de sentimentos nobres e dignos de respeito e imitação, é um povo patriota que merece todo o acatamento e consideração.¹⁶⁹

Esse fragmento do *Paládio* aborda duas questões relevantes que merecem reflexão. Em primeiro lugar, é perceptível um certo ar de modernidade que também se faz presente no *Jornal do Comércio*. Não se está afirmando que a folha de Itacoatiara é resultado dos projetos da grande capital, mas é importante ressaltar que a atuação de figuras como Libanio Bezerra - que será apresentado posteriormente -, um dos fundadores do *Paládio* e correspondente do *Jornal do Comércio*, aproxima os debates e ideias presentes em ambos os periódicos. A forma como o *Paládio* retrata o “simpático” indígena e como o *Jornal do Comércio* discute o índio/mestiço como um ser bárbaro, revela uma representação de identidade selvagem e ameaçadora, que é considerada atrasada e que deveria ser superada em direção à civilidade inspirada na tradição europeia.

O segundo ponto é essa ideia de nação, do Brasil como esse Briareu¹⁷⁰ em agigantados passos em direção a uma civilidade calcada no sentimento patriótico. Esse discurso molda os projetos que pautam as páginas do *Paládio* ao longo de suas publicações, projetos de um povo que pertence “a essa classe elevada e nobre”.

Destacando ainda o cenário do Amazonas, da segunda metade do século XIX ao início do XX, Boris Fausto comenta que, em decorrência do aumento na demanda no mercado internacional, a extração da borracha começou a ganhar relevância, chegando a

¹⁶⁹ INDISCUTIVEL PROGRESSO, *Paládio*, nº3, Itacoatiara – AM, 17 de setembro de 1908.

¹⁷⁰ Briareu provavelmente se refere ao irmão de Goto e Giges, hecantonquiros filhos de Gaia e Urano proveniente da mitologia grega. O Briareu seria um gigante de cem braços e cinquenta cabeças.

se tornar o terceiro maior produto exportado do país nas últimas décadas da centúria, “com 8% do valor total das exportações, porcentagem muito próxima à do açúcar (9,9%)”¹⁷¹.

A partir desse aumento da exportação, o dito boom da borracha se consolidou na região com o desenvolvimento das redes bancárias e casas aviadoras¹⁷², o aumento populacional proporcionado pelas ondas migratórias – em especial advindas do Nordeste do país – e o crescimento das capitais, tidas como centro da borracha, Manaus e Belém.

Trata-se de um cenário envolto por uma política de prosperidade, como Barbara Weinstein propõe acerca desse movimento expansivo. Isto é, a necessidade de se considerar a indissociabilidade do campo político das relações econômicas, um emaranhado de relações de interferência do Estado nas esferas municipais, estaduais e federais, particularmente naquela transição do regime monárquico para o republicano.

O novo regime promulgou inovações. Uma das mais relevantes é uma maior independência econômica e administrativa das federações em relação ao Governo do país. A expansão da borracha desembocou em um complexo cultural amazônico, que segundo Samuel Benchimol – um dos grandes historiadores e memorialistas da Amazônia – “compreende um conjunto tradicional de valores, crenças, atitudes e modos de vida que desencadearam a organização social e o sistema de conhecimentos”¹⁷³.

Esse processo expansivo desenvolveu-se, para além das capitais, em direção aos interiores, quando, segundo Luís Munaro, pressionado pela demanda internacional de navegação nos rios amazônicos, o Congresso brasileiro abriria essa navegação em 1867¹⁷⁴, permitindo a entrada de navios mercantes internacionais. Junto desse processo, de acordo com Munaro, houve o adensamento dessa ocupação dos rios pela necessidade de escoamento das exportações e de interligar a cidade de Manaus a outros centros urbanos e países próximos da região amazônica, como o Peru.

Munaro afirma ainda que, a partir de Vitor Gregório de Matos, havia um projeto pautado por decreto imperial de abertura das navegações, o qual propunha uma ligação dos grandes rios amazônicos, como Amazonas, Tocantins, Madeira e Negro. O objetivo consistia em ligar Manaus e as principais cidades exportadoras do Estado a outras regiões do país, do exterior e com o Atlântico.

¹⁷¹ FAUSTO, 2006, p. 239.

¹⁷² Segundo José da Silva (2010, p. 37), a casa de aviamento era ponto central da cadeia de aviamento no século XIX em Belém e no Pará, servindo como base no sistema de fornecimento de mercadorias e crédito em troca de trabalho na produção extrativista.

¹⁷³ BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia: Formação Social e Cultural*, 2009, p. 13.

¹⁷⁴ MUNARO, Luís Francisco. *Rio de palavras: a imprensa nas periferias da Amazônia (1821-1921)*, 2017, p. 20.

Segundo o autor, o decreto de 1866 estabelece que, a partir de 7 de setembro de 1867, fica aberto “aos navios mercantes de todas as nações a navegação do rio Amazonas até a fronteira do Brasil, do rio Tocantins até Cametá, do Tapajós até Santarém, do Madeira até Borba, e do rio Negro até Manaus”¹⁷⁵. O que estabeleceu, portanto, essa interiorização das redes de navegação.

Dessa interiorização, comenta Munaro, acompanhou-se “(...) o boom da borracha, o crescimento das cidades e a formação de aparelhos administrativos nas freguesias, vilas e cidades”¹⁷⁶. A partir desse fortalecimento de células urbanas, o autor aponta o surgimento da necessidade, tanto pelas administrações públicas quanto pelo comércio, da elaboração de esferas regulares de publicidade desses atos econômicos e administrativos. Isto é, considerar que esses veículos eram apenas parcialmente ligados às esferas públicas, funcionando muito mais em torno das burocracias recentemente demandadas e pouco tinham ressonância para além dos círculos elitizados.

Luís Balkar Sá Peixoto Pinheiro propõe uma relação intrínseca entre o desenvolvimento da imprensa nas cidades interioranas com o urbanismo e decorrente da economia da borracha e do consequente deslocamento de contingentes populacionais para essas regiões. Como afirma Pinheiro: “tanto é assim, que é possível perceber nos registros catalográficos, a maior incidência de títulos em áreas e períodos alcançados pela expansão da borracha”¹⁷⁷, o que explicaria uma maior produção de jornais em municípios como Itacoatiara, Borba e Manicoré, como também nas regiões de Lábrea e Rio Branco (ainda vinculado ao Amazonas) no período 1880 a 1920, de um lado. Por outro, em localidades mais afastadas das áreas de seringais teriam tido pouca ou nenhuma atividade periódica.

Em complemento à perspectiva de Luís Balkar Pinheiro, Luís Francisco Munaro destaca o surgimento de um cenário a partir das ramificações dos rios amazônicos. Nesse cenário, vários títulos impressos começaram a surgir em diferentes pontos, decorrentes das demandas de formação de uma suposta solidariedade letrada e da construção de uma tradição jornalística. Esses jornais emergiram tanto em regiões próximas a Manaus e Belém quanto em locais mais distantes, como o Alto Madeira e o Acre¹⁷⁸.

Em outro trabalho, o próprio Munaro comenta: “a imprensa no Norte do país cresceu acompanhando o ciclo da borracha”. Complementa apontando que: “nas regiões

¹⁷⁵ Ibidem, p. 20.

¹⁷⁶ MUNARO, 2017, p. 20.

¹⁷⁷ PINHEIRO, 2017, p. 23.

¹⁷⁸ MUNARO, op. cit., p. 22.

periféricas, ela permaneceu arregimentada em torno de grupos de poder que se digladiavam pela posse das autoridades municipais constituídas num período muito curto de tempo”¹⁷⁹, o que inclusive vai ao encontro de Nelson Werneck Sodré, em relação ao cenário republicano, quando nos interiores, nas pequenas cidades, subsistiam os pequenos jornais, na maior parte das vezes servindo às lutas locais e, em geral, vinculadas desde sua fundação. Segundo Sodré, alguns desses títulos eram de caráter artesanal, enquanto a grande empresa jornalística tomava as grandes cidades.

Esses grupos, uma vez no controle da administração pública, detinham em larga medida o controle da palavra impressa, podendo inclusive, pela ação da força policial, empastelar jornais opositores sem grande esforço. Então os periódicos, como forma de garantir a sua subsistência, mas também em muitos casos como sua própria razão de ser, acabaram por atuar pautados por relações políticas. Mesmo o jornal-empresa se pauta por relações nas quais atua como servidor de um poder. “Tudo se personaliza e se individualiza”¹⁸⁰ esclarece Sodré, o que define, de certo modo, esses limites que compõem as linhas de atuação da imprensa, ou seja, quando envolta pelo jogo de interesses articulado pelos poderes públicos.

Além disso, a própria existência e duração do *Paládio* se confunde com o cenário político que o circunda, quando fruto do Club Recreativo Itacoatiarense, é composto por figuras como Ozorio Alves da Fonseca, major Francisco Domingos do Lago e José Libanio Bezerra (os quais serão apresentados mais à frente). Esses nomes encabeçam a organização do periódico enquanto atuam próximos da superintendência municipal chefiada pelo coronel João Pereira Barbosa.

Em suma, a própria duração do jornal aponta sua aproximação com a administração de Barbosa, onde este último assume seu segundo mandato na superintendência em 25 de janeiro de 1908¹⁸¹, enquanto o jornal surgiria mais tarde, em setembro. Logo, após a gestão do coronel se encerrar em dezembro de 1910, com o *Paládio* houve o último número lançado em 23 de julho de 1911.

De acordo com Munaro, é desse contexto que se sustentam as atuações de grupos políticos e clubes, quando eles, geralmente responsáveis pela produção desses periódicos, “ajudavam a estender os limites daquilo que era considerado aceitável em termos de cultura

¹⁷⁹ MUNARO, Francisco Luís. *Imprensa periférica no Amazonas: Os jornais de Itacoatiara e a formação de elites locais*, 2015., p. 2.

¹⁸⁰ SODRÉ, 1999, p.276.

¹⁸¹ SILVA, 1998., p. 104.

política”¹⁸².

Considerando essas questões, é essencial considerar a relação entre a produção periódica nos interiores e sua conexão com a expansão econômica impulsionada pela exportação gomífera. Essa ideia converge com a proposição de Heloísa de Faria e Cruz e Maria do Rosário da Cunha Peixoto, que afirmam que a imprensa desempenha um papel ativo na sociedade através do desenvolvimento das relações capitalistas nos contextos urbanos. Com efeito, é possível perceber, mais detidamente acerca do cenário de Itacoatiara, o surgimento de um universo de pelo menos 20 títulos publicados até 1921. O primeiro jornal da cidade, o *Itacoatiara*, surgiu em 1874¹⁸³, no mesmo ano em que a antiga Vila da Serpa foi elevada à categoria de cidade.

Imerso nessa teia de relações constituídas em uma cidade interiorana, em sua primeira edição, o jornal *Paládio* apresenta sua razão de ser, quando diz:

Quando suspendeu < O Avança> a sua publicação um mumurio immenso de saudade invadiu a alma da mocidade Itacoatiarense.
 Todos inqueriam do motivo porque tão inopinadamente se encontravam privados da visita de tão querido companheiro.
 Modéstia á parte não falhava razão ás nossas gentilíssimas leitoras e prezados leitores.
 - Si ao romper a aurora das quintas-feiras tinham a desventura de deixar o leito presa de algum desalento que toldasse a risonha esperança da véspera, ahi estava <O Avança>, portas a dentro de tantos lares queridos desfraldando a bandeira da paz espiritual, a reavivar os áureos sonhos dessa mocidade querida.
 Tão elevada messe de benefícios não podia ser esquecida – impondo-se aos corações agradecidos, exgottavam-se consequentemente as edições do nosso jornalzinho.
 Por isso mesmo é que a nossa gratidão ainda hoje se manifesta a tantos espíritos bem formados, lançando outra vez á luz da publicidade o sucessor d’ <O Avança> - o <Paládio>, órgão do <Club Recreativo Itacoatiarense>.
 Defensor impertérrito do mesmo Club, mantendo o mesmo programma que se havia traçado <O Avança>, arrostará todos os sacrifícios que se antepuzerem á sua marcha, até que possa, mais dias menos dias, conquistar a palma da victoria ao lado dos paladinos do progresso desta formosa Itacoatiara.
 O <Paládio>, como outrora <O Avança>, cremos, há de ter em vossos gentis corações guarida perfumada e terna entre os ternos sonhos de vossas louras phantasias.¹⁸⁴

Apesar de longa, a reprodução completa da coluna possibilita a percepção de um panorama abrangente dos temas recorrentes no *Paládio*, revelando indicativos do seu lugar social, das relações das quais é resultado e projeto, além de questões mais amplas relacionadas ao jornalismo local no interior do Amazonas. Em outras palavras, um primeiro

¹⁸² MUNARO, 2015, p. 2.

¹⁸³ Ibidem, p. 2.

¹⁸⁴ O <Paládio>, *Paládio*, nº01, Itacoatiara – AM, 05 de setembro de 1908.

elemento valioso a ser discutido posteriormente é a interrupção do jornal *O Avança*, do ainda Club do Pessoal do *Avança*, e o subsequente surgimento do *Paládio* como seu sucessor. Esse aspecto ressalta um movimento comum entre os pequenos jornais, caracterizado pela interrupção e retomada, muitas vezes com novos nomes.

O tom do jornal também é um elemento a ser destacado nesse discurso, quando, direcionado bem-dizer à população de Itacoatiara, ou mais detidamente aos grupos que compõem seus membros e leitores, observa-se um discurso de exaltação daquela “mocidade”, o que aparece como elemento de jovialidade que permitiria a caminhada ao progresso esperado.

Considerando ainda a relação entre o espraiamento do periodismo no Amazonas e a expansão da borracha, bem como o papel do *Paládio* no processo de crescimento urbano e econômico de Itacoatiara, é importante aproximar essa análise da perspectiva de "capitalismo editorial" proposta por Benedict Anderson. Esse autor, ao investigar o cenário do Ocidente no século XVII e as chamadas "comunidades imaginadas", que são construções sociais e culturais dentro do contexto do nacionalismo, argumenta em favor de um declínio das convicções culturais¹⁸⁵ que dominavam a mentalidade dos homens, o que resvalaria numa busca, nas palavras de Anderson, “de uma nova maneira de unir significativamente a fraternidade, o poder e o tempo”¹⁸⁶.

Dessa busca, segundo Anderson, o elemento que mais catalisou tais demandas foi o “capitalismo editorial”, “que permitiu que as pessoas, em números sempre maiores, viessem a pensar sobre si mesmas e a se relacionar com as demais de maneiras radicalmente novas”¹⁸⁷. A relação do capitalismo com o desenvolvimento da imprensa, como já destacado anteriormente em especial a partir de Nelson Werneck Sodré, resulta nesse desenvolvimento da imprensa como mercadoria. Em suma, Anderson caminha, na esteira de Francis Bacon e considera que a imprensa transformou o aspecto e a condição do mundo.

Não se trata de uma comparação entre o contexto circunscrito do *Paládio* e o cenário do boom dos impressos na Europa nos séculos XVI e XVII discutido por Anderson. No

¹⁸⁵ Anderson (2008, p. 69.) sustenta que a possibilidade de se imaginar a nação, ou o nacionalismo, surge a partir do declínio de três concepções culturais que trata como fundamentais. A primeira seria a ideia de que uma língua escrita determinada oferecia algum privilégio de caráter ontológico. A segunda seria acerca do pensamento de que a sociedade se organizava em torno e abaixo de estruturas como a monarquia e a cosmologia. E a terceira seria a concepção que entrelaçava a cosmologia e a história como origens conjuntas da humanidade.

¹⁸⁶ ANDERSON, Benedict R. *Comunidades imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*, 2008, p. 69. A primeira edição do livro de Anderson é de 1983.

¹⁸⁷ *Ibidem*, p. 70.

entanto, o que se pode extrair dos debates do autor é a percepção da palavra impressa como um elemento a ser propagado através da reprodução e disseminação. O *Paládio* surge como resultado desses empreendimentos que se intensificaram no início do século XX no Amazonas, decorrentes da exploração da borracha. É importante ressaltar que, apesar de ser um jornal de pequeno porte e com pouca influência além de Itacoatiara, ele busca estabelecer um espaço de sociabilidade e construir um elo que constitua uma comunidade de leitores.

Além de ser defensor do programa traçado pelo Club Recreativo Itacoatiarense e dar continuidade ao programa de seu antecessor, *O Avança*, o *Paládio* se apresenta como uma ferramenta disposta a enfrentar todos os obstáculos que se colocarem em seu caminho, conforme mencionado em sua primeira edição. Enfim, seu objetivo é conquistar o progresso dos "paladinos" daquela localidade.

Dois trechos do jornal representam esse movimento de reprodução e difusão de ideias e projetos do periódico. No texto "Aformoseamento da cidade", na primeira página do décimo segundo número do *Paládio*, registra-se o seguinte:

Assumpto de interesse palpitante este que ora nos prende a atenção, o <Paládio> vem trazer a nossa população o seu humilde concurso para o embelezamento da cidade.

Dois são os pontos principais sobre que versa a nossa propaganda: a limpeza e cercação dos terrenos particulares, este principalmente na área urbana desta cidade e a edificação de prédios por parte dos proprietários e capitalistas¹⁸⁸.

O segundo trecho aparece entre as colunas da décima sexta edição da folha, sob o título "Convem acabar!":

A causa principal do atraso de diversas pequenas cidades é a sua população em vez de consagrar-se e trabalhar pela collectividade com harmonia das vistas, vivem de porta em porta a falar da vida alheia.

Itacoatiara, não se pode negar, ainda tem pessoas cuja principal escopo é ocupar-se mais da vida de outrem que da propria e quando pegadas em delicto *remendam a cousa* de tal forma que não sofrem mais que um ligeiro susto.

(...) A nós todos que desejamos uma era de concordia, paz e trabalho para Itacoatiara, compete fugir á convivência desses *beneméritos* para que desmorone tal *instituição*.

(...) Prossigam com abnegação e deixemos que morram com o anno de 1908, os

¹⁸⁸ AFORMOSEAMENTO DA CIDADE, *Paládio*, nº12, Itacoatiara – AM, 19 de novembro de 1908.

Zeballos¹⁸⁹ que aqui vivem, o que tem sua tenda de difamação¹⁹⁰.

A construção de um projeto de cidade – a miragem fruto das aspirações e sentimentos dos idealizadores do *Paládio* –, é o que pauta esse discurso associado a uma marcha ao progresso. Para usar da perspectiva de Edneia Mascarenhas Dias¹⁹¹, o que o jornal procura, ao discutir o embelezamento de Itacoatiara, é a projeção de um “fausto”, a projeção de uma cidade que deveria seguir as idealizações daquela elite política que circundava o periódico.

Este discurso de “aformoseamento da cidade” surge envolto da narrativa de “defesa” de um melhoramento moral e material, que resvalava tanto na arquitetura da cidade, com a construção de prédios e melhoramento do porto, como na higiene, limpeza e conduta moral, como a reprovação de questões como “falar da vida alheia”.

Sendo a imprensa fruto do espraiamento dos tentáculos do capitalismo – para resgatar a percepção de Pinheiro – e a própria urbanização um elemento da expansão dos mercados exportadores, especialmente no século XIX, como aponta Emília Viotti da Costa¹⁹², o jornal, imerso nesses contextos, assume uma postura de emissor dessa civilidade almejada.

Antes de propriamente dissecar o *Paládio*, é interessante ponderar algumas questões sobre *O Avança*, enquanto seu antecessor. O jornal apresenta uma direção acerca da sua razão de existir na coluna “O Avança”. Isto é, na primeira página da sua edição de nascimento, publicada em 13 de junho de 1907, *O Avança* anuncia:

Com o romper da aurora de hoje, surge, saudado pelo alegre pipilar das aves e pelo prolongado hurrah dos intemeratos e decididos sectários do ultra-humanitário “Club Pessoal do Avança”, o primeiro numero desta folha que como se vê do seu cabeçalho é além de órgão dos interesses do club, um periódico destinado a fina crítica e delicada pilheria.¹⁹³

De feições simples e impresso na tipografia de outro jornal contemporâneo a sua

¹⁸⁹ Estenislo Severo Zeballos, jurista, advogado e Ministro das Relações Exteriores da Argentina por três vezes. Zeballos aparece nas páginas do jornal por conta das tensões causadas por seus projetos entre a Argentina e o Brasil. Segundo Pablo Lacoste (2003), em texto sobre as políticas externas de Zeballos, as atitudes agressivas do ministro geraram o deterioramento das relações bilaterais entre os países e o agravamento de tensões. Questões baseadas em um pensamento patriótico sustentado por perspectivas positivistas e no darwinismo social.

¹⁹⁰ CONVEM ACABAR!, *Paládio*, nº16, Itacoatiara – AM, 24 de dezembro de 1908.

¹⁹¹ DIAS, Edneia Mascarenhas. *A Ilusão do Fausto: Manaus, 1890 – 1920*, 1999, p. 11.

¹⁹² COSTA, 1999, p. 259.

¹⁹³ O AVANÇA, *O Avança*, nº1, Itacoatiara – AM, 13 de junho de 1907.

publicação¹⁹⁴, *O Avança* se apresenta em seu subtítulo como “órgão do Club Pessoal do Avança”. O periódico teve curta duração e saiu de circulação tendo apenas sete edições lançadas, isto ainda no mesmo ano de seu nascimento.

A respeito dessa vida curta do jornal, Luís Balkar Pinheiro apresenta um panorama sobre esse periodismo interiorano da virada do século XIX ao XX, destacando a não excepcionalidade do Amazonas em relação à duração dos jornais, quando a efemeridade era uma constante e os jornais, mal tendo visto a luz de seu lançamento, já eram interrompidos. O autor, a partir das informações que coleta nos catálogos e nos próprios jornais, propõe uma divisão em relação a essa produção dos periódicos em três cenários, separando em cada um os títulos que chegaram a dez números: aqueles que alcançaram os cinquenta e os jornais que chegaram à raridade do número cem.

Deste primeiro grupo, dos títulos de vida curta, com grande incidência de periódicos que mal viam o surgimento de um segundo número, Pinheiro aponta para um contingente de pelo menos metade dos títulos publicados entre 1880 e 1920, os quais não alcançaram o décimo número publicado. *O Avança* faz parte dessa parcela com menos de uma dezena de números publicados; em contrapartida, o *Paládio* se traduz como exemplo desse fenômeno dos periódicos que alcançam a marca da centena.

O próprio jornal apresenta algumas informações acerca de sua produção, a exemplo da sua impressão que era, como já dito, na tipografia de outro periódico. *O Avança* custava \$200 o número do dia e \$300 os números atrasados. O inventário de José Ribamar Bessa Freire apresenta alguns dados a mais em relação ao catálogo de Faria e Souza e permite algumas impressões sobre o periódico, que tinha o layout de 23,5 x 16 cm, com quatro páginas por caderno e cada página com duas colunas. Além disso, entre os colaboradores, estavam as figuras de Olímpio Gonçalves Pires, Antonio Barata e Anthero do Quental e Avançador, estes dois últimos são pseudônimos, uma prática comum no periodismo, quando redatores escondiam seus nomes como forma de se preservarem, mas também como forma de emitirem suas opiniões com maior virulência¹⁹⁵.

A respeito dos redatores de nomes expostos, Olímpio Gonçalves Pires e Antônio

¹⁹⁴ *O Avança* era produzido na tipografia do *Arauto*, “companheiro” de periodicidade em Itacoatiara. “Órgão de Interesses Locaes”, o *Arauto* foi fundado em 1906 por João Pereira Barbosa, que também era o redator-chefe do semanário. Tinha como preço da tiragem avulsa 300 réis (FREIRE, 1990, p. 42.).

¹⁹⁵ Maria Luiza Ugarte Pinheiro (2015), em discussão sobre o panorama da imprensa humorística do Amazonas, destaca essa recorrência dos usos de pseudônimos e trocadilhos como recurso não somente de proteção, mas como forma de escandalizar o público, a exemplo dos anônimos redatores do *KCT*, o qual teria no seu corpo editorial, respectivamente nos cargos de diretor, redator e gerente, as figuras de Kct, Dr. Kcetininho e Dr. Kateda.

Barata, poucas informações puderam ser encontradas. As principais de Antônio Simões Barata aparecem no *Paládio* como membro da diretoria do Club Recreativo Itacoatiarense, na posição de secretário. Já Olímpio Pires, ou como aparece nos jornais, Olympio, tem uma participação no cenário público de Itacoatiara, quando ocupou o cargo de primeiro suplente do juiz municipal da cidade até a sua exoneração, por pedido seu¹⁹⁶.

As principais informações em relação à Olympio aparecem no *Paládio*¹⁹⁷ em uma nota de seu falecimento com 26 anos. Nela se encontra a informação de que Olympio Pires era nascido em Pernambuco, o que pode indicar que sua família foi ao Amazonas seguindo o fluxo migratório do final do século XIX. Também ocupou a posição de redator tanto no *O Avança* quanto no próprio *Paládio*, além de ter sido membro do Club Itacoatiarense e da Sociedade Euterpe (outro clube desse período), além do já citado cargo de suplente do juiz municipal.

Ainda imerso nesse contexto de questões que antecedem e circundam o *Paládio*, faz-se necessário pôr em destaque outro elemento presente no cenário urbano de cidades como Itacoatiara, haja vista que se desenvolveram pautadas pelo crescimento urbano e fortalecimento de elites locais desde fins do século XIX.

A historiadora Kívia Mirrana de Souza Pereira em *As Elites se divertem; sociabilidades, identidades e associativismo no Ideal Clube (Manaus, 1903 – 1920)*, argumenta que “seja no trabalho, no porto, na fábrica, na rua, na igreja, nos bares, nas praças e nos clubes recreativos, as relações sociais ligavam o sujeito ao seu espaço e vice-versa”¹⁹⁸. Dessa percepção do fortalecimento de relações sociais no espaço urbano, Pereira aproxima o crescimento de clubes e agremiações com a expansão da cidade de Manaus e o vincula “a formação de seus grupos sociais, em especial as elites econômicas, políticas e comerciais”¹⁹⁹. Kívia Pereira chega ao número de pelo menos 200 clubes que nasceram na cidade de Manaus²⁰⁰ entre 1854 e 1920.

O que se pretende esclarecer do trabalho de Pereira é o argumento de que esses clubes e “suas atividades estavam voltadas para o divertimento e recreação”²⁰¹, práticas que em um primeiro momento se viam limitadas aos círculos de seus membros, mas que,

¹⁹⁶ *Jornal do Comércio*, nº1948, Manaus – AM, 2 de setembro de 1909.

¹⁹⁷ *Paládio*, nº71, Itacoatiara – AM, 14 de setembro de 1910.

¹⁹⁸ PEREIRA, Kívia Mirrana de Souza. *As Elites de divertem: sociabilidades, identidades e associativismo no Ideal Clube (Manaus, 1903 - 1920)*, 2021, p. 31.

¹⁹⁹ PEREIRA, 2021, p. 31.

²⁰⁰ De acordo com Pereira, a Sociedade Recreação Amazonense, fundada em 1854, é a primeira sociedade da antiga Vila da Barra do Rio Negro.

²⁰¹ *Ibidem*, p. 32.

ao passo que a modernidade se consolidava, chegavam aos espaços públicos.

Na esteira desse debate, cabe recorrer a reflexão de T.J Clarck, que, a partir dos diários dos Goncourt²⁰², argumenta: “o mundo interior está desaparecendo. A vida volta a tornar-se pública. O clube para os que estão por cima, o café para os que estão por baixo, é a isso que chegaram a sociedade e o povo”²⁰³.

Observando o *Paládio* a partir dessa perspectiva de sociabilidade promovida pelos clubes, pondo o jornal enquanto produto, o Recreativo Itacoatiarense por meio da sua imprensa procura constantemente se aproximar dessa relação com a sociedade local, com a produção de bailes festivos, reuniões abertas na casa de seu presidente, ou nos projetos de criação de uma biblioteca do clube, sobretudo como maneira de se consolidar uma cultura letrada. Além disso, há também a promoção de espaços e eventos culturais, como o carnaval, teatro e procissões religiosas.

Ainda na esteira desse debate, Kívia Pereira aponta uma relação entre os jornais, em especial a grande imprensa da cidade de Manaus, com essas agremiações, quando os periódicos se apresentam e se articulam como espaços relevantes de circulação e publicação dos projetos destas instituições. O que se observa é que esse processo de consolidação dos clubes se relaciona com o crescimento da cidade, mas também guarda estreitos laços com as administrações públicas e membros da elite política. *O Paládio*, já em sua primeira edição, apresenta postura que se conecta com a percepção de Pereira, quando deixa clara a sua posição como sucessor de *O Avanço*, e principalmente de defensor dos interesses do clube do qual é produto, Club Recreativo Itacoatiarense. Na coluna “Posse da Directoria”, dizia-se:

A 18 de Julho teve lugar em casa do Major Francisco Domingos do Lago, a sessão solenne de posse da nova Directoria do Club Recreativo Avanço.

A casa de residência daquele nosso distincto amigo achava-se caprichosamente ornamentada, desde a fachada na rua Ruy Barbosa, até ao interior do prédio cujas duas salas principais encontravam-se as 8 horas da noite litteralmente repletas de Ex.^{mos}. famílias e distinctos cavalheiros da fina flor da sociedade itacoatiarense.

A par da esplendida ornamentação dirigida pelo nosso intelligente e activo consocio Ozorio Alves da Fonseca, admirava-se o brilhante aspecto que apresentava a profusa iluminação disposta tanto interior como exteriormente.

Aquella hora teve lugar a abertura da sessão magna, occupando a presidência, como substituto legal, o nosso consocio Olympio Pires, tendo ao seu lado os Ex.^{mos} Snr. ^a Dr. ^a Lobão Veras e Emílio Pinheiro, dignos Juizes de Direito e Municipal desta comarca.

Empossada pela ordem a nova Directoria occupou a presidência o respectivo

²⁰² Goncourt é o sobrenome dos irmãos Edmond e Jules, que registraram em diários o cenário sociocultural da França entre as décadas de 1850 e 1870.

²⁰³ CLARK, T.J. *A pintura da vida moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 72.

funcionario Major Francisco Domingos do Lago.

(...) Em seguida fallaram o nosso orador official Snr. José Libanio Bezerra, professor Aureliano Paes de Andrade Oliveira pela sociedade musical <Euterpe> e <Club dos Girondinos>; Dr. Carvalho Leal pela <Associação Commercial> e Dr. José Emílio Pinheiro pelo <Arauto>.

(...) Logo após a magnifica Orchestra da <Cindo de Setembro> rompeu a primeira valsa com que deu-se inicio ao baile constante de variado programma caprichosamente dirigido pelo maestrino Firmino Borrajo.

Foi uma esplendida festa a do <Club Recreativo Avança>, deixando a mais grata impressão a todos quantos a assistiram²⁰⁴.

Percebe-se no trecho uma rede de relações na qual o Club Recreativo Itacoatiarense e o próprio *Paládio* se inserem e se articulam na cidade de Itacoatiara. A primeira questão que aparece na coluna do jornal vai ao encontro com um dos pontos levantados por Kívia Pereira, é o local onde a reunião de posse da diretoria do clube foi realizada, a casa do seu então presidente, Major Francisco Domingos do Lago.

Pereira argumenta que essas associações recreativas foram incorporadas na sociedade amazonense e estabeleceram conexões entre os chefes políticos e os projetos públicos nacionais. Com base nessa percepção, é possível observar que as reuniões do clube ocorrem na casa de seu presidente, o que evidencia a presença de um elemento de sociabilidade. Ao escolher sua residência como local de encontros do clube, Lago também proporciona um espaço de interação entre os membros da elite política de Itacoatiara, além dos próprios integrantes do Itacoatiarense, aproximando-se de outras agremiações e da superintendência de João Pereira Barbosa.

A casa de Domingos do Lago, localizada na então rua Ruy Barbosa, é descrita no jornal como um prédio com duas grandes salas, vistoso e “caprichosamente ornamentado”. Não é o único evento do clube que ocorre na localidade. É bastante comum aparecer nas páginas do *Paládio* anúncios de festas, assembleias do clube, reuniões e cortejos na casa do major, contando com “famílias e distintos cavalheiros” e tendo especial destaque os aparecimentos do coronel João Pereira Barbosa.

Nesse contexto, cabe destacar a inexistência de um espaço próprio para reuniões do clube, uma sede propriamente dita, tendo suas reuniões acontecido na casa de Francisco Domingos do Lago, o que vai ao encontro com a reflexão apontada por Pereira acerca das atividades dessas agremiações, ou seja, relativamente limitadas às residências das lideranças locais.

²⁰⁴ POSSE DA DIRECTORIA, *Paládio*, nº1, Itacoatiara – AM, 9 de setembro de 1908.

Kívia Pereira também propõe que as casas dos presidentes de Província²⁰⁵ serviam como espaços de aglutinação de interesses e divertimentos, locais de partilha de vivências frente a uma ausência de eventos culturais na cidade. Em outras palavras, é possível perceber, olhando para o Recreativo Itacoatiarense, um cenário dos clubes em Itacoatiara que se assemelha aos primeiros momentos das agremiações no caso de Manaus. Não se está propondo uma hierarquização entre as duas cidades, porém é perceptível um desenvolvimento urbano menos acelerado da antiga Vila da Serpa frente à Vila da Barra. Nomes atuantes no clube, na imprensa e com relações com a administração local aparecem nesse anúncio, como Olympio Pires, um dos redatores d'*O Avança* e do *Paládio* e na ocasião responsável pela abertura do evento. Outro nome que também aparece é o de Ozorio Alves da Fonseca, àquela altura membro do clube e assumindo o cargo de tesoureiro da agremiação durante o evento. José Libanio Bezerra, principal nome da fundação do *Paládio*, e na ocasião, também é citado como orador oficial da solenidade.

É importante destacar também o aparecimento de nomes de figuras relevantes da elite local que aparecem juntos dos nomes de Olympio Pires e José Libanio Bezerra, sendo as figuras de Lobão Veras e Emílio Pinheiro – este último aparecendo com certa frequência nas páginas do jornal²⁰⁶ –, respectivamente juízes de direito e municipal daquela comarca, além do nome do professor Aureliano Paes de Andrade Oliveira, na ocasião representando a sociedade Euterpe.

Procurando definir esse papel das agremiações como elementos de um projeto social, comercial e político da *Belle Époque*, Pereira argumenta que “(...) as associações recreativas incorporaram-se na sociedade amazonense e vincularam no seio social chefes políticos e projetos públicos de nação”²⁰⁷. Os clubes e agremiações são um elemento presente na cidade de Itacoatiara. É possível encontrar sinais das suas atuações na imprensa de Itacoatiara – não somente no *Paládio*, mas n' *O Avança*, e no *Arauto*, além de outros títulos.

Ainda na nota da cerimônia de posse do clube estão presentes referências a algumas dessas instituições, como a já citada sociedade Euterpe. Na mesma edição em que o

²⁰⁵ Kívia Pereira usa como exemplo desse contexto as reuniões da Sociedade Recreação Amazonense, fundada em 1854, referenciada como a primeira agremiação da antiga Vila da Barra do Rio Negro. A autora destaca que a associação era relacionada com os presidentes de província e as reuniões e festas eram realizadas nas casas dessas figuras, espaço de encontro das elites em uma cidade que contava com poucos ambientes recreativos (PEREIRA, 2021, p. 40).

²⁰⁶ Emílio Pinheiro, além de seu cargo público, era redator do companheiro de publicações do *Paládio* na cidade de Itacoatiara, o *Arauto*, jornal relevante e manteve constantes trocas com o produto do Club Itacoatiarense.

²⁰⁷ PEREIRA, 2021, p. 32.

Paládio anuncia a posse da diretoria do Club Itacoatiarense, também apresenta os nomes da diretoria da Euterpe²⁰⁸, dentre os quais está Olympio Pires, no cargo de primeiro secretário, o que permite perceber a sua circulação para além da redação d' *O Avança* e do *Paládio*. Outro nome é o de Guilherme Stone, filho do fazendeiro norte-americano Jazon Williams Stone e irmão de Luiz Stone, tenente coronel da Guarda Nacional e sucessor de João Pereira Barbosa na superintendência local²⁰⁹.

Junto da sociedade Euterpe, referenciada como musical, aparece a Banda Musical 5 de Setembro, elemento constante nas páginas do *Paládio* nas notas de festas e eventos religiosos.

Na matéria intitulada “N. S. do Desterro”, no décimo segundo número do jornal, anunciava-se:

Terminaram no Domingo último as festas em louvor á N. S. do Desterro, na casa de residência da sr^a d. Raymunda Alfaia de Lima.
A banda musical < 5 de Setembro>, tocou durante todo o dia, e á noite uma Orchestra da referida banda executou variado programma composto de valsas, polcas, etc., dançadas por uma infinidade de elegantes pares²¹⁰.

Outra agremiação que aparece ainda na nota de posse da diretoria do Itacoatiarense é o Club dos Girondinos²¹¹. Nas páginas do *Avança* aparece notícias sobre sua inauguração. Já no *Paládio* surgem dados da sua diretoria, com nomes como o professor Aureliano P. de Andrade na posição de orador, e Antônio Simões Barata ocupando a secretaria do clube.

Na introdução do terceiro volume da *História da Vida Privada no Brasil*, Nicolau Sevcenko argumenta o intenso fluxo de transformações que se desenrolam entre fins do século XIX e meados do século XX: “De fato, nunca, em nenhum período anterior, tantas pessoas foram envolvidas de modo tão completo e tão rápido num processo dramático de transformação de seus hábitos cotidianos, suas convicções, seus modos de percepção e até seus reflexos instintivos²¹².”

A perspectiva de Sevcenko, caminha em direção a uma percepção do

²⁰⁸ Apesar de “euterpe” ter relação com um gênero de palmeiras, o mais provável é que o nome da sociedade faça referência à musa da música, uma das musas da mitologia grega e filha de Zeus.

²⁰⁹ SILVA, 1998, p. 97.

²¹⁰ N. S. DO DESTERRO, *Paládio*, nº12, Itacoatiara – AM, 19 de novembro de 1908.

²¹¹ O nome do clube faz referência aos “Girondinos”, grupo relevante na Assembleia Legislativa no contexto da Revolução Francesa, com vários de seus chefes provenientes da região de Gironde – daí o nome –. Eram sobretudo representantes da burguesia, e um dos setores mais interessados no processo de ruptura com o absolutismo (LAMARTINE, 1866).

²¹² SEVECENKO, 1998, p. 7.

desenvolvimento no espaço urbano de redes de interações diversas. Na esteira desse processo em que se reivindicava o “ser moderno”, o que significaria ser jovem, ativo, esperto e desportivo²¹³, os clubes aparecem como frutos dos modelos das elites e se difundem. Desse movimento de diversidade de ideias, é possível destacar a partir das páginas do *Paládio* três exemplos de agremiações.

No sexto número do jornal aparece a notícia de fundação do Club Athletico:

Em reunião publica que teve logar no dia 4 do corrente ás 8 horas da noite, no Pavilhão do Sport, no largo da Matriz, perante crescido numero de cavalheiros, foi fundado o <Club Athletico> cujo fim é o desenvolvimento e propaganda da educação física no nosso meio²¹⁴.
Foi eleito presidente o agrimensor Cassiano Secundo, nosso distincto consocio²¹⁵.

Cassiano Secundo, além de sua atuação na sociedade Euterpe e sua participação na direção do Tiro Brasileiro em Itacoatiara, juntamente com Ozorio Alves, desempenhou um papel importante na administração local. Como agrimensor, Secundo teve uma estreita relação com a superintendência de João Pereira Barbosa, participando ativamente do planejamento e da execução dos projetos de arruamento programados pela municipalidade em 1909. Essas atividades demonstram o engajamento e o envolvimento de Secundo nas questões administrativas da cidade²¹⁶.

Os dois outros exemplos que aparecem no *Paládio* são a Troupe Gil e o Club da Thesoura. A respeito daquele, o jornal informa na coluna “Theatro” de sua décima oitava edição o seguinte: “Conforme foi noticiado, realizou-se no domingo ultimo um atrahentissimo espectáculo levado a effeito pela troupe Gil, bastante conhecida e apreciada pelo nosso publico”²¹⁷. Encabeçada por Francisco Fraga e Rosalia, a equipe de teatro²¹⁸ tem presença constante nas páginas do jornal, sempre acompanhada de elogios e impressões sobre o espetáculo.

Já o Club da Thesoura tem atuação mais ligada às festividades, aparecendo sempre como organizador de bailes e festejos de carnaval. Um exemplo das aparições do clube

²¹³ PEREIRA, 2021, p. 67.

²¹⁴ Em sua fundação, o clube foi dividido em oito seções, que seriam, ginástica, natação, equitação, *raid* militar (prática militar voltada à invasão de território inimigo), exercícios militares e esgrima, tiro ao alvo, patinação e futebol.

²¹⁵ CLUB ATHLETICO, *Paládio*, nº6, Itacoatiara – AM, 8 de outubro de 1908.

²¹⁶ RELATORIO, *Paládio*, nº45, Itacoatiara – AM, 2 de janeiro de 1910.

²¹⁷ THEATRO, *Paládio*, nº18, Itacoatiara – AM, 14 de janeiro de 1909.

²¹⁸ Além dos dois principais nomes da troupe, Antonio Barata aparece esporadicamente como ator amador nas apresentações.

surge no quadragésimo nono número do *Paládio*, na coluna “Carnaval – O Club da Thesoura – Notas Diversas”:

Incontestavelmente os festejos em louvor á Momo tiveram no anno corrente um cunho especialissimo, sendo digno de notar-se o papel importante desempenhado pelo Club da Thesoura, a única associação meramente carnavalesca que possuímos.

(...) O seu cortejo composto de vários carros allegoricos, percorreu longo itinerario, do mesmo sendo apanhadas varias chapas fotograficas²¹⁹.

Além do comando anual das festividades de carnaval, o Clube da Thesoura realizava bailes na casa de seu presidente, Joaquim F. Pereira Lemos, guardando relação próxima com a trupe Gil, aparecido várias vezes no jornal participando das festividades da agremiação. Nos anúncios de festas do clube ainda aparecem nomes que figuram nas elites locais da sociedade itacoatiarense, a exemplo de Aida Stone, filha de Luiz Stone²²⁰, e Tharcilla Barbosa, filha de João Pereira Barbosa e primeira esposa de Ozorio Alves da Fonseca²²¹.

Discutidas algumas questões em relação ao *O Avança* e à presença de clubes e agremiações na cidade de Itacoatiara, cabe analisar mais detidamente aspectos técnicos. O *Paládio* nasceu junto da remodelação do Club Pessoal do Avança, que foi renomeado de Club Recreativo Itacoatiarense. O novo jornal incorporou novas tecnologias de tipografia em sua produção.

Apesar de já em sua primeira edição o *Paládio* apresentar em seu subtítulo que é “Órgão do Club Recreativo Itacoatiarense”, na nota de posse da diretoria, o clube não é mencionado como “Recreativo Avança” – nem mesmo como “Club Pessoal do Avança”. O jornal somente aborda a mudança no nome do clube em seu quarto número.

Na notícia de sua primeira página, intitulada "Itacoatiarense", o periódico defende que o novo subtítulo expressaria "de maneira mais precisa o mundo de ideias que se aninham em nosso peito, em relação ao propósito do nosso Club".²²²

Mesmo justificando que a troca de nome do clube não significaria mudança de ideal, que seria trabalhar pelo divertimento e progresso daquela terra, a mudança de nomenclatura pode indicar um interesse do jornal de se colocar mais próximo da sociedade

²¹⁹ CARNAVAL: O Club da Thesoura – Notas Diversas, *Paládio*, nº49, Itacoatiara – AM, 19 de janeiro de 1910.

²²⁰ SILVA, 1998, p. 133.

²²¹ Ibidem, p. 248.

²²² ITACOATIARENSE, *Paládio*, nº4, Itacoatiara – AM, 22 de setembro de 1908.

local, reivindicando-se como Itacoatiarense, o que pode ser fruto das relações próximas de membros da sua diretoria com a gestão do coronel João Pereira Barbosa na superintendência da cidade.

A primeira questão que difere o estado do jornal do seu antecessor é a existência de uma tipografia própria. Enquanto *O Avança* tinha a sua diagramação elaborada na tipografia do *Arauto*, o *Paládio* contava com a “typographia do Paládio”, localizada na então Travessa 7 de Setembro, na cidade de Itacoatiara. O primeiro anúncio a ser publicado nas páginas do jornal foi da tipografia, no qual se anunciava o trabalho com impressões de diversas naturezas, tais quais cartões de visita, participações de casamentos, batizados e memorandos, ofertando “aceio e rapidez nos trabalhos da Typographia do <Paládio>”²²³.

A existência de uma tipografia específica para o *Paládio*, que não apenas imprimia o jornal, mas também produzia diversos tipos de impressões, combinada com a tipografia do *Arauto*, oferece uma visão mais abrangente do cenário da imprensa em Itacoatiara no final da década de 1900. A presença de duas oficinas tipográficas durante o mandato de João Pereira Barbosa como superintendente municipal não é mera coincidência, uma vez que ambos os jornais estavam alinhados com a administração local e recebiam doações de materiais do coronel.

O fato de o *Paládio* possuir uma tipografia própria e um layout maior do que o do *Avança* evidencia o investimento mais significativo em equipamentos de produção por parte de seus idealizadores, possivelmente devido à influência de Barbosa como gestor municipal.

²²³ TYPOGRAPHIA DO <PALADIO>, *Paládio*, nº3, Itacoatiara – AM, 17 de setembro de 1908.



Figura 3: O Avança e o Paládio.²²⁴

Outro reflexo em relação ao seu antecessor está em sua estrutura. Enquanto *O Avança* apresentava um tamanho de 23,5 x 16 cm, com seu caderno de quatro páginas e duas colunas, e valores de \$200 para o número do dia e \$300 para números atrasados, o *Paládio* trouxe uma estrutura mais complexa, começando pelo tamanho. Inicialmente, aquele tinha 26 x 32 cm e, posteriormente, mudou para 29 x 40 cm.

Além disso, o *Paládio* manteve inicialmente uma estrutura de quatro páginas com três colunas cada, mas entre as edições 73 e 79, adotou uma diagramação com quatro colunas. Apesar da falta das edições 74 a 78 dificultar a compreensão das causas dessa reorganização do formato do jornal, a nova estrutura fornece indícios dos motivos que levaram a essa reformulação. Em suma, ainda mantendo quatro páginas, os anúncios passaram a ocupar as duas últimas, exigindo a organização de quatro colunas, ao invés de três, a fim de manter a quantidade de publicações e notas na folha.

Em relação aos valores, enquanto *O Avança* cobrava apenas por números avulsos, o *Paládio*, indicando uma maior tiragem, estabeleceu o sistema de assinaturas, mantendo

²²⁴ *Paládio*, nº1, Itacoatiara – AM, 5 de setembro de 1908; *O Avança*, nº1, Itacoatiara – AM, 18 de junho de 1908 Disponível no acervo do Centro Cultural dos Povos da Amazônia.

o preço do número do dia a \$200. O valor para números atrasados era de \$400, a assinatura semestral chegava a 6\$000, e o valor anual era de 10\$000.

Em comparação, o *Arauto* mantinha um sistema de vendas semelhante, porém com diferentes valores: o número avulso custava \$400, o atrasado \$300, a assinatura semestral 9\$000 e a anual 15\$000²²⁵. Já o *Jornal do Commercio*²²⁶, dos grandes títulos que circularam na cidade de Manaus no mesmo contexto, tinha suas vendas somente pelo modelo de assinaturas anuais, tendo o valor de 50\$000 para a capital e 60\$000 para os interiores e outros estados. De acordo com Leno José, o *Jornal do Commercio* só começou a apresentar valores de venda a partir do seu número 3391, de 5 de outubro de 1913, sendo \$200 o avulso e \$500 o número do dia²²⁷.

Jornais como o *Humaythaense*²²⁸, da cidade de Humaitá, que em 1908 circulava pelos valores de \$500 o diário, 10\$000 a assinatura semestral e 18\$000 para a assinatura anual, e *O Manicoré*²²⁹, da cidade de mesmo nome, também em 1908 tinha os valores de \$300 para os números avulsos, 8\$000 para as assinaturas semestrais e 15\$000 as anuais. Esses números possibilitam pincelar o cenário da imprensa pelos interiores do Amazonas, definindo uma diferença significativa entre esses periódicos e grandes jornais da capital como o *Jornal do Commercio*.

A principal questão que esses valores indicam é a disparidade entre as assinaturas semestrais e anuais, enquanto os valores dos diários e avulsos ficam entre 300 e 500 réis, isto é, as assinaturas de jornais mais longevos como o *Humaythaense* e *O Manicoré*, ou mais próximos do caráter empresarial, como o *Jornal do Commercio* de Manaus, alcançavam valores significativamente maiores que o *Paládio*. Esses números da folha do Recreativo Itacoatiarense, quando postos em paralelo a esses exemplos, fornecem alguns indicativos do escopo do periódico. Com a sua periodicidade recém iniciada, o *Paládio* se encontrava em um contexto de menor expressão mesmo no cenário local, com o *Arauto* sendo o maior jornal naquele momento. Em suma, os valores também podem indicar uma tentativa do jornal de alcançar um maior número de leitores entre a população da cidade, além desses números poderem ser interpretados como traços dos limites do impresso,

²²⁵ ARAUTO: Publicação semanal, *Arauto*, nº70, Itacoatiara – AM, 26 de janeiro de 1908.

²²⁶ JORNAL DO COMMERCIO: Assinaturas, *Jornal do Commercio*, nº1604, Manaus – AM, 9 de setembro de 1908.

²²⁷ SOUZA, 2010, p. 116.

²²⁸ O *Humaythaense* circulou entre os anos de 1891 e 1917 na cidade de Humaitá, representando um dos excepcionais casos de jornais que passaram as três décadas de circulação. Era fruto da família do Comendador José Francisco Monteiro, fundador da cidade (LEAL, 2017, p.61).

²²⁹ O *Manicoré* circulou na cidade de Manicoré entre 1899 e 1908, com interrupção entre 1900 e 1907. (FREIRE, 1990, p. 138.)

circunscrito aos espaços do clube.

O jornal era de periodicidade semanal, como era comum na imprensa interiorana. Contudo, não seguia à risca essa proposta, não por vontade própria, mas por força das limitações técnicas que lhe são impostas. No jornal, é comum o aparecimento de comemoração pelo recebimento de doações de material tipográfico, muitas vezes ofertadas pelo Coronel João Pereira Barbosa, superintendente da cidade e proprietário do jornal *Arauto*, além das comuns notícias da ida do diretor da folha, Ozorio Alves da Fonseca, para Manaus a fim de conseguir material tipográfico – um indicativo das circulações dos prelos entre a capital e pequenas cidades.

Outra questão que circunda o jornal é acerca da sua tiragem. O periódico oferta poucas informações acerca dos seus números de produção. Levando em conta os dados de densidade populacional levantados por Francisco Gomes da Silva²³⁰ em relação à cidade de Itacoatiara na virada ao século XX, se chega ao contingente aproximado de 12 mil pessoas na cidade. O *Paládio* não oferece números claros acerca de suas vendas, tendo aparecido apenas o número de 87 assinantes do jornal no ano de 1911. Apesar de seus valores relativamente acessíveis, se comparados aos de outros jornais – inclusive o *Arauto* –, é possível supor que o periódico não tenha alcançado números muito expressivos de vendas para além dos círculos do Club Recreativo Itacoatiarense.

Em relação a sua equipe editorial, o jornal em suas primeiras publicações anunciava como expediente apenas o nome de seu redator-chefe José Libanio Bezerra. A esse respeito, o redator, nas páginas do *Jornal do Comércio* de Manaus, é possível encontrar alguns dados acerca de sua atuação pública, como na seguinte nota:

A Associação Commercial recebeu do presidente da República um officio em que diz haver tomado na devida consideração e mandado estudar pelo ministério da fazenda o pedido que lhe foi feito sobre o estabelecimento da Meza de rendas alfandegada. Poucos dias depois aqui esteve o sr. Martins 2º escripturario da Alfandega d'essa cidade, em comissão vindo recommendado pelo inspetor ao senhor José Libanio Bezerra 1º secretario da Associação Commercial²³¹

Além das informações sobre a Meza de rendas, uma demanda constante nas páginas do *Paládio* para Itacoatiara é ressaltar a posição de Bezerra como secretário da Associação Comercial da cidade. Isso ocorre em um contexto no qual a administração pública tinha como objetivo a independência exportadora da cidade em relação a Manaus.

²³⁰ SILVA, Francisco Gomes da. *Cronografia de Itacoatiara*. 1998, p. 21.

²³¹ ITACOATIARA, *Jornal do Comércio* nº1501, Manaus – AM, 29 de maio de 1908.

Nesse sentido, a instalação de uma Mesa de Rendas era uma reivindicação frequente. Além disso, Itacoatiara enfrentava o desafio de desenvolver a comercialização de diversos produtos.

Acerca desse cenário econômico, o *Paládio* fornece indicativos não somente dos produtos comercializados, mas também do papel que Itacoatiara estaria assumindo frente a outras cidades. A coluna “Nossa Expansão Commercial”, referente aos números do comércio dos anos de 1908 e 1909, presente no quadragésimo número do periódico, aponta registra o seguinte:

Diante da nossa expansão commercial sempre crescente e animadora, em que pése as outras praças comerciais que pretendiam mantel-a envolvida nas teias de uma sujeição aviltante e vergonhosa, convencemo-nos que á Itacoatiara está destinado um futuro honroso, e aliás digno de sua condição de município rio, topographicamente superior a todos do Amazonas, e que tem uma população perseverante, laboriosa, altiva e esforçada. Incontestavelmente dotada de fartos recursos naturaes que podem assegurar a esta cidade a primasia entre todas as cidades amazônicas, com excepção das duas capitaes, o município de Itacoatiara progride por si mesmo, sem o menor auxilio dos governos deste paiz, tendo sido preterido por vezes nas suas justas aspirações²³².

Como já dito, o progresso de Itacoatiara é o projeto desejado pelo jornal, e seguindo nessa perspectiva, não é incomum encontrar pelas suas páginas discussões que coloquem a cidade em paralelo a Manaus e Belém, sempre caminhando pela narrativa de que Itacoatiara estaria superando as sombras que lhe eram impostas por essas cidades e tomando para si o protagonismo dos rios amazônicos, apesar dos “inimigos” e de um descaso do governo brasileiro.

Retornando a Libanio Bezerra e sua posição na administração local, o redator do *Paládio* também ocupava o cargo de “agente” do *Jornal do Comércio* de Manaus em Itacoatiara, uma espécie de correspondente enviado à cidade para angariar assinaturas para o periódico da capital²³³. José Libanio Bezerra fica na posição de redator-chefe apenas até o número 33 do jornal, mas já na edição 28 o periódico anuncia o seu regresso para seu estado natal, Pernambuco, deixando de ter participação no *Paládio* a partir de então.

Com a saída de Bezerra do jornal e sua ida para Pernambuco, no número 34, o *Paládio* apresenta um novo expediente. Além dos nomes dos já citados redatores Olympio Gonçalves Pires e Antônio Simões Barata, aparece a figura de Manoel do Carmo Menezes,

²³² NOSSA EXPANSÃO COMMERCIAL, *Paládio*, nº46, Itacoatiara – AM, 16 de janeiro de 1909.

²³³ ITACOATIARA, *Jornal do Comércio*, nº1501, Manaus – AM, 29 de maio de 1908.

também membro do clube Itacoatiarense e José Mauro de Oliveira como gerente – função que antes não aparecia no expediente no jornal. Porém, a principal figura que aparece nessa nova configuração, como diretor da folha, é Ozorio Alves da Fonseca.

Apesar de não representar abruptas mudanças na direção do jornal, a edição de número 34 tem importante valor para o *Paládio*, e mesmo para o periodismo amazonense, sendo publicada no dia 4 de setembro de 1909. É a edição que destaca a passagem do primeiro ano da folha. É também nesse número que Ozorio Alves se apresenta como diretor, não falando sobre si, mas sobre a imprensa. Em nota que se estende até o número 37, o diretor escreve:

El' assás nobilante o papel que a imprensa desempenha actualmente. Há muito, vem ella como verdadeiro porta-voz dos grandes commettimentos, emprestando seu concurso de subido valor á civilisação mundial que hoje em elevado gráo de perfeição aprimorada lhe deve o melhor de seus esforços. E' uma funcção ingrata, não sendo diminuto o número de pessoas extenuadas pelo seu labor mortificante, mas dia á dia apparecem novos adeptos que mesmo diante dos exemplos palpáveis, não trepidam em tomal-a como ideal. (...) Como defensora dos sagrados interesses do povo, a imprensa não teme o mais potestado, o menos philantropico, porque ella e invulnerável á soez investida dos que pela força bruta tudo alcançam²³⁴.

Mesmo não sendo abrupta, a presença de Ozorio à frente do *Paládio* indica uma caminhada mais clara da folha em direção a uma reivindicação do seu papel enquanto defensora de um projeto de progresso moral e material que somente poderia ser levado a cabo por esse “instrumento de luz” que, segundo o agora diretor, ensina a história e põe sua pena de combate em prol dos fracos e oprimidos.

Junto dessa reafirmação do lugar da imprensa, o jornal sob direção de Ozorio estreita relações com a administração pública – talvez por sua relação próxima com João Pereira Barbosa –, tornando-se mais comum o aparecimento de publicações que dizem respeito a medidas da superintendência, como as já citadas notas de exportação, editais e mesmo saindo em defesa da gestão de Barbosa e da própria figura de Ozorio. Apesar de não aparecer de forma clara nas páginas do periódico, em tais condições, é plausível supor a existência de subvenções, formais ou informais, da superintendência ao jornal.

Durante todo o jornal é possível perceber que a figura de Ozorio é quase simbiótica com o próprio periódico, de longe a pessoa mais influente na publicação da folha. Nas páginas do *Paládio* se podem encontrar algumas considerações sobre o diretor.

²³⁴ FONSECA, Ozorio. A Imprensa. *Paládio*, nº34, Itacoatiara – AM, 5 de setembro de 1909.

Isto é, na sessão “Alistamento Militar” do oitavo número do jornal, Ozorio Alves aparece na lista de recém-alistados da comissão de alistamento militar do município. As obras do historiador e escritor Francisco Gomes da Silva oferecem algumas informações a mais sobre Ozorio.

Em relação ao seu nascimento, encontra-se uma discordância entre os dados apresentados no *Paládio* e os fornecidos por Silva. Enquanto o periódico aponta o ano de 1886, e o historiador apresenta a data mais precisa de 4 de outubro de 1889. A obra de Silva fornece mais dados quando aponta que o diretor do jornal nasceu em Manaus e foi, com dez anos, para a cidade de Itacoatiara.

Uma breve consideração sobre como Ozorio aparece no *Paládio*, enquanto ele atuava somente como redator, aparece na “Saudação”, um pequeno texto publicado no sétimo número do jornal. O texto escrito por Antônio Barata se refere à comemoração do aniversário de Ozorio (a data converge com os dados apresentados por Francisco Domingos da Silva, dia 4 de outubro):

Busco flores colher, para ofertar-te, N'arido campo – a minha inteligência – Mas entristeço, pois lhes falta essência E esse matiz encantador da arte. Embora! Quem me impede de saudar-te? Eu te saúdo, pois; e a Providencia Praza enflorar-te a senda da existência, Onde não possa rir feliz talhar-te.²³⁵

Esse pequeno texto poético não somente reforça a atuação de Antonio Barata nesse campo literário, apresentando periodicamente textos desse gênero nas páginas do jornal desde as publicações do antecessor *O Avança*, como também destaca a aproximação entre as figuras atuantes no corpo editorial da folha jornalística. Além disso, desde seus primeiros anos na cidade de Itacoatiara, Ozorio aparece associado a figuras relevantes da elite econômica e política local. De acordo com Francisco Gomes da Silva, aos onze anos, Ozorio já trabalhava em uma tipografia local e posteriormente passou a exercer função na empresa Óscar Ramos & Cia²³⁶.

O ano de 1908 não é somente o período de reformulação do Club Recreativo Itacoatiarense. Nesse cenário, ocorre a eleição de uma nova diretoria e o surgimento do *Paládio*. A nova diretoria do clube contava com Francisco Domingos do Lago na presidência e Mariano Laroze de Azevedo como vice-presidente, os redatores Antonio Simões Barata

²³⁵ BARATA, Antonio. Saudação. *Paládio*, nº7, Itacoatiara – AM, 15 de outubro de 1908.

²³⁶ Tanto Samuel Benchimol (2009) quanto Francisco Gomes da Silva (1997;1998) destacam a atuação de migrantes portugueses como especialmente importantes no processo de crescimento urbano e remodelagem da sociedade, atuando com proeminência enquanto classe política e liderança empresarial.

e Manoel do Carmo Meneses ocuparam, respectivamente, os cargos de primeiro e segundo secretários. Por sua vez, José Libanio Bezerra ocupou o posto de orador e Ozorio Alves da Fonseca apareceu no cargo de tesoureiro.

Nesse ano também ocorreu o retorno à administração municipal do Coronel João Pereira Barbosa, figura relevante na política local desde a adesão à República. Em sua segunda gestão à frente da Superintendência, figuras relevantes no clube e no jornal ocuparam posições importantes na administração local, dentre eles Ozorio Alves da Fonseca na secretaria.

Não é possível afirmar de forma precisa que o casamento de Ozorio Alves com Tharcila Barbosa resultou em sua aproximação com o coronel João Pereira Barbosa, mas é inegável a importância dessa influência do coronel na atuação pública de Ozorio. Aos dezenove anos de idade, Ozorio já possuía experiência em oficina tipográfica e tinha estabelecido uma relação com Óscar Ramos, um dos principais nomes do comércio de Itacoatiara. No entanto, foi por meio da relação com o coronel Barbosa que Ozorio chegou à administração pública, atuando na secretaria durante a segunda gestão do coronel. Assumindo a função de secretário, Ozorio desempenhou o papel de porta-voz na superintendência, divulgando seus atos e projetos.

Inclusive, é possível encontrar na imprensa de Manaus algumas aparições que destacam a estreita relação de Ozorio com a administração municipal. Além de ocupar a secretaria durante a gestão de João Pereira Barbosa e sua posição na tesouraria do Clube Recreativo Itacoatiarense, Ozorio também era suplente do chefe de polícia em 1909²³⁷. E é membro do recém-fundado Tiro Brasileiro de Itacoatiara, também em 1909, bem como atuou na Junta de Alistamento Eleitoral do município em 1911.

Até mesmo nas relações conturbadas entre o superintendente João Pereira Barbosa e seus desafetos, ficou evidente a estreita ligação de Ozorio com a administração da cidade. Um exemplo disso é a coluna escrita pelo então agente dos correios de Itacoatiara e publicada no *Jornal do Comércio* de Manaus, em 1910, que reforçou essa aproximação.

O conflito em questão foi amplamente discutido nas páginas do *Paládio*, veículo que defendeu fervorosamente seu diretor. Na nota destinada ao público e ao comércio de Itacoatiara, o agente dos correios, chamado Elyseu S. Garibaldi, buscou se defender das supostas ofensas e difamações que, em sua perspectiva, teriam sido dirigidas a ele pela imprensa local.

²³⁷ NOTICIÁRIO, *Correio do Norte*, nº307, Manaus – AM, 14 de dezembro de 1909.

Arrastado simplesmente por um sentimento de honra, assim como pelo respeito e grande consideração que me inspiram o publico geral e digna classe comercial de Itacoatiara, da qual faço parte na qualidade de um dos seus mais humildes membros, sou forçado a vir pelas columnas da imprensa de Manós, repellir os insultos e infâmias de que tenho sido álbum em Itacoatiara, por dois pasquins, que ali são publicados sobre a direção do superintendente da Intendencia Municipal d'aquela cidade, auxiliado por um seu protegido e secretario.

O superintendente João Pereira Barbosa, e o seu auxiliar Ozorio Fonseca, ambos bastantes conhecidos em Itacoatiara, pelo modo odioso e immoral, com que procedem, como é publico e sabido, entenderam de abrir uma campanha difamatória contra a minha pessoa pelos jornalecos <Arauto> e <Paládio> de propriedade dos dois difamadores, que em tal officio são uzeiros e vezeiros.²³⁸

A ida de Garibaldi à imprensa de Manaus indica uma impossibilidade de se manifestar no cenário jornalístico de Itacoatiara, o que se justifica pela existência de apenas dois jornais circulando na cidade naquele contexto, *Arauto* e *Paládio*, ambos ligados à figura de João Pereira Barbosa.

Nesse sentido, o *Arauto* dá o pontapé inicial ao conflito nas páginas da imprensa, ao relatar um suposto desentendimento entre Garibaldi, recém-nomeado como agente dos correios da cidade²³⁹ e Ozorio Alves da Fonseca, este último já na condição de primeiro suplente de Delegado (outro indicativo de sua profunda relação com a administração pública). Duvidando até mesmo da naturalidade portuguesa de Garibaldi, o jornal o acusa de cobrar de forma ilícita taxas de multas sobre a aplicação de selos, além de “descabidas” imposições e exigências na distribuição das malas e subscritos das cartas. Sob a manchete ostensiva: “Intrigante, caluniador e peculatório – com o rabo na retoeira”, a folha narrou o ocorrido dizendo:

Tendo há dias o sr. Ozorio Fonseca (...) mandado levar ao Correio por sua ordenança um officio de porte simples (100 rs.) para ser enviado ao seu destino, o quichotesco agente ao receber o mesmo officio atirou-o ao chão para o lado do portador, dizendo não receber correspondencia sem sello. (...) Dando esta conhecimento do ocorrido ao referido delegado, este foi ao correio saber do insolente agente qual a razão porque havia atirado ao chão o officio e cobrado o porte de 200 rs. quando este era 100 rs. pelo seu mínimo. Ahi o furioso agente vociferou com insolência ao delegado que podia cobrar a taxa que bem entendesse; observando-lhe aquella autoridade que o agente tinha de cingir-se ao regulamento postal e não a sua vontade, retirou-se sem que mais nada houvesse²⁴⁰.

²³⁸ GARIBALDI, Elyseu S. Ao publico e ao commercio de Itacoatiara. *Jornal do Comércio*, nº2180, Manaus – AM, 26 de abril de 1910.

²³⁹ A mesma publicação do *Arauto* indica que essas indicações de agentes dos correios aconteciam a partir da administração da agência postal de Manaus.

²⁴⁰ INTRIGANTE, CALUMNIADOR E PECULATARIO: com o rabo na ratoeira. *Arauto*, nº178, Itacoatiara – AM, 10 de abril de 1910.

Ainda na sequência do texto, é dito que Garibaldi escreveu uma carta ao Governador do Estado acusando Ozorio de ter tentado agredi-lo, saindo o próprio periódico em defesa do diretor do *Paládio*, adjetivando o agente do correio de patife e palhaço e afirmando que Ozorio estaria defendendo a figura do governador. Em contrapartida, na já citada nota publicada por Garibaldi no *Jornal do Commercio*, o agente do correio rebateu as acusações afirmando que Ozorio fora quem o teria insultado, e garante que tanto o “protegido” do Superintendente, quanto este, “dois inseparáveis amigos”, não prestavam serviço algum à cidade e teriam sumido com as rendas públicas. Garibaldi completou seu manifesto solicitando ao governador que seus difamadores fossem retirados de seus cargos na administração de Itacoatiara.

O diretor do *Paládio* não deixou de usar do jornal para inflamar o conflito contra o “português degenerado”, ocupando longas colunas da folha para discutir as supostas mentiras de Garibaldi, além de defender a si mesmo e seu “amigo”, coronel João Pereira Barbosa. Um exemplo dessas manifestações de Ozorio ocupou toda a primeira página da edição 55 do jornal, sob a manchete “Desmascarando um tartufo²⁴¹”:

O cynico e desavergonhado poltrão que accode o nome de Elyseu Garibalde, não teve a dignidade precisa para realizar a sua ameaça de agredir-me, por ter eu feito a autopsia do seu cadáver moral, alias, na defesa de minha honorabilidade que o mesmo sonhou macular com sua peçonhenta baba.
 (...) Como o meu detrator limitou-se a morder os punhos e atirar couces em alvos imaginários, continuo a gosar a tranquilidade moral que sempre usufrui, pois nunca tive remorsos das ações que hei mordaz, devido a isenção de animo de que me revisto nos transeis mais augustosos da minha ainda curta vida publica²⁴².

Os ataques continuaram no *Paládio* por parte de Fonseca e na imprensa de Manaus por parte de Garibaldi. Ambos acusaram seu algoz de ameaças físicas e calúnias. Esses conflitos são apenas uma amostra dos diversos "inimigos" que se opõem à "marcha rumo ao progresso" reivindicada pela folha jornalística. A questão de Garibaldi destaca não apenas os conflitos presentes nos espaços públicos de Itacoatiara, mas também o papel do próprio jornal como defensor dos interesses do grupo político liderado pelo coronel João Pereira Barbosa.

²⁴¹ Termo que se refere a um indivíduo hipócrita e possuidor de vícios.

²⁴² FONSECA, Ozorio. Desmascarando um tartufo. *Paládio*, nº55, Itacoatiara – AM, 19 de abril de 1910.

Outra pessoa a ser destacada não na produção do jornal, mas como presidente do clube proprietário e que guarda relações de longa data com a administração e a elite local, é o major Francisco Domingos do Lago. Na primeira página do décimo sexto número do periódico, há uma coluna que homenageia seu aniversário:

E' amanhã dia de festa para os que aqui moarejam: o major Francisco Domingos do Lago, o prestimoso presidente do club cujos interesses defendemos, completa anos. Avesso á exhibições, verá entretanto, o nosso querido presidente, o seu lar regorgitando de pessoas amigas que irão levar-lhe os seus emboras por tão justo motivo.

E há razão para isso. Há longos annos vive aqui o anniversariante e até hoje sua vida em sido um incessante labutar, um exemplo de caridade, de bom amigo, chefe de família e cidadão.

O "Paládio" felicita o major Domingos do Lago e almeja-lhe um venturoso porvir. Salve 25 de Dezembro.²⁴³

Não cabe aqui fazer um juízo de valor das virtudes do "bendito" major, no entanto, alguns elementos podem ser destacados. Em primeiro lugar, o jornal estabelece uma relação amistosa e de exaltação com figuras que fazem parte dos círculos sociais que compõem sua formação. Isso pode ser observado em outras colunas dedicadas a comemorar aniversários, festas, casamentos e reuniões de clubes que possuem relações próximas com o Itacoatiarense. O major Domingos do Lago é das figuras mais bem tratadas nas páginas do *Paládio*, cercado de elogios a sua moral e conduta a cada aparição.

Como já assinalado, Nelson Werneck Sodré relaciona os jornais que circulam nos interiores aos interesses de certos grupos elitizados e Maria Luiza Ugarte Pinheiro reforça essa indicação quando afirma que as pequenas folhas "traziam consigo o agravante, de estarem atrelados a projetos políticos e visões sociais e consolidadas no interior dos grupos dominantes, seja do ponto de vista político ou do econômico"²⁴⁴. Esse lugar social dos jornais forma garantia a sua existência, sobretudo como produto dessas elites locais.

A figura do major Francisco Domingos do Lago tem sobre si boa parte da influência desse universo de interesses que circundam o *Paládio*, já que ele próprio tem sua relevância na política local muito anterior ao surgimento do clube e do jornal.

Já em 1897, uma década antes da fundação do Club Recreativo Itacoatiarense, Lago aparece nas páginas do *Diário Oficial* como substituto do recém exonerado Jesuino da Costa Fonseca do cargo de Prefeito de Segurança Pública do Termo de Itacoatiara²⁴⁵.

²⁴³ DOMINGOS DO LAGO. *Paládio*, nº16, Itacoatiara – AM, 24 de dezembro de 1908.

²⁴⁴ PINHEIRO, 2015, p. 26.

²⁴⁵ ACTOS OFFICIAIS. *Diário Oficial*, nº909, Manaus – AM, 29 de janeiro de 1897.

Em 1906, o *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial*, produzido no Rio de Janeiro, tem no corpo de colaboradores a figura do Coronel João Pereira Barbosa. A publicação serve como uma interessante fonte de informações sobre Domingos do Lago. Seu nome aparece não mais no cargo de prefeito de segurança pública, mas surge como secretário da Loja Maçônica Esperança e Harmonia da cidade de Itacoatiara, a qual tinha como Venerável o coronel João Pereira Barbosa²⁴⁶.

William Almeida de Carvalho, em sua obra intitulada: *Pequena História da Maçonaria no Brasil*, ressalta o papel particular desempenhado por essa ordem no país desde o século XIX, destacando sua participação ativa nas disputas pela independência e nos projetos republicanos. O autor também enfatiza a relevância de figuras ligadas à maçonaria na política nacional durante os primeiros anos da República, mencionando que oito dos doze primeiros presidentes do Brasil possuíam vínculos com as Lojas maçônicas, incluindo nomes como Deodoro da Fonseca. Dessa forma, torna-se relevante abordar não apenas a Loja Maçônica Esperança e Harmonia, mas também a presença da Loja Maçônica *Arkbal* em Itacoatiara, que era liderada pelo Venerável Jason Hermida e contava com Manoel Candido R. de Menezes como secretário.

Além de pura e simplesmente resgatar essa atuação de Francisco Domingos do Lago na maçonaria, é importante ter clara a sua atuação junto da figura do Coronel Barbosa, que em 1906 já tinha ocupado a superintendência local e ocuparia novamente em 1908. Ambos mantêm uma relação abertamente próxima. Nesse contexto, o *Paládio* apresenta significantes indicativos dessa proximidade: a atuação de ambos na loja maçônica, na vida pública da cidade de Itacoatiara e a presença constante do superintendente nas reuniões do Club Recreativo Itacoatiarense, sempre sendo homenageado ou dando algumas palavras como orador.

Como destaca Luís Munaro²⁴⁷ a partir dos debates de Victor Nunes Leal²⁴⁸, a Constituição de 1891 transformou de forma fundamental a política a nível municipal, configurando esses espaços como zonas de conquista de votos, um verdadeiro teatro de disputas, tendo a autonomia municipal sido um projeto efusivamente defendido pelos ideários do federalismo que argumentavam pela descentralização política e administrativa, resvalando também na esfera do município.

²⁴⁶ ESPERANÇA E HARMONIA. *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial*, nº63, Rio de Janeiro – RJ, 1906.

²⁴⁷ MUNARO, Luís. Coronéis, *Jornais e a Formação dos Municípios no Amazonas*, 2018.

²⁴⁸ LEAL, Victor Nunes Leal. *Coronelismo, enxada e voto*. 7a ed. São Paulo: Cia das Letras, 2012.

Essa própria dinâmica expansionista dos cenários urbanos impulsionada pela borracha, como destaca Leal, construiu a nível municipal uma arbitrariedade política de poder nas mãos das lideranças locais, em geral “carismáticas (...) proprietárias de terras, cujas ramificações políticas se expandiam na medida mesmo de seus vínculos familiares”²⁴⁹. Essa percepção apontada por Leal ganhou ressonância quando os olhares se voltaram às figuras que circundam o *Paládio*.

Em relação às figuras de Francisco Domingos do Lago e Ozorio Alves da Fonseca, as informações também são obscuras, com notícias que se limitam às referências no *Almanak Administrativo Mercantil e Industrial*. Esse almanaque indica a atuação de Lago na segurança pública, e os textos de Francisco Gomes da Silva sugerem a aproximação de Ozorio com nomes relevantes do comércio local, como Óscar Ramos.

Apesar da falta de fontes que definam claramente as atividades econômicas às quais João Pereira Barbosa se dedicava, é possível inferir, nas entrelinhas do texto mencionado de Elyseu Garibaldi, que o superintendente possuía terras na municipalidade.

Embora as declarações de Garibaldi sejam um ataque a Barbosa, ainda assim, indicam a posição do coronel na economia local. Além disso, em relação às figuras de Francisco Domingos do Lago e Ozorio Alves da Fonseca, as informações também são obscuras, com notícias que se limitam às referências no *Almanak Administrativo Mercantil e Industrial*. Esse almanaque indica a atuação de Lago na segurança pública, e os textos de Francisco Gomes da Silva sugerem a aproximação de Ozorio com nomes relevantes do comércio local, como Óscar Ramos.

Nesse bojo, o *Paládio*, especialmente em suas primeiras edições, apresenta de forma muito clara a sua posição, isto é, “defensor impertérito” do programa traçado pelo clube desde a publicação do seu antecessor, *O Avança*. Logo em sua primeira edição o jornal se constitui como um “altruístico empreendimento” dos moços batalhadores pelo progresso que aquela terra pretensamente seria merecedora. Ademais, o quarto número do jornal, em sua primeira página, oferece um complemento a esse indicativo da razão de existir do periódico enquanto defensor e difusor dos interesses do clube, sobretudo com a manchete “Itacoatiarense”:

E' hoje essa denominação de nosso Club Recrativo que outr'ora foi <Avança>. Quando surgiu á publicidade a resolução que havíamos tomado, e levado a effeito houve quem dissesse que o Club deixaria de existir porque o sympathico nome que tinha, havia sido posto de lado.

²⁴⁹ MUNARO, 2018, p. 274.

(...) Ainda que a mudança de denominação estivesse mui distante da que foi outr'ora, não podia isso de modo algum exprimir frieza de animo de nossa parte.
 (...) Ao 'contrario disso: attendendo mesmo ao ideal que alimentamos, a expressão <Itacoatiarense> traduz melhor o mundo de ideias que se aninham em nosso peito relativamente ao fim a que se propõe o nosso Club.
 (...) E ahi está o <Paládio> para proval-o (...) Lembrem-se disso todos os nossos caros consócios e não esqueçam também que acima de tudo o nome Itacoatiara está gravado profundamente em nosso pensamento e é elle que nos domina.²⁵⁰

O dito “fim a que se propõe” o clube seria o progresso no qual se ramifica em diversas manifestações que surgem nas páginas do *Paládio*. Nesse cenário, posicionando-se como defensor dos avanços morais e materiais que Itacoatiara seria merecedora, o programa do jornal se manifesta na sua atuação como emissor dos atos da administração do coronel Barbosa, nas demandas pelo aformoseamento da cidade e no melhoramento dos espaços urbanos, ressoando em aspectos ligados à moralidade, como a exaltação do trabalho e da educação.

Convém mencionar que o *Paládio* vai ao encontro da interpretação de Luís Munaro sobre os jornais que circulavam nos interiores, como aqueles relacionados ao coronel ou ao grupo político que orbita a sua publicidade, haja vista que se apresentam como “uma força moderna e vinculada ao progresso da cidade”²⁵¹, sobretudo propondo serem um sinal de superação de uma estagnação moral e material de tempos da Monarquia em direção a um letramento e civilidade que encaminhariam essas cidades ao progresso esperado.

3.2 Um jornal “apartidário” como porta-voz de um grupo político

Valendo-se da perspectiva de espelho que descrevem Marcos Morel e Mariana Barros, a qual se projetam e se definem posições a partir das próprias referências, é interessante nesse momento aprofundar essas aproximações do *Paládio* com a administração pública do município e o lugar social que o jornal defende. A questão central a ser aprofundada propriamente é o “projeto do jornal” enquanto sua reivindicação da imprensa como uma “grandiosa missão”²⁵², e esse lugar social no qual o *Paládio* está inserido na sociedade de Itacoatiara no início do século XX.

A esse respeito, Davi Avelino Leal investiga as relações entre imprensa e a cidade a partir das publicações do *Humaythaense* (1891-1917), fundado pela família de José

²⁵⁰ ITACOATIARENSE. *Paládio*, nº4, Itacoatiara – AM, 22 de setembro de 1908.

²⁵¹ MUNARO, 2018, p. 278.

²⁵² O PODER DA IMPRENSA. *Paládio*, nº70, Itacoatiara – AM, 5 de setembro de 1910.

Francisco Monteiro no bojo do crescimento urbano da cidade de Humaitá. O jornal visava repercutir temas de cunho político e econômico da cidade, “bem como a divulgação de ideais modernizadores e de controle da moralidade”²⁵³.

Leal ainda explica, no estudo sobre o *Humaythaense*, que o jornal orbitava em torno do Comendador Monteiro, ou José Francisco Monteiro. Apesar das narrativas que destacam sua origem humilde e seu grande esforço para a ascensão social, a trajetória de Monteiro, desde o nascimento na cidade do Porto, em Portugal, passando por suas estadias no Maranhão, Pará e por fim no Amazonas, foi pautada por uma rede comercial, de origem familiar, que impulsionou o seu acúmulo de capital e a sua relevância política. Como Leal afirma: “o poder econômico foi convertido em poder político, pois exerceu várias vezes o cargo de superintendente municipal de Humaitá”²⁵⁴.

Roberto Machado, em sua introdução ao *Microfísica do Poder* de Michael, de Foucault, aponta que as relações entre poder e saber não partem necessariamente de uma relação direta com o Estado, considerado um aparelho central do poder, “mas por uma articulação com poderes locais, específicos, circunscritos a uma pequena área de ação”²⁵⁵. No contexto mencionado, a principal questão que se procura apreender da perspectiva de Foucault é o que ele propõe como “microfísica do poder”, que significa “tanto um deslocamento do espaço da análise quanto do nível em que esta se efetua”²⁵⁶, quando o autor procura estruturar sua reflexão a nível molecular do exercício do poder, “do macro ao micro”. Trata-se de uma análise que Foucault classifica como descendente, sob um prisma em que parte do Estado enquanto instituição macro, e busca apreender até onde essas relações e desenvolvem nas demais camadas da sociedade.

Postas as relações do *Humaythaense* com os grupos dominantes de Humaitá – analisado por Leal –, pode-se emprestar a visão de Claudemilson Nonato Santos de Oliveira em relação à Itacoatiara. A cidade, em comparação a Manaus ou Belém, é relativamente pequena²⁵⁷; mas, no imaginário local especificamente dos grupos dominantes, “a cidade despontava como urbe em franco progresso, expressado entre

²⁵³ LEAL, 2017, p. 60.

²⁵⁴ LEAL, 2017, p. 63.

²⁵⁵ MACHADO, Roberto. Introdução. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 6ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017. p. 7-34., p. 13.

²⁵⁶ Ibidem, p. 14.

²⁵⁷ OLIVEIRA, Claudemilson Nonato Santos de. *A Kipá e o Cocar*. A rede intercomunitária judaica na estruturação urbana de Itacoatiara, 2019, p. 15.

outros fatores pelo adensamento populacional”²⁵⁸.

Em sua terceira edição, na primeira coluna de sua primeira página e sob o título “O <Paládio>”, o jornal procurou destacar algumas considerações sobre seu papel.

[...] Continuaremos sempre na róta espinhosa que nos traçamos, a batalhar pelo progresso moral e material desta terra que nos é tão cara e não nos humilharemos dizendo que esta população querida é que devemos a nossa gratidão sincera por todo o prestígio que nos tem concedido, por todo o auxílio moral que tanto nos consola e anima.

La fora, e isso é gloria que nos pertence também, dir-se-á que Itacoatiara progride á sombra da harmonia que os seus filhos queridos sabem alimentar, esquecendo-se de questões partidárias ou pessoas, congregando-se todos para a realização do sublime ideal que constitue a aspiração de todos os povos civilizados, dos recantos de todas civilizadas nações.

(...) Continuem os nossos caros leitores a observar o nosso caminhar e convercer-se-hão de que pomos acima de tudo o interesse desta terra que, si a adoram como acreditamos há de ter o seu concurso e consequentemente de todo elemento que concorra para o seu progresso como presume fazer o <Paládio>.

Temos muito que fazer para conseguirmos importantes melhoramentos que nos estão reservados pela ordem natural das cousas: certo não são com palavras que os alcançaremos, mas, de certo ellas influem como mestras, como guias, no caminho do empreendimento.

Todos os comprehendem; e vamos confiados, crentes, sob a luz dessa bandeira procurar levar a nossa pedra para erecção do edificio de nosso futuro, - desta terra, contando com a vossa proteção sincera²⁵⁹.

Constantemente nas páginas do *Paládio*, especialmente em edições comemorativas, como as de aniversário do próprio jornal ou do clube Itacoatiarense, é possível perceber uma estrutura narrativa muito similar, que na maior parte das vezes inicia-se uma aberta exaltação dos esforços dos membros do clube e dos realizadores da folha em prol desse ideal “honroso”, que é a luta pelo progresso da cidade de Itacoatiara. Junto disso, o jornal sempre procurou um apelo à população, “querida” e “educada”, ou em termos também comuns nas páginas do periódico, de “corações ardentes” e composta por “intensos batalhadores” pelo futuro glorioso que aquela cidade mereceria²⁶⁰.

Mais do que isso, o jornal, em seus discursos, procura adotar um posicionamento que se projeta para a população como revestido de uma imparcialidade política sempre associada a esse altruístico e, por extensão, justo de avanço moral e material da cidade. Os próprios subtítulos do jornal, que mudam no decorrer da sua periodicidade, apresentam

²⁵⁸ Como destacado ao final do primeiro capítulo valendo-se de dados apresentados por Francisco Gomes da Silva (1998, p. 21.) e o *Almanak Laemmart*, a cidade teve um aumento populacional e em torno de 12 mil habitantes no final do século XIX para 13 mil em 1910.

²⁵⁹ *Paládio*, nº3, Itacoatiara – AM, 17 de setembro de 1908.

²⁶⁰ Durante toda a sua publicação, o jornal adota esse discurso de exaltação de seu projeto junto de um apelo a população de Itacoatiara em prol da caminhada ao futuro “glorioso” que àquela comunidade estaria por alcançar.

um interessante indicativo acerca do lugar na sociedade que o *Paládio* projeta ter, a partir de um projeto de transmissão cultural e consolidação de uma cultura letrada. Essa produção de formas simbólicas aparece como indispensável em um veículo de imprensa.

Nesse cenário, o primeiro dos subtítulos, "Órgão do Club Recreativo Itacoatiarense", que acompanha as primeiras páginas da folha até o número 38, tem sobre si essa carga que acusa Nelson Werneck Sodré em relação às pequenas folhas interioranas, ou seja, atreladas a projetos e interesses específicos de grupos locais.

Além disso, é importante mencionar que o jornal passou por algumas mudanças em seu subtítulo ao longo de sua periodicidade. No número 38, ele ainda é apresentado como "Órgão do Club Recreativo Itacoatiarense"; no entanto, no número 41, o periódico adota novas palavras, passando a se intitular "Órgão Literário, Humorístico e Noticioso". A partir da edição 57, essa denominação é alterada para "Órgão Literário, Noticioso e de Interesses Locais". Por fim, a partir do número 79, abaixo do título, aparece a expressão "Semanário Literário, Noticioso e de Interesses Locais".

É possível analisar que as mudanças nos subtítulos do jornal acompanham as gradativas transformações em seus interesses e na forma como o *Paládio* busca ser visto. O primeiro subtítulo, que foi utilizado até o número 38, intitulado: "Órgão do Club Recreativo Itacoatiarense", reforça o papel do jornal não apenas como um produto do clube, mas também como um "defensor impertérrito" de seu programa de progresso para a cidade.

Apesar da ausência dos números 39 e 40, é perceptível que, juntamente com a nova denominação de "Órgão Litterario, Humoristico e Noticioso", o *Paládio* apresenta uma maior dinamicidade em seus temas, possivelmente decorrente da substituição de José Libanio Bezerra por Ozório Alves da Fonseca na diretoria do jornal. Como resultado, foram introduzidas colunas no periódico que abordavam pequenas informações e notícias sobre o país e o mundo, além da reprodução de contos e poemas.

A nova mudança de subtítulo ocorre junto com o retorno do jornal após uma interrupção de um mês, entre junho e julho de 1910. O *Paládio* reaparece renunciando a abordagem humorística em seu título e adotando "Interesses Locais".

A partir da segunda metade de 1910, é perceptível um enfoque maior nos chamados interesses locais, indicados pelo subtítulo, por meio de textos sucessivos que reforçam o papel da imprensa, como também a exaltação das obras da gestão de Barbosa - que se encerraria naquele ano - e o destaque para as demandas da administração pública e do próprio jornal, como a Mesa de Rendas e a estrada de ferro Madeira-Mamoré. O último subtítulo, "Semanario Litterario, Noticioso e de Interesses Locaes", indica o interesse do

jornal em adotar uma periodicidade semanal, em vez de quinzenal.

Apesar dos subtítulos do jornal indicarem a já apresentada tentativa de tornar seus interesses ligados as eventuais demandas da população local, o lugar social do *Paládio* e os interesses específicos que ele defende continuam vinculados ao “Órgão do Club Recreativo Itacoatiarense” e à administração pública. Os projetos específicos do grupo político do coronel João Pereira Barbosa são de forma objetiva a razão de existir do *Paládio*.

A partir do entendimento desse cenário, interpreta-se em Robert Darnton²⁶¹ o fazer jornalístico como um microcosmo que não se encerra em si mesmo. Isto é, um sistema de hierarquias e disputas que compõem a estrutura de um jornal, mas que se relacionam, a partir de uma noção de territorialidade, com elementos externos a sua produção, o público.

Nesse bojo, o *Paládio* está inserido em uma dinâmica que ainda dava seus primeiros passos na estruturação de uma complexificação maior da atividade jornalística, quando mesmo a profissão de jornalista estava apenas nascendo no país. Esse periodismo interiorano, ainda associado a um caráter mais artesanal do seu fazer, fruto de um “singular cenário “urbano” – ainda pouco diferenciado do meio rural que circunda e dá sentido à sua existência”²⁶², aparece muito mais relacionado a essas disputas locais e aos interesses específicos dos grupos dominantes do que um periódico que assumia aspirações de empresa no início do século XX nas grandes cidades, tratando-se, portanto, de um empreendimento muito mais político do que econômico.

A esse aspecto, Maria Luiza Ugarte Pinheiro contribui para o debate quando aponta que essa imprensa, sujeito e objeto estão em um cenário de mudanças característico da virada do século XIX ao XX, e se constituía a partir dos interesses de elites dirigentes, empenhadas em se fazerem europeias, tendo se dedicado ao “culto exacerbado dos valores ocidentais e do refinamento da *Belle Époque*”²⁶³.

Nesse sentido, o coronel tem presença cativa no clube Itacoatiarense, recebendo o título de sócio benemérito na ocasião da reunião de posse da diretoria que iniciou a gestão de Domingos do Lago à frente do clube, o que repercutiu na primeira edição do jornal. Além dessa nota, o periódico dedica em seu primeiro número uma coluna, de título “Homenagem”, para figura do coronel, em que dizia:

Ao coronel João Pereira Barbosa, incansável batalhador pelo progresso desta formosa e hospitaleira Itacoatiara, deve o <Paládio> o tributo de sua mais sincera

²⁶¹ DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 76.

²⁶² PINHEIRO, 2017, p. 10.

²⁶³ PINHEIRO, 2015, p. 119.

gratidão.

Ainda há pouco, o Club Recreativo Itacoatiarense, de que somos órgão teve a feliz lembrança de mandar-lhe o titulo de socio benemerito em atenção aos relevantes serviços que aquelle prestimoso cavalheiro lhe há prestado. Entre esses serviços o <Paládio> destaca a organização de sua typographia, cuja machina Minerva, onde é impresso, grande quantidade de typos novos, caixas e diversos outros materiais, são oferta d'aquelle nosso distinctissimo amigo.

Assim, cumpre-nos deixar gravada nestas columnas a mais sincera expressão de nossa eterna gratidão a quem com a melhor boa vontade concorreu para que a nossa idea triunfasse.²⁶⁴

João Pereira Barbosa tem sua atuação na política de Itacoatiara remetendo ainda aos últimos anos de Monarquia no Brasil. Tendo nascido em 1861²⁶⁵, ingressou na carreira militar em 1883, a partir da Junta Paroquial de Alistamento Militar que havia sido instalada na cidade durante a Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870) e manteve suas atividades mesmo com o fim da guerra²⁶⁶. Em suma, Barbosa entrou na vida política da Serpa em 1886, quando assumiu um cargo na Câmara de vereadores do município, nas eleições de 1 de dezembro do ano de 1885²⁶⁷, com duração de um triênio ao mandato (1886-1889).

Em outras palavras, João Pereira Barbosa, “homem experiente e bem-informado, sintonizado com os propagandistas republicanos de Manaus”²⁶⁸, presidiu a reunião aberta ocorrida na Câmara Municipal para o ato de adesão da cidade ao regime republicano que se instaurou em 1889. O seu cargo de vereador em Itacoatiara se encerraria em 1889, mas de acordo com Francisco Gomes da Silva, Barbosa estava sintonizado com os movimentos republicanos na cidade de Manaus.

Além disso, valendo-se da fragilidade administrativa do presidente da Câmara Álvaro França e promovendo uma quebra na normalidade jurídico-institucional, tomou o cargo e se autoproclamou presidente em setembro de 1889, estabelecendo um novo corpo de vereadores. Associado à propaganda republicana, Barbosa proclamou em 23 de novembro de 1889 a adesão de Itacoatiara à República. Em Manaus, o movimento de adesão ocorre no dia 21 de novembro.

Como anuncia Luís Munaro, o cenário político das cidades mudou após a instauração da República. Ainda em 1889, como destaca Francisco Gomes da Silva, “Deodoro da Fonseca manda constituir a Junta Governativa Provisória do Amazonas, sob

²⁶⁴ HOMENAGEM. Paládio, nº1, Itacoatiara – AM, 9 de setembro de 1908.

²⁶⁵ SILVA, 1997, p. 113.

²⁶⁶ Segundo Francisco Gomes da Silva em sua cronografia (1997), João Pereira Barbosa e Álvaro França, futuros desafetos políticos na última década do século XIX, ingressaram no serviço militar no mesmo período.

²⁶⁷ SILVA, 1998, p. 191.

²⁶⁸ Ibidem, p. 35.

o comando do capitão-engenheiro Augusto Ximenes Villeroy²⁶⁹. Segundo Anísio Jobim²⁷⁰, Villeroy²⁷¹ era uma figura excêntrica, concentrada e de poucos amigos, mas a sua principal ação em relação à Itacoatiara foi a dissolução da Câmara Municipal e a composição de um Conselho Municipal dedicado a regular as funções da antiga câmara.

Nessa nova configuração do poder da administração municipal, Raymundo Nunes Salgado foi designado para presidência, junto de Miguel Francisco Cruz Júnior e Joaquim José Pinto de França, compondo o trio de intendentes. João Pereira Barbosa acabou ficando afastado da administração pública com o fim da câmara²⁷².

Sucessor e homem de confiança de Villeroy²⁷³, Eduardo Ribeiro, membro do Partido Republicano Democrático, foi nomeado em 1892 por Floriano Peixoto como governador do Estado, após já ter ocupado o posto entre 1890 e 1891. No mesmo ano, entrou em vigor uma Constituição que extinguiu os conselhos municipais e estabelecia a separação entre Intendência e Superintendência. A primeira passou a ter atribuições que se aproximam às de um vereador, enquanto a segunda assumiu a posição de administração executiva²⁷⁴. Em detrimento da figura de João Pereira Barbosa, ainda marcado pelas atitudes na presidência da Câmara em 1889, quem acabou nomeado ao cargo de superintendente foi o seu desafeto político Álvaro França, principal nome do PRD de Eduardo Ribeiro na cidade.

Escanteado da vida pública, João Pereira Barbosa encabeçou a oposição a França. Ademais, Barbosa, procurando resistir ao desgaste da sua figura que ressoava nos olhares das lideranças estaduais, adotou uma posição oposicionista ao valer-se da imprensa como porta-voz dos seus interesses. Como assinala Silva, em 1893, Barbosa “fez-se sócio do capitalista Avelino Augusto Martins, instalando o matutino semanal *O Município* que adotou a linha de crítico-literário”²⁷⁵.

Parecia e foi relativamente sólida a oposição feita por Barbosa até 1895. Mas, outra faceta do periodismo no final do século XIX e início do XX era a compra da opinião e o controle do governo sobre os jornais²⁷⁶. Segundo Maria de Lourdes Eleutério, o periodismo assumiu uma configuração anunciada por Oswald de Andrade em relação ao periodismo

²⁶⁹ SILVA, 1998, p.43.

²⁷⁰ JOBIM, 1957, p. 202.

²⁷¹ Destaca-se que a nomeação de Villeroy é posterior a formação da Junta, tendo ocorrido no dia 4 de janeiro de 1890.

²⁷² SILVA, op. cit., p.43.

²⁷³ JOBIM, 1957, p. 202.

²⁷⁴ BALEIRO, Aliomar. *1891: Constituições Brasileiras*. 3. ed. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de edições Técnicas, 2012. 103 p. v. 2, p. 34.

²⁷⁵ SILVA, 1998, p. 51.

²⁷⁶ SODRÉ, 1999, p. 275.

na cidade de São Paulo do início do século XX, quando o “o papel impresso é mais forte que as metralhadoras”.

Em outras palavras, Álvaro França, sofrendo com os ataques constantes da oposição, valendo-se do apoio do governador Eduardo Ribeiro, mandou fechar a tipografia d' *O Município* como um ato e reafirmação da sua posição. Com efeito, celebrou o contrato²⁷⁷ com o jornal *A Federação*, que era editado em Manaus e servia como canal direto de promoções dos feitos da superintendência.

Os ventos que sopravam sobre a posição política de João Pereira Barbosa no cenário de Itacoatiara mudaram com a virada do século. Em 1903, com o desgaste da imagem de Álvaro França, Barbosa foi empossado como Superintendente através de uma portaria emitida em 3 de agosto pelo governador Silvério José Nery. No cargo, ele foi sucedido por Luiz Stone em 1905. No ano seguinte, em parceria com o comerciante Joaquim Francisco de Figueiredo, Barbosa lançou o semanário *Arauto*, que se tornou conhecido na cidade de Itacoatiara.

Em janeiro de 1908, o Coronel Barbosa retornou ao cargo de superintendente. Sua proximidade com as principais figuras do Partido Republicano Democrático, de acordo com Francisco Silva e Claudemilson Oliveira, garantiu maior prestígio para sua gestão quando Antônio Clemente Ribeiro Bittencourt assumiu o governo do Estado em julho do mesmo ano.

Nesse cenário de estabilidade e relação próxima da administração de Barbosa com a gestão de Bittencourt no âmbito estadual²⁷⁸, e tendo figuras de sua confiança em agremiações como o Club Recreativo Itacoatiarense, e, conseqüentemente, no *Paládio*, não chega a ser uma surpresa a posição apoiadora do jornal em relação ao superintendente, e de forma mais abrangente ao governo de Antônio Bittencourt no âmbito estadual.

Na sua análise sobre o *Humaythaense* e a relação do jornal com seu fundador, José Francisco Monteiro, Davi Avelino Leal destaca a importância das publicações de datas comemorativas como uma oportunidade para compreender como o periódico aborda esses momentos em suas páginas. Além disso, é possível observar, no *Paládio*, algumas questões relacionadas às publicações comemorativas, especialmente aquelas dedicadas ao aniversário do coronel João Pereira Barbosa.

Jon Thompson propõe que “a posição que um indivíduo ocupa dentro de um campo

²⁷⁷ SILVA, 1998, p. 57.

²⁷⁸ OLIVEIRA, 2019.

ou instituição é muito estreitamente ligada ao poder que ele ou ela possui”²⁷⁹, sendo o poder tratado com um mecanismo de intervenção e alcance de interesses pessoais, como um fenômeno social penetrante.

As publicações – que aparecem nos números 15, 43 e 80 do jornal – dedicadas ao aniversário do coronel, possibilitaram um olhar mais claro sobre esse trato, a exemplo do texto lançado no décimo quinto número do jornal, com o título “Salve 15 de dezembro”:

Ao despontar a aurora deste dia, Itacoatiara veste-se de gala comemorando o aniversário natalício de seu prestigioso filho, o Coronel João Pereira Barbosa.

É justo o despertar alegre de toda esta população que tem gravada n’alma o reconhecimento, o mais nobre sentimento humano, pelos relevantes serviços prestados pelo Coronel João Pereira Barbosa á esta terra que lhe serviu de berço e á sua família, e isto porque não foi o egoísmo que lhe traçou a marcha honrosa que tem trilhado até hoje.

Espirito de escol, inteligente e culto, honesto e patriota, muito o que Itacoatiara lhe deve por procural-a elevar no trilho do progresso moral, intellectual e material aproveita não a elle só a maior somma de seus esforços reverte em beneficio de toda uma população.

A sua vida tem sido uma epopéa nesta terra: como chefe de família, todos os sabem, é modelo de esposo e pae; amigo, chega ao sacrificio; funcionário publico e chefe político distincto, é de uma correcção á toda prova, pondo acima de tudo o dever e a orientação sabia e prudente ao serviço da Patria, pois que o Estado ou município lhe é fibra sensível.

(...) Quem quer que tenha aventura de entreter relações com o Coronel João Barbosa, há de admitir, forçosamente que somos sinceros, assim nos exprimindo, si é que não queiram permittir avançar mais um pouco; as nossas palavras ainda são imperfeitas e frágeis para traduzir a realidade do que pretendemos exprimir.

O <Paládio> e todo o pessoal que moureja nesta humilde tenda de trabalho, apresenta, pois, ao Coronel João Pereira Barbosa, as suas mais sinceras felicitações pela passagem de seu aniversário natalício.²⁸⁰

O coronel João Pereira Barbosa, uma figura de imaculado caráter, representa a "alma de todo o movimento progressivo" que teria transformado Itacoatiara, como discursos presentes no *Paládio* revelam.

Como já mencionado, a gestão do *Paládio* possui estreitas relações públicas e privadas com Barbosa, desde o laço familiar de Ozório até as posições na administração local ocupadas por membros do Recreativo Itacoatiarense. Essas aproximações se tornam mais claras durante as comemorações de aniversário, quando o coronel é congratulado, juntamente com a exaltação de sua importância para a cidade como um "ilustre e sábio" administrador responsável por transformar a vida material do local.

É importante notar que as únicas três fotografias presentes no *Paládio* são retratos

²⁷⁹ THOMPSON, 1998, p. 21.

²⁸⁰ SALVE 15 DE DEZEMBRO. *Paládio*, nº15, Itacoatiara – AM, 17 de dezembro de 1908.

do coronel publicados nas primeiras páginas dessas edições que contêm os textos de aniversário. De acordo com as leituras sobre o desenvolvimento do jornalismo por Morel, Barros e Juarez Bahia, percebe-se que o uso de imagens nos jornais não era uma prática tão comum nos jornais do início do século XX.

Embora não se desconsidere os significativos avanços nos equipamentos tecnológicos das tipografias, com a profissionalização e adoção de um caráter empresarial e industrial pela imprensa, é importante ter em mente que esses avanços não foram percebidos de maneira uniforme, nem com a mesma velocidade, nos espaços interioranos em comparação com as grandes cidades. Os espaços interioranos contavam com equipamentos tipográficos mais limitados, em geral de segunda mão, em comparação aos grandes jornais.

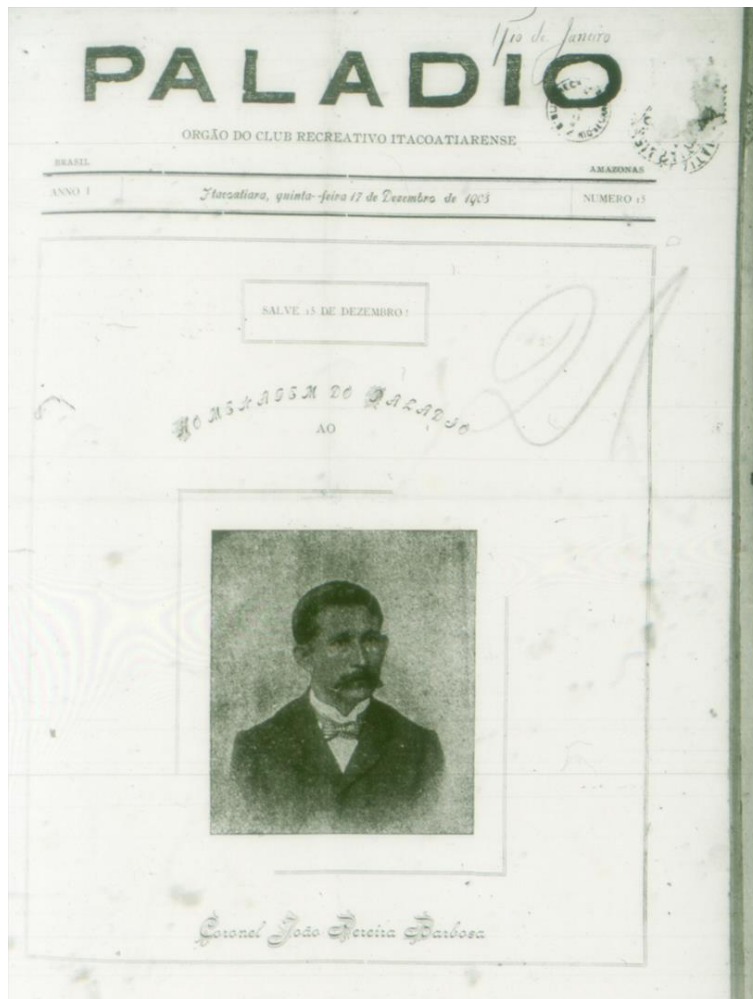


Figura 4: Fotografia do coronel João Pereira Barbosa²⁸¹

²⁸¹ *Paládio*, nº15, Itacoatiara – AM, 17 de dezembro de 1908.

Pondo o *Paládio* em paralelo a jornais de maior porte, como o *Jornal do Comércio* de Manaus, o título de Itacoatiara, de feições mais simples, tinha menor número de páginas e colunas e não tinha tantas condições de colocar imagens em suas publicações.

Nas três vezes em que uma imagem foi publicada no jornal, observa-se que se repetiu a mesma foto do coronel Barbosa. Pondo essas edições do *Paládio* em comparação ao seu antecessor *O Avanço*, o contemporâneo *Arauto*, e mesmo títulos posteriores como o *Cá e Lá* (1910) e o *Correio da Serpa* (1912), somente a folha do Club Itacoatiarense apresenta fotografias em suas edições, o que, apesar da falta de indicativos, permite a suposição de que nessas ocasiões o jornal tenha sido editado fora da cidade, em tipografias adaptadas para o uso desses recursos imagéticos.

Além da exaltação constante da figura do coronel João Pereira Barbosa, o jornal constantemente adota uma posição de porta-voz da municipalidade – talvez o principal elemento legitimador do jornal –, servindo como espaço de publicação de medidas da administração local, como os editais de alistamento militar²⁸², além de questões como os “Relatórios apresentados ao Conselho Municipal de Itacoatiara pelo Superintendente João Pereira Barbosa” que aparecem nos números 45 e 46, dedicados a um balanço das verbas orçamentárias e das despesas feitas pela superintendência²⁸³

3.3. Os paladinos do progresso: os projetos de “alevramento” moral e material

Luís Francisco Munaro apresenta um cenário do periodismo local da cidade de Itacoatiara que antecede o *Paládio*, mas pode ser notado em sua periodicidade. Segundo o autor, nesse processo de emergência do Brasil Republicano: “o jornal se autopercebia como um subproduto do progresso, quer dizer, da “escada” do progresso, tendo como principal dever “aplaudir-lhe e propalar-lhe as descobertas”²⁸⁴. Nesse contexto, o *Paládio* pauta suas publicações a partir dessa perspectiva da imprensa como construtora de um progresso idealizado.

Esse discurso de progresso que se insere em uma exaltação do papel da imprensa não é uma tônica que se restringe ao *Paládio*, ou mesmo aos interiores do Amazonas.

²⁸² EDITAL DE CONVOCAÇÃO. *Paládio*, nº5, Itacoatiara – AM, 1 de outubro de 1908.

²⁸³ As duas edições também apresentam uma excepcionalidade em relação à estrutura geral do jornal. A exemplo das fotografias que somente são publicadas em homenagem ao coronel Barbosa, os números 45 e 46 apresentam uma diagramação de seis páginas. As duas páginas a mais foram dedicadas a esses dados sobre a administração local.

²⁸⁴ MUNARO, 2015, p. 7

Jornais como o *A Capital*, um dos maiores periódicos do Rio de Janeiro nos primeiros anos do século XX, não deixam de dedicar espaços destacados em suas páginas, ainda em 1903, para falar desse papel inglório, mas altruístico da imprensa, como na coluna “A Calúnia”, em sua primeira página:

E' difícil o papel da imprensa que tem a consciência dos seus graves deveres e da responsabilidade que assume de defender os interesses do povo, explanando as mais importantes questões e discutindo-as com observação e sensatez.

Nem todos quantos se apresentam na arena jornalística tem a capacidade moral e intellectual para manterem inalterada uma nobre linha de conducta e não descambarem tristemente para o resvaladio terreno das concessões condemnáveis e das explorações que um sórdido interesse aconselha e as paixões partidárias excitam.

A esses nada detem na faina inglória de arremeterem contra o que lhes é contrário: a santidade do lar, o brio, a honra, a dignidade, tudo atacam, tudo infamam, a tudo procuram contagiar da insânia moral que o caracteriza.

Entretanto o papel da imprensa na vida dos povos é elevado e nobre; o jornal, um tabernáculo onde se deve apenas encenar a hóstia branca e pura da verdade e da justiça.²⁸⁵

Não é à toa que esse tipo de narrativa surge no periodismo que nasce e se consolida com a República. São os “Tempos Eufóricos” da imprensa²⁸⁶, e mesmo essa imprensa que se desenvolve longe dos grandes centros, como a então capital do país, Rio de Janeiro, tem como elemento intrínseco ao seu discurso para cumprir a demanda pelo progresso, sobretudo atrelado a esse projeto de consolidação de uma cultura letrada.

No caso do *Paládio*, a relação entre a imprensa como empreendimento altruísta de seus idealizadores se estende ao próprio clube Itacoatiarense. Além do jornal, as figuras proeminentes que faziam parte da “distinta agremiação”, tais como Ozorio Alves da Fonseca, Francisco Domingos do Lago e o benemérito superintendente coronel João Pereira Barbosa, eram trabalhadores incansáveis nessa caminhada em direção ao futuro idealizado da cidade de Itacoatiara.

Em outras palavras, cabia aos leitores ou à população local em geral, a função de ouvintes em primeira instância e, posteriormente, de trabalhadores em prol dessas nobres ideias. Como defensores do progresso daquela região, as figuras do Club Recreativo Itacoatiarense seriam alvo de agradecimentos da população quando esses benefícios e ideais fossem alcançados.

Essa formação do Estado Republicano ou reformulação do estado brasileiro a partir

²⁸⁵ A CALUMNIA. *A Capital*, nº651, Rio de Janeiro – RJ, 1 de dezembro de 1903.

²⁸⁶ ELEUTÉRIO, 2012, p. 61.

de uma transição do modelo político, tem sobre si aquilo que John Thompson percebe em relação à formação dos estados modernos da Europa, que é a “criação de símbolos e de sentimentos de identidade nacional”²⁸⁷.

Levando em consideração a dinâmica capitalista desenvolvida no Brasil neste contexto, com o fortalecimento de uma burguesia industrial economicamente relevante, porém politicamente débil, conforme definido por Sodré, e considerando que o jornalismo é uma força social ativa nas sociedades capitalistas, é importante fortalecer os mecanismos de imprensa, mesmo aqueles de caráter artesanal, juntamente com os projetos de consolidação de uma cultura letrada diante de uma sociedade marcada pela oralidade, representam uma “mudança importante na organização social do poder simbólico”²⁸⁸.

O próprio clube, quando o jornal constantemente reforça seus interesses, e convida seus leitores a participarem desses espaços, funciona como um elemento de sociabilidade, isto é, pondo-se como um lugar de interações, de “diversões” que não ofendesse a moral; mas; “instruam” o engrandecimento da comunidade, servindo como um espaço no qual elite letrada que se desenvolvia na cidade pudesse interagir entre si, mas também difundir sobre os “corações e mentes” dos que ali estivessem a sua missão civilizatória.

O citado projeto de construção de uma biblioteca representa um dos exemplos que aparecem na folha em relação aos seus projetos de intervenção na sociedade de Itacoatiara. O *Paládio*, constantemente se propõe a defender um “alevramento moral e material” para a região da Serpa, e mais do que simplesmente um discurso de progresso, discute e questiona os projetos da municipalidade e dos governos estadual e federal.

Segundo Pércida Ribeiro Miki, o contexto educacional dos primeiros anos do século XX se pautavam na intenção de nacionalizar o Brasil, quando, para além da alfabetização como projeto, a tarefa da escola primária seguia na noção de “formação pátria do caráter do povo brasileiro”, tendo a instrução cívica e moral como um dos principais elementos. Já tendo manifestado o interesse na fundação de uma biblioteca pelo clube Itacoatiarense em seu quinto número, é no nono que o *Paládio* apresenta de forma efetiva esse projeto, quando sob a manchete “Educação”:

Quando o <Paládio> surgiu á luz da publicidade disse que o seu programma não se limitava tão somente em entreter distracção. E tinha razão de o fazer porque elle é órgão de um Club que se propõe a elevar esta terra de onde tiramos a pão da existência.

[...] Há entre nós absoluta necessidade de educação, e é indispensável o convívio

²⁸⁷ THOMPSON, 1998, p. 52.

²⁸⁸ Ibidem, p. 52.

são, que possa trazer proveito aos bons sentimentos afim de que possamos realizar o nosso ideal.

As sessões do Club não devem ser esquecidas principalmente agora que pretendemos fundar uma bibliotheca para diffundir entre nós a instrucção de que tanto precisamos.

E que melhor diversão do que uma palestra litteraria entre amigos que procuram na leitura evitar diversções outras que só nos podem trazer a morte moral?²⁸⁹

Uma primeira percepção que esse recorte do jornal proporciona é o sentimento do “ser moderno” que Kivia Pereira discute, quando os clubes surgem como esse modelo de elite, uma classe “jovem”, “ativa” e “esperta”. Nesse contexto, a criação da biblioteca do clube surge como um projeto pautado por uma narrativa que colocaria o Recreativo Itacoatiarense como uma “potência moral”, tal como aparece ainda em outro recorte da manchete acima citada. Tendo o clube esse valor para aquela sociedade, esta “terá de agradecer-lhes os benefícios a ela prestados”²⁹⁰.

Além disso, a partir da consolidação do nacionalismo comentado por Miki, é possível traçar paralelos entre esse ideal e os projetos de uma pequena folha do interior do Amazonas. A partir de Circe Bittencourt, Miki considera que esse projeto educacional nacionalista se embasava em uma ideia de “unificação da nação brasileira” que passaria pelo “apagamento das “raças” consideradas não civilizadas em prol de uma ocidentalização da cultura”²⁹¹.

Aproximando-se do *Paládio*, é possível perceber o aparecimento desse projeto civilizador nas suas páginas, ou seja, sob a manchete “Instrucção”, que aparece na primeira página da décima edição, é anunciado que o projeto de fundação de uma biblioteca estaria fixado em seu estatuto, o que dá indicativos da importância daquele objetivo:

E' preciso, porem, é tempo já de lançarmos a base da fundação de nossa bibliotheca tanto mais que ella trará a todos os nossos caros consócios o mais alto beneficio.

Não nos lembramos si já tivemos occasião de dizer que o immortal Guerra Junqueiro, distincto literato portugez dissera que <há mais luz nas vinte e cinco letras do alfabeto do que em todas as constellações do firmamento>.

Eé uma verdade que resalto aos olhos de todos nós. Basta lembrarmo-nos das infelizes hordas de selvagens que habitam as nossas colossaes florestas onde nunca chegou a luz da instrucção, onde só a Natureza dirige os seus destinos, para abençoarmos e bendizermos a sagrada descoberta de Guttemberg.

E' o livro, o jornal, alma de nossa civilisação actual o que se prova compulsando a historia desde que despontou nos horizontes da civilisação essa alavanca enorme do progresso que se chama – a Imprensa.²⁹²

²⁸⁹ EDUCAÇÃO. *Paládio*, nº9, Itacoatiara – AM, 29 de outubro de 1908.

²⁹⁰ EDUCAÇÃO. *Paládio*, nº9, Itacoatiara – AM, 29 de outubro de 1908.

²⁹¹ MIKI, Pérsida da Silva Ribeiro. *Aspectos da Educação Infantil no Estado do Amazonas: O curso infantil Froebel no Instituto Benjamin Constant e os outros Jardins de Infância (1897-1933)*, 2014, p. 5.

²⁹² INSTRUÇÃO. *Paládio*, nº10, Itacoatiara – AM, 5 de novembro de 1908.

Este trecho do jornal destaca a importância do letramento e da imprensa na construção de uma sociedade supostamente civilizada. Entre os "grandes benefícios" que a criação da biblioteca poderia trazer, encontra-se a ideia de "rejeitar a floresta", ou seja, rejeitar a "selvageria" associada a uma vida fora das cidades e à opressão da natureza. Enquanto na esfera "civilizada", o progresso é ditado pelo domínio da escrita.

Retornando ao debate de Miki, a autora aponta que nos projetos educacionais do início do século XX existia um caráter civilizador branco que deveria se fazer – com a força do Estado – sobre o negro e o indígena, estas identidades sociais consideradas selvagens. Maria Luiza Ugarte, quanto o letramento na virada ao século XX no ambiente cultural amazônico, destaca que “a presença da escrita é extremamente localizada e marginal, dela só fazendo uso uma parte pequena da população branca, portadora de certo nível de instrução”²⁹³. Esse argumento de Pinheiro é relevante ao esclarecer que nem mesmo ser membro das ditas elites políticas era uma garantia do domínio da leitura e escrita, o que fornece indicativos dos cenários dos interiores amazônicos.

Na esteira do debate de Edneia Mascarenhas Dias, é possível compreender as demandas pelo estabelecimento de uma biblioteca, e mesmo de escolas públicas, como indicativos – a partir das elites – do “grau de desenvolvimento e progresso que a cidade está atingindo”²⁹⁴. Em suma, a biblioteca como tema do jornal aparece somente nas publicações de 1908 e 1909, gradativamente deixando de ser um assunto abordado pela folha, tendo em suas últimas aparições apenas pequenas colunas de agradecimentos das doações de livros.

Além disso, não há nenhum indício de construção do espaço físico da biblioteca, o que indica a dificuldade na execução do projeto de edificação. Enquanto essa questão mais específica vai desaparecendo do jornal, a educação como um projeto para Itacoatiara é abordada ao longo de toda a publicação.

Pérsida Miki explique que é importante destacar que “a instrução pública no início da República brasileira ficou sob a responsabilidade dos Estados da federação que tinham competência legislativa sobre a matéria”²⁹⁵²⁹⁶.

²⁹³ PINHEIRO, 2017, p. 41.

²⁹⁴ DIAS, 1999, p. 72.

²⁹⁵ MIKI, 2014, p. 97.

²⁹⁶ Esses documentos normativos, segundo Miki, atribuíam aos Estados da federação uma soberania para a elaboração de regimentos próprios. O decreto nº 981 de 8/11/1890, a chamada Reforma Benjamin Constant “regulamentou a instrução primária e secundária no distrito federal”.

No espaço da cidade, retornando a Dias, é atribuído à educação um papel central nas representações de como a cidade se organiza. Nesse processo, “o sentido da educação não vai estar só ligado à melhoria do caráter, mas também toda uma preocupação com uma educação profissionalizante”²⁹⁷, ou seja, como forma de preparação ao mundo do trabalho.

Nesse sentido, o *Paládio*, pondo-se nesse papel de “defensor dos interesses da municipalidade”, não deixa de intervir nesse debate. O jornal, ao colocar-se na discussão do tema, volta seus olhos diretamente ao Estado e, de forma mais direta, ao governador Antônio Clemente Bittencourt.

A respeito da educação como um indicativo do progresso esperado, nota-se na folha um discurso pautado por esse ideário, a exemplo da coluna presente na primeira página do número 36 do *Paládio*, sob a manchete “Arrasoada Aspiração”:

Diante da proverbial solicitude com que o benemerito amazonense coronel Antonio Clement Bittencourt, proibidoso governador deste Estado costuma attender aos seus governados, quando estes, dentro da legalidade, lhes solicitam qualquer providencia, sentimo-nos encorajados para submetter ao patriotismo de s, ex. uma ideia que convertida em realidade redundará somente em proveito de magno problema que tem merecido de s. ex. muita attenção – o ensino público. Queremos nos referir á creação de uma escola primaria para o largo da Serpa, proximo desta cidade, onde totalmente privados da luz diaphana da instrucção. Vivem como selvagens, para mais de trinta meninos os quaes, convenientemente instruídos poderão prestar relevantes serviços á nossa pátria”²⁹⁸.

Apelando ao patriotismo e a um caráter pretensamente idôneo do governador, entre elogios e exaltações, observa-se que o *Paládio* apresenta suas demandas ao Estado. Nesse cenário, a modernidade que o jornal reivindica para Itacoatiara não poderia conviver com uma “selvageria” que seria obscurecida pela falta de instrução. A educação como um dos elementos centrais do progresso²⁹⁹ poderia resultar na superação da ignorância e do analfabetismo que atrasavam a marcha do progresso.

Essa solicitação direta ao governo do Estado vem acompanhada – na continuidade da publicação – da demanda de uma construção de uma escola na região do lago da Serpa. O pedido do *Paládio* acaba por destacar um caráter social atrelado ao ideal civilizatório, quando o jornal procura uma forma de solucionar o problema da distância entre o lago e a cidade de Itacoatiara, o que dificultava o deslocamento das crianças para as escolas.

²⁹⁷ DIAS, 1999, p. 72.

²⁹⁸ ARRASOADA ASPIRAÇÃO. *Paládio*, nº36, Itacoatiara – AM, 23 de setembro de 1909.

²⁹⁹ DIAS, 1999, p. 72.

Em número anterior, na edição sua trinta, o jornal manifesta um cenário de significativo otimismo, afirmando que “as muitas escolas de Itacoatiara estão todas cheias de alunos”³⁰⁰, apresentando o número aproximado de duzentas crianças nas escolas³⁰¹, enquanto ainda existiriam muitos outros entregue à “vagabundagem” consentida pelos seus responsáveis.

Segundo Miki, o ideário de unificação do Brasil era um sentimento que permeava os projetos de educação nacional no contexto dos primeiros anos da República³⁰². A autora, ao valer-se dos apontamentos de Rosa Fátima Souza, observa-se que ela argumenta que as escolas dentro dos projetos amazonenses eram postas como “Templos da civilização”, porque deveriam auxiliar tanto na construção do caráter, quanto em lições de amor patriótico.

Nesse sentido, o *Paládio* não deixa de fazer eco acerca dessa percepção, associando o desenvolvimento da educação na cidade como um indicativo do progresso que seria alcançado:

Apraz-nos ver bandos de crianças sobraçando livros e cadernos, rumo às escolas, à cata da luz diaphana da instrucção, ensaiando as maneiras com quaes mais tarde honrarão seus berços com o riso nos lábios como anterendo um aceno alviraceiro de gratidão da Patria³⁰³.

Caminhando ainda acerca da temática da regulamentação da educação como responsabilidade dos Estados, dentro do recorte republicano, o Amazonas apresentou regulamentos de instrução pública desde 1892, mas o que cabe ser destacado dentro desse debate é o de 1909, que estabeleceu a obrigatoriedade do ensino primário do primeiro ao terceiro grau³⁰⁴, abrangendo crianças de 6 aos 14 anos.

³⁰⁰ INSTRUCÇÃO. *Paládio*, nº30, Itacoatiara – AM, 29 de abril de 1909.

³⁰¹ Pérsida Ribeiro Miki em sua tese de doutoramento apresenta a partir de mensagens governamentais de 1909 o número de 4.371 matriculados em todo o Estado.

³⁰² MIKI, 2014, p. 5.

³⁰³ INSTRUCÇÃO. *Paládio*, nº30, Itacoatiara – AM, 29 de abril de 1909.

³⁰⁴ O artigo 157 do regulamento apresenta as bases do programa, sendo “O ensino dado nas escolas primarias do Estado é gratuito e leigo e abrangerá: leitura, escripta, língua portugueza, arithmetica, systema métrico decimal, noções de geographgia do Brasil, especialmente do Amazonas, noções de historia do Brasil, especialmente do Amazonas, desenho, educação moral e cívica, lições de cousas, gymnastica sueca e evoluções militares e trabalhos manuaes e de agulha.” (1909, p. 51). As disciplinas de História e Educação Moral e cívica tem relação direta com propostas de reforçar um sentimento patriótico, de exaltação militar e a construção de um “senso moral da criança”. Perpassa os dois primeiros graus as disciplinas de trabalho, manual e de agulha, sendo o primeiro dedicado a atividades de colagens e desenhos, e o segundo, dedicado somente para as mulheres, focado nos trabalhos de costura de peças de roupas e crochê. O Regulamento definia idades para a matrícula em cada grau, onde a criança não poderia ter menos de cinco anos ou mais

A dedicatória do “Regulamento de Instrução Publica” dedicada ao governador Antônio Bittencourt e fruto do decreto nº 892, de 19 de janeiro de 1909, expressa os anseios presentes no empreendimento:

Tendo-se em vista o desenvolvimento continuo e assombroso, que se nota nesta admirável região, não era possível, certamente, que a Instrução Publica – a maior alavanca do progresso de um povo – ficasse estacionaria. Tornou-se preciso que as normas do ensino fosse vasadas em novos moldes. E V. Exc., que muito de perto conhece *de visu* o território de seu Estado natal, sopesando as suas mais palpitantes necessidades, assim resolveu, sancionando a lei ultimamente votada pelo patriótico Congresso dos Senhores Representantes.³⁰⁵

O jornal não deixa de repercutir essa notícia, aproximando-se do discurso presente no texto do regulamento, destacando que mesmo estando somente em seu primeiro ano de mandato, Bittencourt teria tratado a instrução pública como prioridade, tendo inclusive antes de sua posse no cargo, realizado algumas viagens pelos municípios do interior no intuito de conhecer as causas do péssimo funcionamento, de acordo com o jornal, “das escolas esparsadas por longínquos logares do nosso ubérrimo Estado”³⁰⁶.

Apesar de ter argumentado de forma otimista sobre a existência de muitas escolas cheias de alunos em Itacoatiara, o jornal muda seu discurso ao abordar as reformas promovidas pelo governo do Estado. Essa mudança de tom é evidente no quadragésimo sétimo número do *Paládio*, datado de 29 de janeiro de 1910.

Em relação às escolas, a cidade contava com cinco instituições mantidas pelo Estado e uma sob responsabilidade do município. No entanto, esse contingente, somado às finanças limitadas da cidade, mostrou-se insuficiente para atender à população local.

Diante dessa condição restritiva, é perceptível, ao ler o jornal, a ausência de reivindicações diretas em relação à gestão do coronel João Pereira Barbosa na superintendência da cidade. Esse fato poderia ser atribuído à defesa franca de Barbosa, mas também reflete as limitações de Itacoatiara. Apesar do progresso evidente e do aumento populacional, a cidade enfrentava dificuldades em alocar recursos significativos para a educação, devido ao seu orçamento reduzido.

Diante desse cenário, o periódico direciona suas demandas para a governança do

de dez para as escolas de primeiro grau; mais de doze para as escolas de segundo e mais de quinze para as de terceiro.

³⁰⁵ REGULAMENTO Geral da Instrução Publica: a que se refere o Decreto nº 892 de 19 de janeiro de 1909. Manaus: Secção de Obras da Imprensa Oficial, 1909.

³⁰⁶ OBRIGATORIEDADE DO ENSINO. *Paládio*, nº32, Itacoatiara – AM, 27 de maio de 1909.

Estado. O redator Olavo Passos, valendo-se de um discurso elogioso e exaltando o "preclaro e patriótico" coronel Bittencourt, faz seus pedidos, enfatizando:

Do espírito recto e perpicaz do proibido detentor do poder neste Estado, è justo que esperemos uma medida que venha por termo a essa anomalia, redundando esta em mais um beneficio para os seus coestadoanos.
E só assim, com tantas escolas quantas sejam precisas, o novo regulamento pode ser fielmente cumprido, satisfasendo os desejos de seu ilustre autor.³⁰⁷

Talvez fruto das primeiras consequências do que Bárbara Weinstein chama de “crise de febre da borracha”³⁰⁸, produto que nos dois anos anteriores viu seus preços subirem de forma desenfreada, em 1910, mais do que a estagnação houve uma violenta queda do mercado da borracha bruta.

O *Paládio*, já em 1911, apresentava um discurso marcadamente diferente do outrora entusiasmo acerca dos projetos de educação do Estado e da própria cidade. Um indicativo deste cenário menos otimista aparece no número 96 do jornal, quando em suas “Protuberâncias” se destaca a existência de um único prédio construído pelo Estado na cidade, na qual funcionavam três escolas públicas primárias, o que mostra o não atendimento das demandas levantadas pelo jornal desde 1909 sobre a construção de escolas, e uma consequente lotação no prédio.

O texto afirma que o prédio teria sido construído por gestões passadas e não haveria questionamentos sobre sua utilidade pela comunidade local. No entanto, ressalta a necessidade de um edifício de estrutura semelhante em Itacoatiara devido ao aumento populacional.

Apesar dessa consideração, o texto esclarece que não busca exigir a construção de um novo prédio, pois reconhece as condições precárias do tesouro público do Estado. Além disso, o jornal limita-se a solicitar melhorias no prédio, como a eliminação de ratos e morcegos presentes e a poda do matagal que cresce periodicamente ao redor do edifício.

Enfim, argumenta-se que apenas um zelador com funções de porteiro e o cercamento do prédio seriam suficientes para resolver os problemas, evitando a necessidade de construir um novo prédio devido à negligência do existente.

É possível encontrar esses projetos de intervenção na cidade nas páginas do *Paládio*, como indica esse texto na primeira página da sexagésima oitava edição da folha.

³⁰⁷ PASSOS, Olavo. Palestra. *Paládio*, nº47, Itacoatiara – AM, 29 de janeiro de 1910.

³⁰⁸ WEINSTEIN, 1993, p. 241.

Sob a manchete "Considerações sobre a nossa vida material":

A ninguém é lícito duvidar da importância material que em futuro não remoto assumirá esta aprasível cidade. Apreciando as cousas com a imparcialidade que nos caracteriza como jornalistas, não há aqui o menor fundo optimista. Sem esforço de raciocínio todos chegarão a mesma conclusão.

A falta de auxílios dos governos, porém, é a causa única de lutarmos com toda sorte de dificuldades. Sem falar em outros melhoramentos adiáveis, nota-se que se possuíssemos um trapiche confortável; maior numero de escolas; repartição aduaneira, tirando-nos do trabalho de mendigar embarcações para conduzírem os nossos generos, sujeitos ainda a umas tantas exigencias, certo, estaríamos em plano superior o mais aparelhados para a grande luta da vida.³⁰⁹

Essa coluna situa diversos dos temas que o jornal elenca como elementos necessários a essa vida moderna almejada. O comércio é um deles e permeia toda a periodicidade do *Paládio*, que é enfático ao definir o comércio como medidor do desenvolvimento de uma cidade e a sua conseqüente importância como frutos dos ganhos desse seguimento.

Como destaca Daou³¹⁰, a intensificação do comércio pelos rios cresceu na região amazônica desde a segunda metade do século XIX. Isto é, encabeçada pela expansão da exportação da borracha, a região passou a ser incorporada nas redes de comércio internacionais, movimento impulsionado também pela descentralização provocada pelo advento da República, porque “deixava aos governos dos estados as receitas advindas da exportação”³¹¹, o que gerou nas regiões do Amazonas e do Pará um forte crescimento econômico.

Circulando na cidade de Itacoatiara, que cresceu à beira do rio Amazonas nesse contexto, ou seja, impulsionado pelas exportações comerciais, O *Paládio* tinha nas relações com os rios elementos essenciais para o desenvolvimento da região.

Ainda em suas considerações sobre a vida material, o jornal volta seus olhos para essas dinâmicas, argumentando que - se possuíssem um trapiche confortável ou uma repartição aduaneira que os livrassem de “mendigar” embarcações -, a cidade estaria mais perto do desenvolvimento que lhe era destinado.

No subcapítulo anterior, foi destacada a atuação de José Libanio Bezerra como secretário da “Associação Commercial de Itacoatiara”. Essa instituição, fundada pelos

³⁰⁹ CONSIDERAÇÕES SOBRE A NOSSA VIDA MATERIAL. *Paládio*, nº68, Itacoatiara – AM, 20 de agosto de 1910.

³¹⁰ DAOU, 1999, p. 10.

³¹¹ *Ibidem*, p. 11.

comerciantes locais seguiram o modelo de um clube, isto é, contava com figuras proeminentes na região, incluindo seu presidente Alfredo Ribeiro e o secretário Oscar Ramos. Em consonância com as demandas da Associação, o Palácio do Governo no Rio de Janeiro ecoou tais solicitações.

Na perspectiva do jornal, o porto e o desenvolvimento do comércio em Itacoatiara eram vistos como fatores atrativos para potenciais investidores, chamados de "capitalistas". A expectativa é que melhorias na infraestrutura portuária aumentassem a comodidade e, conseqüentemente, atraíssem grandes transatlânticos, impulsionando o crescimento das atividades de exportação e importação.

Um exemplo concreto disso pode ser visto no vigésimo número da folha, cuja manchete era "Justo pedido!". Nesse trecho, reproduziu-se um ofício enviado pelo então governador Antônio Clemente Bittencourt diretamente ao presidente Affonso Penna, o qual foram apresentadas as demandas da região.

[...] Tenho a honra de submeter a consideração de v. exc. O officio que me foi dirigido pela Associação Commercial da cidade de Itacoatiara. Cumpro assim o pedido constante do mesmo officio para que interesse-me perante v. exc. no sentido de ser satisfeita uma justa, patriótica e por isso louvável aspiração dos habitantes daquela cidade amazonense, que consiste na criação de uma meza de rendas alfandegada com sede alhi. Ao transmitir esse pedido cumpro um dever de extricta justiça declarando que não é filho de simples vaidade ou de outro qualquer interesse menos digno, mas uma real e urgente necessidade já par ao comercio do Estado que administro, já para o fisco da União.³¹²

É possível notar em seu discurso uma forte exaltação da cidade de Itacoatiara; afinal, o próprio governador vai ao encontro dos discursos de afirmação propagados pelo *Paládio* de que a antiga Serpa seria a cidade mais próspera ao comércio amazonense, depois da capital.

A esse respeito, Antônio Bittencourt rememora que a região de Itacoatiara já contou anteriormente com uma estação alfandegária, estabelecida pelo decreto nº 5.204, de janeiro de 1872.³¹³ O então governador ainda destaca que, após a extinção da alfândega, apenas no porto de Manaus os vapores poderiam fazer seus despachos, o que teria como

³¹² JUSTO PEDIDO! *Paládio*, nº20, Itacoatiara – AM, 28 de janeiro de 1909.

³¹³ Segundo Francisco Gomes da Silva (1997, p. 143) a mesa de rendas, criada em janeiro de 1872 e instalada em janeiro de 1874, tinha como função substituir a então Coletoria Provincial e servia, também, como autoridade fiscal sobre embarcações de grande calado originadas do Peru e da Bolívia. Além disso, poderia transferir os gêneros dessas embarcações para outras menores. Silva ainda destaca que esse movimento se deu pelo aumento populacional e comercial do Amazonas, a partir da segunda metade do século XIX, com a Serpa servindo, junto de Manaus, como alfândega.

resultado um aumento custoso das distâncias aos navios que circulavam pelo rio Madeira, haja vista que precisariam ir à capital para obter seus passes na alfândega.

Antônio Bittencourt argumenta que a instauração de uma alfândega em Itacoatiara resultaria em uma queda nas despesas. Além desse argumento, o governador também destaca a redução dos custos no transporte de materiais para a construção da estrada Madeira-Mamoré, caso Itacoatiara fosse utilizada como entreposto de desembarque de gêneros e trabalhadores. A instalação da Mesa de Rendas e o fortalecimento do comércio local não são apenas demandas da Associação Comercial, mas também são reivindicações frequentemente mencionadas nas páginas do *Paládio*.

A manchete "Nossa expansão comercial", publicada no início de 1910, ilustra os dilemas em torno da mesa de rendas, em comparação com o "Justo Pedido!" da Associação Comercial, enviado pelo governador do Estado à presidência da República, em janeiro do ano anterior. Em outras palavras, o texto do *Paládio* ressalta que a cidade possui recursos naturais abundantes, garantindo a Itacoatiara uma posição privilegiada em relação às outras cidades do Amazonas e Pará, ficando atrás apenas de Manaus e Belém. No entanto, esse progresso municipal ocorre sem qualquer apoio do governo federal.

O texto menciona também que a Associação Comercial, em diversas ocasiões, solicitou a melhoria da agência postal do município e a instalação da Mesa de Rendas Alfandegada, mas esses pedidos não passaram de promessas. A edição de número 48 do *Paládio* dedica sua primeira página para discutir questões relacionadas à mesa, trazendo novas informações sobre o assunto no texto intitulado: "Mesa de Rendas Alfandegada".

A promessa feita pelo exm. sr. Manoel Alves da Silva, muito digno Inspetor da Alfandega de Manaus, ha pouco quando aqui esteve, de envidar os maiores esforços para que, dentro de pouco tempo fosse installada a Meza Rendas Alfandegada de Itacoatiara, creada pelo Congresso Nacional, quasi que assegurando ao comercio desta localidade a vinda de um melhoramento, cujo necessidade ha tanto encarece e foi por elle mesmo verificada, teve o mais lisogeiro cumprimento, segundo um telegrama que recebeu da Associação Comercial desta cidade, enchendo-nos do mais contentamento, pois de uma vez para sempre estamos livres da picardia insidiosa que nos tem sido feita pelo feroz <Manaós Harbor> e algumas praças commerciais, arrastando em tão inglória empreitada as companhias estrangeiras de navegação a vapor e, que é mais, o impagável Lloyd Brasileiro, todos empenhados em redusir o commercio Itacoatiarense a uma feira de escrasivizados, sujeitos a vontade deste ou daquele como se as magnânimas leis desse paiz não cercassem esse elemento de progresso das mais solidas prerrogativas³¹⁴.

³¹⁴ MEZA DE RENDAS ALFANDEGADA. *Paládio*, nº85, Itacoatiara – AM, 20 de janeiro de 1911.

O texto agradece ao inspetor da alfândega por sua intervenção nesta "santa causa" do comércio de Itacoatiara. Segundo o *Paládio*, a instalação da mesa representaria a quebra dos grilhões que impediam o crescimento da região. Olavo Passos, um dos principais redatores do periódico, também aborda a notícia em sua "Palestra", afirmando que não poderia haver outro desfecho para as lutas do comércio local contra empresas que teriam seus interesses prejudicados com o avanço de Itacoatiara. O redator reforça ainda a importância dessa "tão justa medida", indicando que a instalação da mesa resultaria no aumento das rendas públicas de Itacoatiara e colocaria a cidade como entreposto do comércio da região do rio Madeira, além de partes do Mato Grosso e da Bolívia.

Apesar do entusiasmo com a promessa de Manoel Alves da Silva pela instalação da mesa, a demanda continua presente nas páginas do jornal. Em janeiro de 1911, um ano depois da circulação do aceno positivo da inspetoria da Alfândega de Manaus, o cenário não sofreu mudanças, e o *Paládio* abandonou seu entusiasmo de outrora.

Na primeira página do número 85, sob a manchete "Meza de Rendas Alfandegada", é dito que a situação ainda permanece inalterada.

Provoca riso falar-se ainda sobre a mesa de rendas alfandegada promettida a esta cidade desde 1906.
Hoje não anunciaremos nova promessa de instalação de tão importante estabelecimento, nem trazemos á publico nenhuma novidade sobre assumpto de real relevancia³¹⁵.

Mostrando uma justificável frustração com a não instalação da mesa de rendas na cidade, esse texto do *Paládio* se dedica a reforçar sua posição, procurando dar voz às reivindicações da Associação Commercial que, desde 1906, com as primeiras manifestações do capitão Adolpho Luiz Coêlho, articulava-se em torno da demanda pela criação da alfândega em Itacoatiara. O texto critica tanto a *Manaós Harbour*³¹⁶, que mantinha a cidade sob seu "jugo feroz" - ignorando as dificuldades do comércio da região - , como também as posturas dos funcionários da companhia de navegação *Lloyd Brasileiro*³¹⁷. Desses problemas, segundo o jornal, a cidade sofreria com a ausência de produtos estrangeiros e prejuízos ao comércio e ao povo.

³¹⁵ MEZA DE RENDAS ALFANDEGADA. *Paládio*, nº85, Itacoatiara – AM, 20 de janeiro de 1911.

³¹⁶ *Manaós Harbour* foi uma empresa de origem inglesa que tinha a responsabilidade de construção da Alfandega de Manaus nos primeiros anos do século XX.

³¹⁷ Críticas à *Lloyd Brasileiro* aparecem com certa frequência no *Paládio*, acusada pelo jornal de uma postura de completa desatenção às cargas de exportação e importação da cidade.

A criação da mesa de rendas em Itacoatiara, segundo o *Paládio*, seria um marco significativo para a cidade. Isto significaria a libertação do controle comercial exercido por Manaus e Belém, estabelecendo-se como um centro ativo do comércio local. Somente assim a cidade alcançaria o progresso necessário para honrar o país.

Em junho de 1911, o número 103 do *Paládio* ofereceu um panorama adicional sobre esse contexto, destacando a recente criação da Meza de Rendas Federaes em Itacoatiara. Naquele momento, o jornal direcionou seu discurso à classe comercial da cidade, solicitando que todos empenhassem "os melhores esforços" para garantir a efetiva instalação da mesa.

Sendo uma das mais justas aspirações do corpo commercial desta praça, a repartição recém-creada, desde que tenha poderes que a habilitem a favorecer o commercio, será o marco milliarío do elevado gráo de prosperidade que fatalmente atingirá Itacoatiara, para o que conta esta com elementos de valor, desde a belleza da sua situação topographica, até o clima ameníssimo que conserva todo o município em lisongeirissimas condições de salubridade³¹⁸.

O texto do jornal levanta o argumento de que Itacoatiara estaria fadada a se tornar um empório comercial de toda a zona do baixo-amazonas e do Madeira, às margens do rio. Para que esse empreendimento se concretize, seria necessário apenas facilitar os meios de comunicação e concluir a estrada Madeira-Mamoré, elementos que direcionariam o comércio daqueles rios para a antiga Serpa. Além disso, o *Paládio* propõe como lema "união que faz a paz a força" e destaca o papel do comércio local, que poderia utilizar esses empreendimentos para conquistar a inteira liberdade de Itacoatiara.

O *Paládio* não se dedica apenas aos rios em seus projetos, mas também inclui as estradas de ferro como parte das reivindicações do jornal para a inserção de Itacoatiara nas redes de comércio e comunicação internacional.

A esse respeito, Emília Viotti da Costa³¹⁹ aponta a construção de vias férreas no país, a partir de 1852, como um dos principais elementos de condução das modificações das estruturas sociais e econômicas do Brasil no século XIX. A estrada de ferro, além desse papel no desenvolvimento do mercado interno, "fez nascer cidades"³²⁰ representando também um significativo estímulo para a urbanização.

A construção da estrada de ferro Madeira-Mamoré está intimamente relacionada ao

³¹⁸ A MEZA DE RENDAS FEDERAES. *Paládio*, nº103, Itacoatiara – AM, 15 de junho de 1903.

³¹⁹ COSTA, 1999, p. 251.

³²⁰ COSTA, 1999, p. 255.

sentimento de ocupação e desbravamento do interior do país. De acordo com Ana Carolina Monteiro Paiva, esse projeto representou um movimento no qual o trabalho foi sistematizado visando ao sucesso do capital estrangeiro e ao espírito de progresso almejado pelo país. Ele simbolizou uma vitória do trabalho e da "civilização" sobre a natureza.

Nesse contexto de crescimento da economia extrativista e do fluxo migratório para os seringais, os vales dos rios Madeira e Guaporé, localizados na região que atualmente corresponde ao estado de Rondônia, assumiram grande importância na produção da borracha. Empresas sediadas na Bolívia exerciam forte influência nessas relações comerciais. Apesar do crescimento econômico, os empreendimentos enfrentavam dificuldades no transporte, o que encarecia o transporte dos produtos.

Desse problema, o general boliviano Quentin Quevedo³²¹ elaborou a proposta da construção de uma estrada de ferro que ligasse as regiões de Porto Velho e Guajará-Mirim. Segundo Paiva³²², o projeto foi formalizado entre Brasil e Bolívia em 1868 a partir do *Tratado de Amizade, Limites, Navegação, Comércio e Extradicação* em 1868. O primeiro empreendimento de construção da ferrovia se iniciou sob responsabilidade da empresa *Public Works Construction Company*, funcionando entre os anos de 1872 e 1879. A cronografia de Francisco Gomes da Silva³²³ acerca de Itacoatiara aponta que a instalação da mesa de rendas na cidade, ainda em 1872, teve como uma de suas finalidades facilitar o escoamento dos materiais que serviriam para a construção da estrada. A construção da Madeira-Mamoré sofreu vários entraves desde o seu primeiro projeto, somente chegando a ser de fato finalizada no início do século XX³²⁴. Silva ainda destaca que, a partir do novo tratado firmado entre Brasil e Bolívia em 1903 e sob responsabilidade da empresa *The Madeira and Mamoré Railway Company*, a construção da estrada voltou a caminhar e as circulações de materiais para construção da ferrovia advindos da Europa e dos Estados Unidos, como também mercadorias para a manutenção dos funcionários que chegavam da Bolívia, passaram a ser depositados no porto de Itacoatiara.

Caminhando nos discursos do *Paládio* acerca do empreendimento, o jornal por toda

³²¹ SOUZA, Murilo Mendonça Oliveira de. *Entre a ferrovia do diabo e o trem fantasma: uma viagem pela história da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré*, 2010, p. 238.

³²² PAIVA, 2020, p. 14.

³²³ SILVA, 1997, p. 155.

³²⁴ A partir de reflexão de Yêdda Borzacov, Ana Carolina Monteiro Paiva (2020, p. 14) apresenta quatro períodos da Madeira-Mamoré. O primeiro seria o de suas tentativas fracassadas de construção no século XIX; o segundo diria respeito à efetiva conclusão da estrada no século XX; o terceiro abarcaria o contexto entre 1931 e 1972, com a pós-nacionalização dos serviços de administração da estrada; e o quarto período seria a partir de sua desativação em 1972.

sua publicação adotou um discurso de franco entusiasmo com a construção da via férrea. O texto “Madeira-Mamoré” fornece elementos dessa percepção:

Seria enfadonho repetir aqui as vantagens que poderão nos advir com o funcionamento da estrada de ferro Madeira-Mamoré, ora em construção pela poderosa companhia <The Madeira-Mamoré Railway Company>.

Sexta-feira ultima, tivemos occasião de ouvir o sr. João Sotã, contractante do pessoal brasileiro de qual a companhia está se utilizando.

Disse-nos aquelle cavalheiro que o pessoal estrangeiro que por aqui passou, esta quasi todo prostado nos hospitaes, ao passo que os nossos, além de homens que trabalharam na estrada de ferro de Bragança, no Pará, não sentem nada e estão satisfeitíssimos. Disse-nos mais o sr. Sotã que já tem 40 kilometros de leito preparados para receberem trilhos, que com o pessoal que veio agora em sua companhia do Pará, pretende iniciar o assentamento dos trilhos no leito preparado³²⁵.

A estrada assume, nas páginas do *Paládio*, um aspecto civilizador significativo. Ela representa, ao mesmo tempo, um indicativo do progresso sem precedentes que a cidade alcançaria e uma forma de exaltação do trabalho enquanto dignificador. O jornal apresenta, com entusiasmo, a ferrovia em seu discurso, inclusive reproduzindo um artigo da revista "Leitura para Todos", do Rio de Janeiro, publicado em dezembro de 1908, na sua edição 22. Nesse texto, a Madeira-Mamoré é tratada como a construção mais importante iniciada no Brasil e na América Latina no início do século XX.

Tanto para a revista carioca quanto para o semanário de Itacoatiara, o projeto da estrada é tratado como uma revolução para o comércio nas regiões do Alto Madeira e do Mamoré. Isso resultaria na facilitação do escoamento e no consequente barateamento da produção gomífera das localidades.

Na edição seguinte àquela que publicou o artigo na revista, o *Paládio* enfoca as impressões positivas recebidas em relação ao artigo anterior e reforça os sentimentos de progresso que estão intrinsecamente ligados ao interesse pela estrada.

[...] Ora construída a estrada, todos os produtos de tão feracíssima região, serão transportados nas vagonas da “Madeira-Mamoré” ao ponto inicial, da estrada e dahi, fatalmente para Itacoatiara onde serão emballados e remetidos para os mercados consumidores.

Dessa forma, teremos então, atingido o ponto culminante que nos fadou a Natureza; o commercio daqui multiplicar-se-á consideravelmente, augmentará a população, a edificação, os nossos aprasiveis bairros ficarão mais habitados, teremos mais linhas de navegação para os rios Autaz, Madeira, Jatapú, teremos agua canalizada, luz electrica, exgostos, ruas calçadas, jardins, hotéis importantes,

³²⁵ MADEIRA-MAMORÉ. *Paládio*, nº10, Itacoatiara – AM, 5 de novembro de 1908.

e mais uma infinidade de melhoramentos adequados ao nosso progresso³²⁶.

Depois dos fracassos na década de 1870, a retomada do projeto no início do século XX representou o retorno à diplomacia e ao nacionalismo como questões balizadoras do progresso. Foot Hardman argumenta que no afã de forjar novas necessidades que justificassem o retorno à estrada de ferro, evocaram-se idealizações abstratas como “intercâmbio nacional” e o sentimento de “levar a civilização até as últimas fronteiras”³²⁷.

Hardman apresenta ainda um olhar menos entusiasmado acerca da construção da estrada, destacando a inexistência de justificativas econômicas claras. Além disso, o autor aponta a existência de determinações mais específicas “que passam pela afirmação nacional, pelo desejo de dominar o desconhecido”³²⁸, propondo então que as bases do projeto deveriam se pautar em um sentimento de descobrimento e intervenção da modernidade sobre o selvagem e o desconhecido.

Nesse contexto, o *Paládio* mostrou-se pouco inclinado a considerar possíveis contradições do projeto, haja vista que defende a percepção de que a construção de estradas de ferro pelo país representaria a “melhor escola da civilização”. O jornal, por sua vez, fez parte dessa percepção evocada por Hardman de intervenção no desconhecido. No olhar do periódico, as ferrovias são tratadas como elementos que recriam a realidade e estabelecem novos critérios para a vida, principalmente por proporcionarem uma aproximação entre o mundo civilizado e as “populações abandonadas” imersas em costumes selvagens.

A cidade, para além do porto, também surge como objeto do *Paládio*. Observando o cenário das principais cidades da borracha no Amazonas na virada do século XIX ao XX, Maria Luiza Ugarte Pinheiro aponta que a economia extrativista modificou os espaços urbanos e seus habitantes, no caso de Manaus, objeto da historiadora, a cidade “vê florescer rapidamente uma quantidade infindável de obras públicas e melhoramentos urbanos”³²⁹. Desse processo de modificação material na cidade, esse movimento acabou por produzir transformações na população também, junto da introdução das massas de migrantes nacionais e estrangeiros. Além disso, os hábitos também foram elementos de transformação. E Pinheiro argumenta:

³²⁶ NOSSO FUTURO. *Paládio*, nº23, Itacoatiara – AM, 18 de fevereiro de 1909.

³²⁷ HARDMAN, F. F. *Trem fantasma: a ferrovia Madeira-Mamoré e a modernidade na selva*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 136.

³²⁸ HARDMAN, 2005, p. 137.

³²⁹ PINHEIRO, 2015, p. 117.

Eivada de contradições sociais as mais profundas, a Manaus preconizada por sua elite dirigente, escamoteava a aspereza da vida diária das camadas populares, no mesmo instante em que buscava travestir-se de europeia, empenhando-se no culto exacerbado dos valores ocidentais e dos refinamentos da *belle époque*³³⁰.

Segundo Pinheiro, essa modernidade que se idealizara para a cidade era fruto de um processo de exclusão social encabeçada pelas elites políticas locais, os chamados “barões da borracha”, que expulsando os elementos indesejados dos espaços urbanos, estariam procurando construir uma cidade vista como moderna e elegante.

Nesse contexto, posicionando-se como defensor do progresso moral e material daquela Itacoatiara, o *Paládio* procurou atuar nos debates acerca da composição do espaço urbano de Itacoatiara. Milton Hatoum, no prefácio do *A Ilusão do Fausto*, de Edneia Mascarenhas Dias, argumenta que “a cidade ou o espaço urbano são construídos ou destruídos segunda uma política de intervenção que pode favorecer certos segmentos sociais em detrimento de outros”³³¹, e o urbanismo, na percepção de Hatoum, age ao mesmo tempo como técnica de organização dos espaços e estratégia política, de tal modo que qualquer intervenção urbana, por mais simples que seja, atinge a vida dos cidadãos no seu cotidiano.

Luís Balkar Sá Peixoto Pinheiro ressalta a imprensa, em concordância com Emília Viotti, como um dos elementos dinamizadores da urbanização e modernização no final do século XIX. Ao voltar os olhos ao *Paládio*, é possível perceber esse jornal como o objeto central dos processos modernizadores enfrentados pela cidade de Itacoatiara. Além disso, o jornal desempenha um papel de interventor, propondo práticas e discutindo projetos de melhoramento para a localidade.

O texto apresenta um projeto de melhoramento dos espaços urbanos da cidade, justificando o empreendimento com o argumento de que a cidade seria atraente aos visitantes e a higiene resultaria na boa disposição da população. Uma vez postos em prática os procedimentos, o discurso do jornal assegura que o progresso de Itacoatiara serviria de exemplo para outras localidades, ressaltando que a própria cidade merecia receber tais melhoramentos, pois detinha um futuro pretensamente brilhante.

O *Paládio*, em suas publicações, adota uma postura de intervenção nos espaços públicos, exaltando a administração municipal de João Pereira Barbosa e atribuindo a ele

³³⁰ Ibidem, p. 119.

³³¹ DIAS, 1999, p. 11.

os créditos pelos avanços da cidade. É comum encontrar nos textos que encabeçam a primeira página do jornal, como é o caso do número dezoito, a argumentação de que é papel da imprensa analisar, exaltar e criticar as posturas dos governos. Os dois temas mais relevantes abordados nas publicações do jornal são a limpeza pública e o alargamento das ruas, destacando-se, em relação ao primeiro,

A limpeza da marinha, ruas praças e avenidas de uma localidade é o que a torna mais attrahente. Havendo rigorosa limpeza qualquer epidemia que tente avassalar a localidade, estaca e retrocede por não encontrar onde estender seus tentáculos. A nossa bela Itacoatiara está em lisonjeiro estado relativamente á limpeza. Aos municípios, porem, cabe auxiliar os poderes públicos observando as posturas minicipaes para que tudo corra maravilhosamente³³².

E sobre a abertura das ruas, dizia-se o seguinte:

De todos os melhoramentos introducidos pelo inclyto chefe do Municipio é um dos mais uteis.
Prolongar ruas, abrir novas, eis o que precisávamos e o que felizmente já temos. Obedecendo a um plano digno de louvores encarregue dele o competente agrimensor Cassiano Secundo de prolongar as avenidas Liberdade, 7 de Setembro e o Occidental do Jauary, subdividir essa área em quarteirões e este em pequenos lotes para serem aforados.
Hoje quem quiser aquilatar o valor da ingente obra, de um passeio ao local do citado melhoramento e diante da realidade, das inumeras casinhas de construcção recente, enormes terrenos totalmente limpos e cercados, extasiará admirado e bem-dirá a hora em que se cogitou dessa empresa³³³.

Edneia Mascarenhas Dias percebe, no caso manauara, uma relação direta entre os discursos de modernização e o embelezamento e a higienização da cidade, isso pode ser observado com a criação da Inspetoria de Higiene do Estado do Amazonas, em 1891, e o Código de Posturas criado um ano antes.

Nas páginas do *Paládio* é possível perceber um discurso que se aproxima com o que se desenvolveu na cidade de Manaus, quando o jornal assume esse papel de “verniz civilizatório”³³⁴.

Voltando para Dias, percebe-se que ela ressalta o caso da capital como um cenário em que a imprensa local é usada como espaço de protesto de moradores de bairros afastados, onde esses faziam queixas das questões de salubridade dos serviços de

³³² ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL. *Paládio*, nº18, Itacoatiara – AM, 14 de janeiro de 1909.

³³³ ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL. *Paládio*, nº18, Itacoatiara – AM, 14 de janeiro de 1909.

³³⁴ PINHEIRO, 2017; COSTA 1999.

saneamento.

Por sua vez, o *Paládio* caminha em uma direção diferente a essa apontada por Dias. No jornal se nota um olhar menos crítico aos poderes públicos, a exemplo do texto citado anteriormente onde aparece um discurso de entusiasmo com o estado da cidade.

O jornal, ao discutir o tema da limpeza pública, defende a necessidade de medidas preventivas no campo da salubridade como forma de alcançar um conforto na luta dignificante travada pela comunidade. Além disso, o periódico aborda constantemente o tratamento dado pela administração local e pela população. Um exemplo dessa postura pode ser encontrado no texto intitulado "Estudos e Opiniões - Hygiene", presente no décimo primeiro número da folha.

E' preciso que não haja egoísmo: não é só cada um trabalhar par asi e esquecer-se de que as demais creaturas não merecem a nossa atenção.

Aos governos, é certo, incumbe a maior parte dessa tarefa, porque a elles compete grande parte da responsabilidade de conservarem a salubridade publica para garantia de seus governados, mas o que é indiscutível é que si não tiverem o auxilio amplo de seus governados não poderão conseguir o que desejam, perdendo-se muitas vezes um serviço heroico dedicado a um fim utilíssimo que poderia prestar inolvidáveis serviços a uma população que so por isso deve ser eternamente grata. A acção do governo nesse sentido é necessário que seja auxiliada também pelos particulares.

[...] Si com effeito os habitantes de uma localidade qualquer não prestarem mão forte aos que nos governam e se interessam pela boa regularisação da hygiene publica, esses de certo nada poderão fazer, nenhuma responsabilidade terão sobre o que acontecer, pela invasão de uma epidemia por exemplo³³⁵.

Ademais, o *Paládio* repercute a importância da atuação da administração pública, especialmente quando reproduz os relatórios³³⁶³³⁷ apresentados pela superintendência de João Pereira Barbosa ao Conselho Municipal da cidade. Para o jornal, os relatórios mostrariam que o tema da limpeza pública seria um dos serviços que teria recebido maior atenção dos poderes municipais.

Observa-se que, enquanto a administração é exaltada, posturas “reprováveis” da população são destacadas e criticadas, como o despejo de lixo, tema que aparece nas “Palestras” do jornal como práticas a serem coibidas pela municipalidade.

Em suma, os textos que abordam a questão da salubridade urbana aparecem no jornal sempre relacionados a um aspecto civilizatório, haja vista que seria uma coisa triste

³³⁵ ESTUDOS E OPINIÕES. *Paládio*, nº11, Itacoatiara – AM, 11 de novembro de 1908.

³³⁶ Relatório apresentado pela gestão do coronel Barbosa para o ano de 1909, contendo os valores dos gastos orçamentários daquele ano, como também projetos urbanos que estariam em desenvolvimento ou seriam realizados nos anos seguintes.

³³⁷ RELATORIO. *Paládio*, nº45, Itacoatiara – AM, 2 de janeiro de 1909.

o que se observava na cidade, ou seja: “lixo de toda a espécie espalhado por todos os lados, a depor contra os nossos foros de povo civilizado”³³⁸.

Logo, ao passo que a administração pública é exaltada, destacando-se seus esforços no sentido de aformosear a cidade, caberia então aos indivíduos cuidarem dos problemas de limpeza. Segundo esse discurso, o asseio deve ser geral, abrangendo desde o interior da casa até o exterior.

No entanto, esse discurso acaba por reforçar a percepção de “espelho” e “miragem” do *Paládio*. O jornal, envolto pelos interesses da elite política da qual era parte, utiliza o seu espelho para criar suas próprias referências, projetando assim na população local a sua própria miragem. Além disso, o jornal aponta hábitos reprováveis e estabelece normas e padrões que pretende sejam coletivos.

A própria estrutura urbana é outro aspecto importante ao discurso de adiantamento moral e material do *Paládio*. Emília Viotti da Costa discute que a cidade interiorana que se caracteriza no século XIX se estruturava “por um aspecto descuidado, sendo imprecisos os limites entre a zona rural e a urbana”³³⁹. Nesse modelo, boa parte da população vivia em chácaras ou pequenos núcleos rurais, em casas que seguiam um modelo tradicional colonial e a sociabilidade nos centros urbanos embrionários era incipiente. Quanto à arquitetura, “nas cidades do interior os únicos edifícios dignos de registro eram as igrejas e os conventos, e mais raramente os edifícios da Câmara e da cadeia”³⁴⁰.

No entanto, a partir da segunda metade do século XIX, os espaços urbanos passaram a experimentar um desenvolvimento sem precedentes. Embora Itacoatiara, surgida nos primeiros anos do século XX, não se equipare às grandes cidades como São Paulo, Rio de Janeiro e Manaus, ela ainda enfrenta um contexto de mudanças significativas. O *Paládio*, como projeto e produtor dessa modernidade idealizada em uma cidade em transformação, está imerso em um imaginário social peculiar, desenvolvido nos círculos que compõem suas relações sociais.

Atuando com base nas aspirações e projetos de um pequeno grupo ligado à administração municipal, o jornal, embora se declare apartidário e defensor dos interesses locais, constrói uma realidade que envolve a cidade de Itacoatiara a partir de suas próprias representações. Segundo Sandra Pesavento, essas representações atuam como guias do mundo por meio da palavra e da imagem, discursos que conferem sentido ao real. Isto é,

³³⁸ ESTUDOS E OPINIÕES. *Paládio*, nº10, Itacoatiara – AM, 5 de novembro de 1908.

³³⁹ COSTA, 1999, p. 241

³⁴⁰ Ibidem, p. 242.

quando imersas nesse "mundo que se parece" real, essas representações adquirem o caráter de uma realidade própria³⁴¹.

Essa percepção do imaginário dirigido ao universo que o circunda, pode ser observada no discurso do *Paládio*. Publicações como a que aparece na edição 58 do jornal, com o título "Resultado que enobrece", indicam o olhar do periódico sobre as mudanças nos traçados urbanos da cidade:

Expomos hoje aos olhos ávidos do publico, alguns apontamentos sobre esta cidade, conthidos na respectiva planta há pouco concluída dos quaes evidenciado fica que a idea de ir cortar o perímetro de novas vias publicas bastava para sagrar benemérita a actual administração municipal em uma hora confiada a um cidadão probidoso e activo; que é o honesto coronel João Pereira Barbosa. Desses apontamentos ressalta o valor da importante obra, a qual foi encarregado um profissional abalisado e competente, o agrimensor Cassiano Secundo. Publicando os mencionados apontamentos, o fasemos para que se premie o esforço, para que se faça uma ideia da boa vontade que caracteriza o actual chefe da edilidade³⁴².

A obra de expansão do espaço urbano, projetada pelo agrimensor Cassiano Secundo e comandada pela administração pública, tem como objetivo aumentar o tamanho da cidade. Segundo informações divulgadas no jornal, a antiga estrutura urbana contava com 488.162 metros quadrados e era atravessada por 27 ruas. Com a implementação do projeto, várias ruas, avenidas e praças foram abertas, resultando em um acréscimo significativo no tamanho da cidade, que passou a contar com 2.141.520 metros quadrados, além da inclusão de mais 10 ruas e 12 avenidas. Esses dados são apresentados nas páginas do jornal como forma de quantificar um "empreendimento de alto valor", porque se espera trazer progresso e transformação para a cidade.

Embora os dados ressaltados pelo *Paládio* mostrem um desenvolvimento tangível da cidade de Itacoatiara, é importante observar o papel do imaginário presente nos discursos do jornal.

A esse respeito, os apontamentos de Otoni Moreira de Mesquita permitem a percepção da cidade como um artefato cultural e um objeto artificial, passível de modelagem. Nesse contexto, busca-se compreender como a cidade se torna uma construção simbólica e como esses símbolos influenciam a percepção e a transformação do espaço urbano³⁴³. Mesquita argumenta que antes de se constituírem as configurações

³⁴¹ PESAVENTO, 2002, p. 8

³⁴² RESULTADO QUE ENOBRECE. *Paládio*, nº58, Itacoatiara – AM, 9 de junho de 1910.

³⁴³ PESAVENTO, 2002, p. 9.

de uma cidade, “deve-se compreender que as representações que se fazem dela são traços de um processo mental de compreensão do seu espaço e de seu tempo”³⁴⁴.

Nessa perspectiva, quando o *Paládio* se propõe a discutir a organização do espaço urbano, é possível perceber elementos daquele ideal urbanístico de Haussmann que Walter Benjamin destaca, os quais “eram visões em perspectiva de longas séries de ruas”³⁴⁵. Apesar das notáveis diferenças entre Paris e Itacoatiara, como já mencionado em outro momento desta dissertação, observa-se a relevância das concepções de traçados urbanos aplicados por Haussmann porque se tornaram modelos para as sociedades modernas do ocidente.

Enquanto a cidade de Manaus era a “surpreendente Paris das Selvas”³⁴⁶, o grupo que compunha as fileiras do *Paládio* reivindicava para a cidade de Itacoatiara um lugar nesse mundo que se supunha moderno. O texto publicado na edição 72 do jornal, sob o título “O problema da urbanização”, apresenta elementos dessa idealização que pauta o olhar da folha, no qual se anunciava:

O problema da edificação nesta cidade parece encaminhado para uma solução satisfatória. Já não se nota nos capitalistas desta terra aquela apreensão que em tempos tornou-se proverbial, apesar de a imprensa não cessar na sua propaganda, provando que Itacoatiara com a marcha do tempo assumiria uma posição de notável destaque como cidade comercial. Ao contrario. Esses mesmos que mostravam-se impassíveis são os que hoje encaram seriamente o problema da edificação. Assim é que p'ra onde quer que uma pessoa se vire, depara sempre com esse quadro animador que é o operariado construindo casas³⁴⁷.

Ainda segundo o texto efusivo do *Paládio*, a cidade estaria em um estado de progresso significativo, se comparada ao contexto de dois anos atrás, o que reforça o discurso de exaltação da administração de Barbosa, iniciada em 1908. Mais do que isso, a cidade não mais apresentava um reprovável “aspecto colonial”, estando naquele momento repleta de prédios novos, fábricas. Além disso, as zonas suburbanas estariam acompanhando o labutar rumo ao progresso.

Em síntese, a cidade serviria, portanto, como a “vitrine do progresso”, usando o termo de Mesquita³⁴⁸, como emblema do progresso material projetado pela administração municipal comprometidas com ideais de progresso e modernidade. Em outras palavras, a

³⁴⁴ MESQUITA, 2005, p. 29.

³⁴⁵ BENJAMIN, Walter. *Paris, capital do século XIX*, 1985, p. 41.

³⁴⁶ DAOU, 1999, p. 21.

³⁴⁷ O PROBLEMA DA URBANIZAÇÃO. *Paládio*, nº72, Itacoatiara – AM, 22 de setembro de 1910.

³⁴⁸ MESQUITA, 2005, p. 80.

cidade estaria, aos olhos do jornal, superando esse “aspecto colonial” que se julgava atrasado em direção de tipos arquitetônicos “mais ou menos apreciáveis”³⁴⁹, devendo a municipalidade atentar-se para a regulação das obras, sobretudo para que adotassem um “tipo gracioso”, dentro dos requisitos de higiene e conforto.

Além do progresso material, com a arquitetura, comércio e a comunicação pelas estradas de ferro e telégrafos, o adiantamento moral da população de Itacoatiara também é objeto do *Paládio*.

O jornal, procura intervir não só na materialidade da cidade, mas também nos hábitos e costumes. Como defensor de uma civilidade idealizada, projetava uma cidade idealizada com práticas e vivências reguladas no espaço urbano. Retoma-se a intitulada “Convém acabar!”, publicada no décimo sexto número do jornal, onde encontram-se argumentos categóricos contra as “devassidões” da seguinte maneira:

Itacoatiara, não se pode negar, ainda em pessoas cujo principal escopo é occupar-se mais da vida de outrem que da propria e quando pegradas em delicto remendam a cousa de tal forma que não soffrem mais que um ligeiro susto. A transformação completa por que ora estamos passando, requer que nós, os inimigos desses cancros, nós que já achamos degradante e quiçá nojento e revoltante tal proceder, expurguemos do nosso convívio taes elementos de desmoralização³⁵⁰.

O texto segue argumentando que “quando um desses nos chamar para diser em segredo(!) que Fulano fez isso ou aquillo, devemos mandal-o ás favas ou... mais longe ainda”. Essa representação de uma moralidade que deveria fazer frente a hábitos reprováveis surge como a miragem a qual Morel e Barros³⁵¹ definem sobre a relação entre imprensa e leitores, ou seja: “em meio a qual se buscam, as vezes em vão, um público e uma opinião que só existem nas aspirações de quem lê ou escreve.

Não existem elementos concretos para atestar a existência desses “abutres da honra alheia” que o jornal acusa, mas a busca por uma “face embelezada da cidade”³⁵², além dos melhoramentos arquitetônicos. Em suma, o *Paládio* se pauta em larga medida por essa percepção de virtudes e indecências. Na edição 26 do jornal aparecem dois textos que exemplificam essa postura. O primeiro representa um culto à moralidade intitulado “O Trabalho”, observado da seguinte maneira:

³⁴⁹ O PROBLEMA DA EDIFICAÇÃO. *Paládio*, nº92, Itacoatiara – AM, 16 de março de 1911.

³⁵⁰ CONVEM ACABAR! *Paládio*, nº16, Itacoatiara – AM, 24 de dezembro de 1908.

³⁵¹ MOREL; BARROS, 2003, p. 34

³⁵² MESQUITA, 2005, p. 41.

A pagina mais bella e sublime do contingente humano é o trabalho. Afugenta a miséria, dissipa o vicio, combate os erros, sana as dificuldades, vence os obstáculos, fortalece o coração, nobilita e engrandece a alma. Quantas vezes o tédio ou a saudade, a melancolia ou o pessimismo, o trabalho espanca, trazendo ao espirito a bonança a paz e a lealdade. Sem o trabalho, a humanidade feneceria sob o jugo da miséria, do vicio e do infortúnio. Não haveria sociedade, nem moral, nem virtude, por que o trabalho adianta a sociedade, progride a moral e traz virtude. O trabalho glorifica, honra, enobrece. E' a santa mensagem da vida. E' a prosperidade, o engrandecimento do lar, das nações, do mundo enfim. [...] Amai com ardor o trabalho, emblema sagrado que Deus legou como lenitivo ás agruras da humanidade sofredora³⁵³.

O segundo texto, “Meninos Vadios”, consiste em uma reprovação de posturas que deveriam ser abolidas:

Augmenta dia a dia o numero de meninos desocupados que se entregam á toda sorte de libidinagens. Longe das vistas de seus responsáveis, entregam-se ao jogo de pincho ou do pião, sendo obrigados para sustentar essa diversão, roubarem os seus patrões. Não há muito foi recolhido á cadeia o menor Manoel de tal, acusado de autor de um roubo em casa do sr. G. Ausier. Se isso dá-se é porque em vez de mandarem os pequenos para a escola, deixamos viver como bem entendem. Urge que se providencia neste sentido³⁵⁴.

Outro texto valioso a esse debate aparece nas páginas do *Paládio* na coluna que inicia a publicação do número 45 e possui o título “Abuso do Alcool”:

Um mal horrendo, o mais repugnante, o mais prejudicial de todos os vícios – alcoolismo, tem, ultimamente, nesta cidade, tomando um desenvolvimento tal que achamos opportuno fazer um appello, destas collumnas aos srs. commerciantes, de quem depende a mudança desse anormal estado de cousas. Temos visto vender-se bebida alcoolica a sujeitos embriagados, constituindo essa pratica de abuso, uma deshumanidade inqualificável, pois é doloroso ver um homem, algumas vezes morador fora desta terra e que vem munir-se de generos precisos para a sua manutenção e de sua família que o espera cuidadosa, amanhecer ébrio pelas ruas quando a policia não o recolhe como lhe cumpre³⁵⁵.

A moral surge como o principal balizador dessa civilidade, sendo o trabalho o elemento central dessa moral. O jornal aborda o trabalho como um emblema da vida,

³⁵³ O TRABALHO. *Paládio*, nº26, Itacoatiara – AM, 18 de março de 1909.

³⁵⁴ MENINOS VADIOS. *Paládio*, nº26, Itacoatiara – AM, 18 de março de 1909.

³⁵⁵ ABUSO DO ALCOOL. *Paládio*, nº45, Itacoatiara – AM, 2 de janeiro de 1910.

defendendo que deve ser praticado por todas as classes sociais, tanto por pobres quanto por ricos, jovens e idosos. Nesse sentido, as páginas do jornal tratam o labor como algo satisfatório tanto para o trabalhador quanto para o empregador, além de ser um inibidor dos vícios que afetam as pessoas de caráter frágil, como a "vadiagem" e o alcoolismo. Também é importante destacar, a partir do texto acerca dos "Meninos Vadios", a inexistência de uma condenação ao trabalho infantil.

No entanto, é possível perceber que essa interação representa um movimento mais amplo no imaginário das elites urbanas a partir dos anos finais do século XIX. Osicleide de Lima Bezerra e Geraldo Alexandre de Oliveira Gomes apresentam um cenário que caracterizou o imaginário das elites políticas do país após a abolição da escravidão em 1888, em que a ociosidade e o grande número de homens pobres nas províncias eram vistos como uma ameaça para a ordem social³⁵⁶.

Dessa preocupação, procurou-se, segundo Bezerra e Gomes, a criação de uma progressiva ressignificação do trabalho, tratado como um mecanismo de regulação, disciplina e produtividade, especialmente dedicado às populações pobres. Nessa perspectiva, o discurso do *Paládio*, mesmo quando tratando de si, aparece envolto dessa perspectiva do trabalho como elemento de ordem e conseqüente progresso, sendo o trabalhador representaria, nesse imaginário, uma qualificação social que resultaria em valores morais e materiais.

Cabe ressaltar a dualidade dessa postura do *Paládio*, especialmente em seus anúncios, porque não deixou de veicular propagandas de botequins e bares da cidade, exaltando a "finura" das suas bebidas. Interpreta-se dessa contradição esse caráter positivo do consumo de bebidas que se mantém restrito aos grupos elitizados, de um lado. De outro, o alcoolismo como vício, socialmente criticado e condenado é atribuído às camadas pobres.

Marcelo José Pereira Carvalho em seu *Cachaça e vontade de morrer: embriaguez e suicídio nas notícias impressas nos jornais belenenses (1891 – 1908)*, ao discutir as representações do alcoolismo nos jornais de Belém, ressalta um fortemente moralista nesses discursos, em que mesmo casos de tentativa de suicídio eram atribuídos aos vícios e desvios causados pelos perigos do álcool. O próprio *Paládio* se apropria desse tipo de discurso quando aponta o "abuso do álcool" como o "mais repugnante, o mais prejudicial de todos os vícios", que estaria se desenvolvendo em Itacoatiara. Esse tipo de narrativa vai

³⁵⁶ BEZERRA, Osicleide de Lima; GOMES, Geraldo Alexandre de Oliveira. *Notas sobre a História do Trabalho no Brasil: A consagração em fatos, valores e músicas*, 2018, p. 227.

ao encontro daquilo que Carvalho aponta como “um fundo de perversidade oculto”³⁵⁷, haja vista que se desenvolveria naqueles que se jogassem ao vício e à alienação.

O *Paládio* não olhava para Itacoatiara e via uma metrópole propriamente, uma cidade que chegasse ao tamanho da então capital Rio de Janeiro ou que se equiparasse a São Paulo, que despontava como polo industrial. No entanto, ele procurava, a partir do reforço de mitos e identidades, caminhar nessa transformação rumo à modernidade. Mais do que uma exaltação do trabalho, nos discursos do jornal, observa-se uma preocupação em civilizar e livrar a cidade de elementos nocivos. Isto inclui as questões de limpeza pública anteriormente destacadas, bem como a promoção da ordem e dos bons costumes.

Edneia Dias aponta que, na construção desse *Fausto*, projeta-se uma cidade moderna e civilizada livre de elementos retrógrados, contribuindo assim para a diminuição da alienação, haja vista que se articula o uso de “mecanismos de exclusão e exílio [...] uma vez que, para purificar o espaço que se está organizando, há necessidade de se excluir, dele, os elementos nocivos à saúde dos sãos”³⁵⁸.

Dias ainda aponta que, na construção desses projetos de civilização, caberia à intendência, aos poderes públicos, o papel de estabelecer normas para a existência nos espaços públicos, regulando hábitos, práticas de higiene e mesmo as condutas sociais, pautando-se na lógica de que o interesse social suplantava as liberdades.

Seguindo essa percepção, é possível encontrar no *Paládio* um discurso de promoção de instrumentos de controle dos espaços, como exemplificado nos fragmentos acima citados, onde tanto a criança quanto o adulto estão sujeitos a essas intervenções, como forma de inibir práticas reprováveis, tais como: a “vadiagem” nas brincadeiras de rua e o “mais horrendo dos vícios”, o alcoolismo.

Assumindo-se como esse órgão defensor de interesses locais, e estando atrelado aos grupos políticos que geriam a cidade no momento de sua publicação, o *Paládio* recorre aos cidadãos, em um primeiro momento, solicitando que atuem dentro dos conjuntos de práticas e condutas disciplinares, inibindo os maus hábitos, desde falar da vida alheia até cometer roubos ou perturbações.

Em outras palavras, trata-se de reforçar sua posição e lembrar o papel da administração municipal, haja vista que ela aponta que, na falta de posturas individuais, caberia à municipalidade regular esses desvios.

³⁵⁷ CARVALHO, Marcelo José Pereira. *Cachaça e vontade de morrer: embriaguez e suicídio nas notícias impressas nos jornais belenenses (1891-1908)*, 2010, p. 4.

³⁵⁸ DIAS, 1999, p. 122.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os debates levantados no decorrer desta dissertação têm como objetivo contribuir para a consolidação dos estudos sobre o papel da imprensa nos sertões interioranos do Amazonas no início do século XX.

Nesse bojo, a temática, baseada nos debates da nova História Social, está focada em acompanhar a trajetória do jornal *Paládio* e se articula a um campo de investigação que propõe pensar esse objeto como prática e ação cultural inseridos no contexto social. Evitamos percepções que o tratam como emanção dos espíritos ou derivação de instâncias estruturais³⁵⁹.

A importância da construção de uma História da Imprensa e sua relevância para a Historiografia Brasileira no século XXI são certezas consolidadas, à medida que os estudos que se utilizam dos jornais como fontes e objetos têm crescido de maneira significativa nos meios acadêmicos. Anteriormente vistos como meros veículos para as paixões e interesses de seus idealizadores e produtores, os jornais eram permeados por dúvidas e preconceitos dos historiadores, que buscavam uma idealização de "verdades absolutas" para a história. Contudo, nas últimas décadas do século XX, houve uma reformulação desses olhares, haja vista que passaram a considerar os periódicos como objetos impregnados de subjetividade de seu tempo, marcados por disputas e discursos; no entanto, exercem um papel ativo na sociedade em que estão inseridos.

Influenciado por importantes trabalhos no campo da Historiografia da Imprensa Amazonense, como das pesquisas de Maria Luiza Ugarte Pinheiro e Luís Balkar Sá Peixoto Pinheiro, o presente estudo buscou acompanhar a trajetória do jornal *Paládio*, Órgão do Club Recreativo Itacoatiarense, durante seus anos de circulação, a fim de discutir as intervenções desse periódico no contexto urbano da cidade de Itacoatiara. Embasado nos ideais de progresso que caracterizavam a Belle Époque Amazonense, o jornal representou os anseios de uma elite política e social impulsionada pelo otimismo gerado pelo crescimento da exportação da borracha no Estado.

As atividades periódicas no Amazonas entre os anos de 1880 e 1920 representaram um contexto relevante de publicações significativas, resultado de interesses diversos em todo o Estado. Nesse sentido, esta pesquisa buscou explorar os estudos da História da Imprensa no Amazonas para além da capital, deslocando-se para as regiões interioranas,

³⁵⁹ PINHEIRO, 2017, p. 22.

a fim de discutir o papel desempenhado por um veículo de imprensa como o *Paládio* nas complexas e contraditórias disputas que se desenrolavam nos primeiros anos do século XX.

Desse modo, procurou-se mapear os discursos produzidos pelo *Paládio*, levando em consideração os interesses dos grupos associados à administração municipal do coronel João Pereira Barbosa. Além disso, houve uma preocupação em construir na cidade um projeto de cultura letrada.

Nesse sentido, o presente trabalho concentrou-se nas páginas do *Paládio*, propondo não apenas discutir o jornal como porta-voz dos discursos e programas da gestão local, inserido no contexto particular do boom dos periódicos no Amazonas impulsionado pelo crescimento da produção e exportação gomífera, mas também analisar o jornal como um veículo que reivindicou para a imprensa o lugar de "eucaristia do pensamento", onde o jornalista tem como função "banir do seio do povo os costumes, defeitos e vícios"³⁶⁰.

No entanto, não se procurou nos limites deste trabalho construir uma História de Itacoatiara efetivamente, apesar do desejo de contribuir para os debates historiográficos sobre a cidade, mas se caminhou em direção aos espelhos e as miragens construídos pelo *Paládio*, observando o desenvolvimento nas páginas do jornal das suas aspirações, projetos e contradições. Em geral, a partir do seu fausto idealizado, o jornal – posicionando-se como expressão da modernidade – procurava construir naquele espaço urbano uma identidade homogênea pautada pelo desejo de progresso moral e material.

Ao se fazer essa observação, percebeu-se que as páginas do jornal estabeleceram relação direta entre os projetos e discursos produzidos de uma sociedade e os interesses que se articularam nos laços das figuras atuantes naquele círculo elitizado que era o Club Recreativo Itacoatiarense, alinhados à própria manutenção das estruturas de poder, privilégios e sociabilidades propiciados pelo protagonismo político do grupo do coronel João Pereira Barbosa em Itacoatiara.

Em um contexto em que a vida se tornava pública e a modernidade era uma reivindicação, os clubes, como o Recreativo Itacoatiarense, eram espaços privilegiados para a articulação desses grupos e dos projetos políticos e sociais que norteavam seus interesses.

Apesar de um discurso que existiu em defesa da imparcialidade na atuação da imprensa, ao percorrer as páginas do jornal, ficou clara a relação direta da folha com a

³⁶⁰ NOVA DIRECTORIA. *Paládio*, nº27, Itacoatiara – AM, 14 de outubro de 1909.

administração municipal de Itacoatiara, especialmente a do coronel João Pereira Barbosa, exaltado nas páginas do *Paládio*.

Um dos objetivos deste trabalho foi ir além de considerar o *Paládio* como um jornal meramente utilizado para a propagação dos discursos das elites políticas de Itacoatiara. Apesar de aparentar ser apenas um palco para o debate político, como poderia ser definido a partir de uma primeira análise do jornal, ao imergir nas palavras que compõem suas páginas, foi possível perceber a construção de identidades. Isto é, em sua "ilusão do fausto", guiado pelo espelho que reflete seus próprios interesses e pela miragem que personifica um público idealizado, o jornal utilizou reivindicações de melhorias urbanas, como a construção de escolas, edifícios, limpeza das ruas e o desenvolvimento das atividades do porto da cidade, especialmente com a Mesa de Rendas Alfandegada, para estabelecer um projeto de progresso moral e material para Itacoatiara.

Embora houvesse as especificidades propostas pelos contextos circunscritos da cidade e dos grupos elitistas que compuseram o jornal, um dos resultados deste trabalho foi demonstrar como essas questões estavam inseridas em um processo muito mais amplo da modernidade ocidental.

Ao se posicionar como um produto superior "aos interesses e paixões mundanas", dedicado à superação da "selvageria" e "atraso" em direção a uma cidade embelezada e moderna³⁶¹, o *Paládio* conseguiu ser compreendido neste estudo como um verniz civilizador que intervém nos hábitos e costumes, reforçando uma identidade social que se pretendia homogênea.

Em suma, interpreta-se que o trabalho do historiador não se resume apenas a ganhos e sucessos, nem se encerra ao final de um texto. Portanto, as potencialidades do *Paládio* não estão limitadas a esta pesquisa, sendo necessário retornos futuros e novas pesquisas que façam uso dessas fontes.

³⁶¹ INSTRUCÇÃO. *Paládio*, nº10, Itacoatiara – AM, 5 de novembro de 1908.

5 REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Benedict R. *Comunidades imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ARAUJO, Rodrigo Cardoso Soares de. *Caminhos na produção da notícia: a imprensa diária no Rio de Janeiro (1875-1891)*. Tese (Doutorado em História). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2015.
- BAHIA, Benedito Juarez. *História, Jornal e Técnica: História da Imprensa Brasileira*. 5ª ed. v. 1. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.
- BALEEIRO, Aliomar. *1891: Constituições Brasileiras*. 3ª ed. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de edições Técnicas, 2012.
- BARBOSA, Marialva. *Histórica Cultura da Imprensa: Brasil (1900-2000)*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- BENJAMIN, Walter. Paris, capital do século XIX. In: *Textos de Walter Benjamin*. São Paulo: Ática, 1985.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. Editora Companhia das Letras, 2007.
- BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia: Formação Social e Cultural*. 3ª ed. Manaus: Editora Valer, 2009.
- BENTES, Dorinethe dos Santos. *Outras faces da História: Manaus de 1910-1940*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2008.
- BERTONHA, João Fábio. *Culturalismo x Estruturalismo: um debate com E. P. Thompson*. *Vária História*, n 17. 1985.
- BEZERRA, Osicleide de Lima; GOMES, Geraldo Alexandre de Oliveira. Notas sobre a História do Trabalho no Brasil: A consagração em fatos, valores e músicas. *História & Perspectivas*, Uberlândia, v. 58, p. 223-236, 2018.
- BLOCH, Marc. *Apologia da História ou O Ofício de Historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- BRAUDEL, Fernand. *O Mediterrâneo: o espaço e a história*. Lisboa: Editorial Teorema Ltda, 1987.
- BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *Uma História Social da Mídia: De Gutemberg à Internet*. 2ª ed. Rio de Janeiro: ZAHAR Jorge Zahar Editor, 2006.
- BURKE, Peter. *Cultura Popular na Idade Média: Europa, 1550-1800*. 2ª ed. São Paulo: Cia. Das Letras, 1995, p. 10.
- CAMPOS, Humberto de. *Memórias e Memórias inacabadas*. São Luís: Instituto Geia, 2009.

CAMPOS, Luciane Maria Dantas de. *Trabalho e Emancipação: Um olhar sobre as mulheres de Manaus (1890-1940)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2010.

CAPELATO, Maria Helena Rolim; PRADO, Maria Lígia. *O Bravo Matutino Imprensa e Ideologia: O Jornal o Estado de São Paulo*. São Paulo: Alfa-Omega, 1980.

CAPELATO, Maria Helena R. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 1988.

CARVALHO, Marcelo José Pereira. *Cachaça e vontade de morrer: embriaguez e suicídio nas notícias impressas nos jornais belenenses (1891-1908)*. XIV Encontro Regional da ANPUH-RIO: Memória e Patrimônio, Rio de Janeiro, 2010.

CARVALHO, William Almeida de. *Pequena História da Maçonaria no Brasil*. REHMLAC: *Revista de Estudios Históricos de la Masoneria*, San José, v. 2, n. 1, 2010.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da história*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CLARK, T.J. *A pintura da vida moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CONTIER, Arnaldo D. *Imprensa e Ideologia em São Paulo*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1979.

CHAUÍ, Marilena. *Cultura e Democracia: o discurso competente e outras falas*. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 1993.

CHAGAS, Nívea. *Bloco de Vidros*. Manaus: Edição do autor, 2021.

COSTA, Álvaro Daniel. *A Comemoração do Centenário da Imprensa Periódica Brasileira no IHGB: uma memória do Jornalismo Nacional (1908)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2017.

COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República: Momentos Decisivos*. 6ª ed. São Paulo: Fundação da Editora da UNESP, 1999.

CRUZ, Heloísa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana 1890-1915*. São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2013.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na Oficina do Historiador: Conversas Sobre História e Imprensa. *Projeto História*, São Paulo, n. 35, p. 253 - 270, 2007.

DAOU, Ana Maria. *A belle époque amazônica*. Zahar, 1999.

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DIAS, Edineia Mascarenhas. *A Ilusão do Fausto: Manaus, 1890 – 1920*. Manaus: Valer, 1999.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do Progresso. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de. (Orgs.) *História da Imprensa no Brasil*. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 83-102.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 12ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

FARIA E SOUZA, João Batista de. et al. *A Imprensa no Amazonas (1851-1908)*. Manaus: Tipografia da Imprensa Oficial, 1908.

FERREIRA, Simara Alves. *A Notícia Ganha Uma Nova Face: Fotografia de Imprensa em Manaus (1880-1920)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2015.

FONTELES, Luís Carlos Alencar. O papel da imprensa na luta por uma república no Brasil. *Revista de Comunicação Social, Fortaleza (CE)*, v. 15, n. 1, p. 71-78, jan./jun. 1985.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FREIRE, José Ribamar Bessa (Org.). *Cem Anos de Imprensa no Amazonas (1851-1950)*. 2 revisada. ed. Manaus - AM: A Crítica, 1990., p. 11.

FREYRE, Gilberto. *O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*. 2ª ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1979.

HABERMAS, Jurgen. *Mudança Estrutural da Esfera Pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

HARDMAN, F. F. Trem fantasma: a ferrovia Madeira-Mamoré e a modernidade na selva. 2ª ed. São Paulo: *Companhia das Letras*, 2005. 345 p.

HOBBSAWM, Eric. Introdução: A invenção das Tradições. In: HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terece. *A Invenção das Tradições*. 9ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos Impérios 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

JOBIM, Anísio. *O Amazonas, sua história: ensaio antropogeográfico e político*. São Paulo: Companhia Editorial São Paulo, 1957.

LACOSTE, Pablo. Estanislao Zeballos y la política exterior Argentina con Brasil y Chile. *Revista Confluencia*, Mendoza - Argentina, ano 1, n. 2, p. 107-128, 2003.

LAMARTINE, A. de. *Historie des Girondins*. Édition Illustrée. ed. Paris: Libraire-Éditeur, 1866.

LAPUENTE, Rafael Saraiva. A imprensa como fonte: apontamentos teórico-metodológicos iniciais acerca da utilização do periódico impresso na pesquisa histórica. *Revista De História Bilros: História, Sociedade E Cultura*, Fortaleza, v. 4, ed. 6, p. 11 – 29. 2016.

LAPUENTE, Rafael Saraiva. *O jornal impresso como fonte de pesquisa: delineamentos metodológicos*. 10 Encontro Nacional de História da Mídia, Rio Grande do Sul, 2015.

LEAL, Davi Avelino. Imprensa e Sociedade no Jornal Humaythaense (1891-1917). In: PINHEIRO, Luis Balkar Sá Peixoto. *Imprensa e Sociedade nos confins da Amazônia (1870-1930)*. Manaus: CVR, 2017. p. 59 - 73.

LEAL, Victor Nunes Leal. *Coronelismo, enxada e voto*. 7ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 2012.

LE GOFF, Jacques. *O Apogeu da Cidade Medieval*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória: Memória*. Lisboa - Portugal: Edições 70, 1982. v. 11.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História: Novos Problemas*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

LENE, Hérica. *Entre os tempos histórico e o midiático: os jornais centenários do Brasil*. IV Congresso Internacional sobre Culturas – Memória e Sensibilidade: Cenários da experiência cultural contemporânea, Bahia, 2018.

LEVINE, Robert. *O Sertão Prometido: o massacre de Canudos no Nordeste brasileiro 1893*. São Paulo: Edusp - Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi et al. *Fontes Históricas*. 2ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 2008. p. 112-153.

MACHADO, Roberto. Introdução. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 6ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017. p. 7-34.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de. *História da Imprensa no Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de. *Imprensa e Cidade*. São Paulo: UNESP, 2006.

MARTINS, Ana Luiza. Imprensa em Tempos de Império. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2012. p. 31-

55.

MENDONÇA, Reginaldo Simões. *Revista Sintonia: Imprensa e Poder político no Amazonas (1939-1943)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2015.

MESQUITA, Otoni Moreira de. *La Belle Vitrine: O mito do progresso na refundação da cidade de Manaus (1890-1900)*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

MIKI, Pérsida da Silva Ribeiro. *Aspectos da Educação Infantil no Estado do Amazonas: O curso infantil Froebel no Instituto Benjamin Constant e os outros Jardins de Infância (1897-1933)*. Orientador: Prof. Dr. Moysés Kuhlmann Júnior. 2014. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade São Francisco, Itatiba, 2014.

MOREL, Marcos. Os primeiros passos da palavra impressa. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2012. p. 17-30.

MOREL, Marcos; BARROS, Mariana Gonçalves Monteiro de. *Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX*. 1. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. v. 1. 130p

MUNARO, Francisco Luís. Coronéis, Jornais e a Formação dos Municípios no Amazonas. *Revista Observatório*, Palmas, v. 4, n. 6, p. 270 -292, 1 dez. 2018.

MUNARO, Francisco Luís. Imprensa periférica no Amazonas: Os jornais de Itacoatiara e a formação de elites locais. *Cidades das letras: saberes e memórias*. GECA-UFGA 2015.

MUNARO, Luís Francisco. *Rio de palavras: a imprensa nas periferias da Amazônia (1821-1921)*. Porto Alegre: Editora Fi, 2017.

OLIVEIRA, Claudemilson Nonato Santos de. *A Kipá e o Cocar: A rede intercomunitária judaica na estruturação urbana de Itacoatiara*. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2019.

PAIVA, Ana Carolina Monteiro. *Trabalho e Cotidiano na estrada de ferro Madeira-Mamoré (1907-1919)*. Orientador: Prof. Dr. Tiago Bernardon de Oliveira. 2020. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020.

PESAVENTO, Sandra J. *O imaginário da cidade. Visões literárias do urbano*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

PEREIRA, Kívia Mirrana de Souza. *As Elites de divertem: sociabilidades, identidades e associativismo no Ideal Clube (Manaus, 1903-1920)*. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2021.

PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto (Org.). *Imprensa e Sociedade na Amazônia 1870-1930*. Manaus – AM: Editora CRV. 2017, p. 21.

PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto. *Imprensa e Sociedade nos Confins da Amazônia (1880-*

- 1920). *Diálogos*, Maringá, v. 18, ed. 1, p. 297-323, 2014.
- PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. A cidade sobre os ombros: Trabalho e conflito no porto de Manaus (1899-1925). *Projeto História*, São Paulo, ed. 16, 1998.
- PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *Folhas do Norte: Letramento e Periodismo no Amazonas (1880-1920)*. 3ª ed. Manaus - AM: Edua, 2015.
- PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *Imprensa e cultura letrada no Amazonas, 1889-1930*. ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História, Fortaleza, p. 1-11, 2009.
- RÉMOND, René. *O Século XIX: 1815-1914*, 8ª ed., São Paulo: Cultrix, 2002.
- REGULAMENTO *Geral da Instrução Pública: a que se refere o Decreto nº 892 de 19 de Janeiro de 1909*. Manaus: Secção de Obras da Imprensa Oficial, 1909.
- ROIZ, Diogo da Silva. A interpretação da "História Total" no Pensamento de Fernand Paul Braudel entre 1949 e 1958. *Biblos*, Rio Grande, ed. 23, p. 185-217, 2009.
- SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: riquezas produzindo a Belle Époque*. 3ª ed. Belém: Paka-Tatu, 2010.
- SARLO, Beatriz. *Una modernidad periférica: Buenos Aires 1920 y 1930*. 3ª ed. Buenos Aires: Nueva Visión, 1999., p. 17.
- SANTOS, Dhyene Vieira dos. *Motoristas e Condutores de bondes em Manaus: Sociabilidade, cultura associativa e greves (1899-1930)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2020.
- SANTOS JÚNIOR, Paulo Marreiro dos. *Manaus da Belle Époque: tensões entre culturas, ideais e espaços sociais*. XXVII Simpósio Nacional de História: Conhecimento histórico e diálogo social, Natal, 2013.
- SEVCENKO, Nicolau *et al.* *História da Vida Privada no Brasil: República: da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SILVA, Francisco Gomes da. *Cronografia de Itacoatiara*. Manaus: Papyros, Ind. Gráfica e Com. Ltda., 1997.
- SILVA, Francisco Gomes da. *Cronografia de Itacoatiara*. Imprensa Oficial do Estado do Amazonas. Manaus. v.2. 1998.
- SILVA, José Rubisten da. *Redes de Aviamento da Borracha e a Organização Espacial de Fortaleza do Abuanã/Amazônia*. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2010.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 4ª ed. Rio de Janeiro: MAUAD, 1999. 501 p.
- SOUZA, Murilo Mendonça Oliveira de. *Entre a ferrovia do diabo e o trem fantasma: uma*

viagem pela história da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. *CAMPO-TERRITÓRIO*: revista de geografia agrária, Uberlândia, ano 2010, v. 5, n. 9, p. 237-246, 2010.

SOUZA, Leno José Barata. Cultura Impressa no Amazonas e a Trajetória de um Jornal Centenário. *Tempos Históricos*, Paraná, v. 14, p. 106-133, 2010.

TELES, Luciano Everton Costa. *A Vida Operária em Manaus: Imprensa e Mundos do Trabalho (1920)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2008.

TELES, Luciano Everton Costa. *Construindo redes sociais, projetos de identidade e espaços políticos: a imprensa operária no Amazonas (1890-1928)*. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

TELES, Luciano Everton Costa. História da Imprensa no Amazonas. In: QUEIRÓS, César Augusto B. et al. *Historiografia Amazonense em Perspectiva*. Manaus: Valer, 2020. p. 371-402.

THOMPSON, Edward Palmer. *A Formação da Classe Operária Inglesa*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

THOMPSON, John B. *Ideologia e Cultura Moderna: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. 9ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 1998.

TRUSZ, Alice Dubina. Cinema e imprensa ilustrada nos anos de 1910: a vida passa e as imagens ficam. *Orson – Revista dos Cursos de Cinema do Cearte*. UFPEL, v. 1, p. 9 – 29, 2011.

VALIM, Patrícia. *Da Sedição dos Mulatos à Conjuração Baiana de 1798: a construção de uma memória histórica*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

WEINSTEIN, Barbara. *A Borracha na Amazônia: expansão e decadência 1850-1920*. São Paulo: HUCITEC: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

WILLAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

ZICMAN, René Barata. História a través da imprensa – algumas considerações metodológicas. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História do Departamento de História da PUCSP*. São Paulo: PUCSP, n. 4, 1985.